



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Vânia Cristina Alves Cerqueira

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestrado em Educação Pré-Escolar e
Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

A Expressão e Educação Físico-Motora no 1º CEB:
Das perceções à realidade prática

Trabalho efetuado sob a orientação da(o)
Doutora Linda Saraiva e
Doutor César Sá

Fevereiro de 2017

“Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida,
que sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.”
(Gedeão, 1956)

AGRADECIMENTOS

É chegado o final deste trilho, mas este é um dos principais trajetos já percorridos que são parte integrante desta viagem que ainda agora começou. Durante anos foi tempo de sonhar e idealizar até começar o trilho e passar à fase de planeamento e preparação (formação académica - mestrado).

Agora dou-me conta que este percurso já iniciou, e por isso aqui expresso a minha gratidão para com todos aqueles que cruzaram o meu trilho e de alguma forma colaboraram, contribuíram, guiaram e caminharam a meu lado.

À minha estrela orientadora, Doutora Linda Saraiva, por me envolver e guiar nesta aventura. Por todas as horas que disponibilizou para reunirmos, fossem feriados, fins de semana ou até férias; por todos os telefonemas, muitos deles bem tardios; por todas as mensagens e troca de ideias. Pela cumplicidade criada no desenvolvimento desta aventura, por toda a sabedoria transmitida e todo o fascínio que reluzia quando fala da Educação Física e das preocupações que ainda estão subjacentes no ensino da mesma. Pelo exemplo de coragem e audácia que me foi transmitido, ainda que sem intencionalidade, em abraçar e concretizar mil e um projetos de uma só vez sem nunca desistir. Por nunca me deixar de orientar mesmo quando eu já perdia o trilho.

À luz do Doutor César Sá que, como um raio de sol, surgia nos momentos mais cruciais de um dia. Ao seu olhar crítico e construtivo que me levava a refletir e ao seu incentivo humorista que transmitia sempre que nos cruzávamos.

A todas as estrelinhas (coordenadora de curso Doutora Lina Fonseca e a todos os docentes) que iluminaram o meu caminho (percurso académico) por também elas contribuírem para a minha formação/preparação nesta viagem através da partilha dos saberes científicos e das suas experiências. De alguma forma transporte os saberes de todos na minha mochila.

Aos dois poços de sabedoria (Educadora e Coordenadora do Jardim e ao Professor Coordenador do 1ºCEB) que encontrei do decorrer do trilho e fortaleceram este sonho, esta vontade de ser, como em tempos disse: “...educadora ou professora”. Deles bebi tanto quanto pude a sua sabedoria e experiências práticas. Tive a grande sorte de poder acolher neste trilho dois grandes exemplos a seguir, que me evidenciaram as capacidades que dotava e me confessaram que este era o fado que me estava destinado.

A todas as flores (crianças/alunos) que surgiram no percorrer do trilho e floriram para mim. Juntos tivemos a oportunidade de aprender, de crescer e de colorir os nossos caminhos.

A todos aqueles que carinhosamente me receberam e aceitaram para pernoitar em suas casas (escolas) – os professores, as educadoras, as crianças, as colaboradoras, as famílias das crianças, bem como a todos os que gentilmente participaram neste estudo e contribuíram para a realização deste trabalho e para o culminar deste trilho.

A todos os exploradores (colegas de curso) que me acompanharam durante esta caminhada e que partilharam comigo todas as histórias (experiências) vividas em cada dia e as dificuldades sentidas, apoiando-nos uns aos outros, tentando nunca deixar ninguém para trás. Em especial à Cristina por todos os momentos vividos, todas as conversas, pelos fins de tarde roubados e pela partilha constante de conhecimento e motivação no término deste trilho; à Sandra pela verdadeira amizade e todo o apoio; à Susana e à Sofia por todas as confidências e conselhos partilhados, pelos telefonemas de desafogo e à minha única parceira de estágio pelo enorme desafio que me proporcionou.

Às pessoas mais importantes da minha vida que caminharam a meu lado percorrendo todos os percursos por mim desbravados e que jamais deixaram de acreditar em mim.

Em especial os meus pais, José e Maria, por me ensinarem a ser quem sou, por serem exemplos de vida, de luta, de força e de orgulho. Por todo o carinho e apoio que

me deram quando mais precisei. Por desculpabilizarem as minhas inquietudes e ansiedades vivenciadas e, sobretudo por me permitirem ser feliz e correr atrás deste sonho que já em criança ansiava.

Muito obrigada por serem Pais, por serem Meus!

À minha única e inquietada irmã Bé por todo o amor incondicional e todo o apoio, por me ligares a avisar que o jantar estava pronto e a saber do meu paradeiro, sempre que chegava a horas tardias a casa depois de uma jornada diária de trabalho na escola.

Ao meu querido Xu por cruzares esta viagem tão minha e mesmo assim queres continuar a viajar comigo. Obrigado por toda a paciência, por todos os dias escutares as minhas histórias e me encorajares nos momentos em que eu julgava o mundo desabar. Por me lebares a questionar e a refletir sobre as minhas práticas e por suavizares os momentos mais difíceis por mim encontrados.

Desejo que não desistas de ser o companheiro das minhas viagens!

À minha Vó pelo exemplo de coragem e por sempre se preocupar comigo e ao meu Vô que jamais será por mim esquecido, estará sempre no meu coração.

Desculpai-me todos vós que sois parte de mim (família) por todos os momentos em que não estive inteiramente presente, todas as ocasiões que vos fiz passar horas à minha espera, por toda a ajuda que vos pedia diminuindo já as vossas horas de descanso, por escutardes as minhas histórias sobre o que acontecia no dia a dia enquanto estagiária, e por poder junto de vós manifestar as minhas emoções e evidenciar o quanto me sentia realizada por poder viver tão profundamente o início do que sempre desejei.

**Agradeço a todos, de coração, por cruzarem e caminharem a meu lado
acompanhando-me nesta viagem!**

RESUMO

O presente relatório foi realizado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada II (PES II) do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (1ºCEB). Neste documento é apresentado o enquadramento da PES II, a reflexão sobre as práticas desenvolvidas no Pré-Escolar e 1ºCEB e, também, um estudo que visou conhecer e identificar as perceções dos professores titulares de turma (PTT), alunos e encarregados de educação (EE) relativamente à Expressão e Educação Físico Motora (EEFM) no 1º CEB, bem como conhecer a forma como esta disciplina é operacionalizada no contexto escolar. Este estudo qualitativo/interpretativo de natureza exploratória/descritiva envolveu 14 professores titulares, 279 encarregados de educação e 346 alunos dos 3º e 4º anos do 1º CEB, pertencentes a 4 agrupamentos de escola do distrito de Viana do Castelo. Para o efeito, utilizou-se o método *survey* recorrendo-se à aplicação de 3 inquéritos por questionário e à análise documental (plano curricular de turma e os horários escolares).

Sumariamente, e tendo em conta as perceções dos PTT, dos alunos, e dos EE, concluímos que a disciplina de EEFM não é lecionada de uma forma sistemática e com intencionalidade educativa, dado que na maioria das escolas, o programa de EEFM não é cumprido na íntegra. Para além disso, não é implementada no horário curricular, verificando-se em algumas escolas que esta disciplina é substituída pelas AEC-AFD. Esta realidade é muito preocupante, atendendo a que nem todas as crianças frequentam as AFD e não têm qualquer oportunidade de estimular e desenvolver a sua literacia motora, social, emocional, pondo em causa o seu desenvolvimento eclético.

Urge, assim, a necessidade de repensar e transformar a visão e a operacionalização do significado e das práticas da cultura motora no contexto escolar, familiar e social.

Palavras-chave: EEFM; 1º CEB; Perceções.

ABSTRACT

This report was developed in the scope of the Supervised Teaching Practice II (STP II), belonging to the Master Degree in Preschool Education and Primary School. It contains the framework of STPII, and the final reflexion of the practices developed on the preschool and primary school. Also, a study was designed to know and identify the perceptions of class teachers, students and parents regarding Physical Education (PE) in primary school, as well as to know how this discipline is operationalized in the school. This qualitative / interpretative study and exploratory / descriptive research involved 14 teachers, 279 parents and 346 students of 3rd and 4th years of the primary school, belonging to four school groups of Viana do Castelo district. For this purpose, the survey method was used and 3 questionnaire surveys and documentary analysis (class curriculum and school schedules) were applied.

In brief, and taking into account the perceptions of the class teachers, students and parents, we conclude that the PE is not taught systematically and with educational intentions, since in most schools and the PE program is not fulfilled in its entirety . In addition, it is not implemented in the curricular schedule, being verified in some schools that this discipline is replaced by the physical activity sports extracurricular. This reality is very worrying, given that not all children attend extracurricular activities and have no opportunity to stimulate and develop their motor, social and emotional literacy, undermining their eclectic development. It is urgent, therefore, the need to rethink and transform the vision and implementation of the meaning and practice of motor culture in schools, family and social.

Keywords: Physical education, primary school, perceptions.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO.....	v
ABSTRACT	vii
ÍNDICE DE ANEXOS	xi
ÍNDICE DE FIGURAS.....	xi
ÍNDICE DE QUADROS	xii
ÍNDICE DE TABELAS.....	xii
LISTA DE ABREVIATURAS	xiv
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA II	3
CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO	5
Caracterização do meio local	5
Caracterização do contexto escolar	5
Caracterização da sala	7
Caracterização da turma	8
Áreas de Intervenção.....	11
CAPÍTULO II - TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO	21
PROJETO DE INVESTIGAÇÃO	21
Pertinência do estudo e orientação para o problema de investigação	21
REVISÃO DE LITERATURA	25
A Educação Física.....	25
A importância no processo desenvolvimental da criança.....	27
A Educação Física no 1º Ciclo do Ensino Básico (Objetivos gerais e finalidades)	36
O papel do Professor	41
O papel da Família	44
Percepções dos pais e da comunidade escolar acerca do papel da Educação Física	45
METODOLOGIA	55
Opções metodológicas	55

Participantes.....	59
Instrumentos de recolha de dados	63
Análise de Dados.....	68
Calendarização	69
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	71
Análise da percepção dos Professores Titulares de Turma (PTT)	71
Análise da percepção dos Alunos.....	85
Análise da percepção dos Encarregados de Educação	93
Das percepções à prática da EEFM no contexto escolar: sistematização dos resultado	101
CONCLUSÕES	107
CAPÍTULO III – REFLEXÃO FINAL DA PES I E DA PES II.....	111
REFLEXÃO FINAL DA PES I E DA PES II.....	113
REFERÊNCIAS	121
ANEXOS.....	129

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 - Planificação ilustrativa das diferentes áreas de intervenção das PES II	131
Anexo 2 - Matriz curricular do 1.º CEB.....	149
Anexo 3 - Solicitação da autorização aos agrupamentos.....	151
Anexo 4 - Autorização dos alunos dirigida aos encarregados de educação	153
Anexo 5 - Questionário dirigido aos professores.....	155
Anexo 6 - Questionário dirigido aos alunos	156
Anexo 7 - Questionário dirigido aos encarregados de educação.....	159

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1– Habilitações literárias dos EE	10
Fig. 2 – Calendarização do estudo.....	69
Fig. 3 – Importância da EEFM no 1º CEB	74
fig. 4 – Importância da EEFM comparativamente às restantes disciplinas do 1º CEB.....	74
Fig. 5 – Conhecimento relativo ao programa de EEFM do 1º CEB.....	74
Fig. 6 – Blocos em que os PTT sentem ter menor preparação.....	76
Fig. 7 – % de PTT que afirma lecionar EEFM	77
Fig. 8 – % de PTT que afirma seguir o programa de EEFM.....	78
Fig. 9 – Duração média das aulas de EEFM dos PTT que lecionam a disciplina	80
Fig. 10 – Opinião dos PTT sobre a carga horária que deve ser atribuída às diferentes disciplinas .	82
Fig. 11 – Duração – Existência de AEC nas escolas.....	83
Fig. 12 – Duração – Duração – AEC relacionada com atividades físicas e desportivas	83
Fig. 13 – Conhecimento dos PTT sobre as atividades desenvolvidas/implementadas nas AEC	84
Fig. 14 – Atividades desenvolvidas nas AEC.....	84
Fig. 15 – Frequência semanal de EEFM	85
Fig. 16 – Duração da aula de EEFM	85
Fig. 17 – Perceção dos alunos sobre quem leciona a EEFM.....	86
Fig. 18 – Blocos que os alunos gostam mais de realizar nas aulas de EEFM.....	88
Fig. 19 – Blocos que os alunos costumam realizar nas aulas de EEFM	89
fig. 20 – Existência de AEC nas escolas.....	92
Fig. 21 – participação dos alunos nas AEC -AFD.....	92
Fig. 22 – Blocos/atividades desenvolvidas nas AEC - AFD.....	93

Fig. 23 – Frequência semanal de EEFM	94
Fig. 24 – Duração da aula de EEFM	94
Fig. 25 – Perceção dos EE sobre as “matérias/atividades” (Blocos) desenvolvidas nas aulas de EEFM.....	96
Fig. 26 – Razões/motivos em considerar a EEFM uma disciplina importante para o desenvolvimento do educando.....	97
Fig. 27 – Atividades praticadas fora do contexto escolar.....	99
Fig. 28 – Razão da frequência por parte dos educandos nas atividades extracurriculares	100

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro Sinótico 1 – Lecionação da EEFM em cada escola na perspetiva dos alunos, encarregados de educação e dos PTT	101
Quadro Sinótico 2 – Perceções dos diferentes grupos inquiridos sobre a implementação da EEFM e AEC-AFD.....	103

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Profissão dos EE.....	10
Tabela 2 - Recomendações Comissão Europeia - Desporto 2014/2015	30
Tabela 3 - Blocos e objetivos presentes no programa de EEFM do 1ºCEB	37
Tabela 4 - Síntese de estudos empíricos	47
Tabela 5 - Participantes no estudo.....	59
Tabela 6 - Caracterização dos participantes em função do agrupamento/ escola.....	60
Tabela 7 - Caracterização dos participantes em função do género	60
Tabela 8 - Caracterização dos alunos em função do ano de escolaridade e a idade	60
Tabela 9 - Caracterização dos encarregados de educação em função da habilitação académica e da idade.....	61
Tabela 10 - Caracterização dos professores em função da habilitação académica e a idade	62
Tabela 11 - Caracterização dos professores em função do tempo de serviço.....	62
Tabela 12 - Oferta das AEC-Atividades Físicas e Desportivas nas escolas e da prática de EEFM prevista nos horários recolhidos	62
Tabela 13 - Organização do questionário dos professores	65
Tabela 14 - Organização do questionário dos alunos	67

Tabela 15 - Organização do questionário dos encarregados de educação.....	67
Tabela 16 - Opinião dos PTT sobre agente educativo que deverá ser responsável pela leção da EEFM.....	71
Tabela 17 - Obrigatoriedade da disciplina de EEFM no 1º CEB.....	73
Tabela 18 - Adequação da formação inicial dos PTT para lecionar a EEFM no 1ºCEB.....	75
Tabela 19 - Necessidade em realizar formação específica no âmbito EEFM.....	75
Tabela 20 - Nível de confiança/segurança na leção da EEFM	75
Tabela 21- Blocos que os PTT costumam trabalhar	79
Tabela 22 - Frequência semanal de EEFM reportada pelos PTT.....	80
Tabela 23 - Opinião dos PTT sobre adequabilidade do tempo letivo estipulado para a EEFM	81
Tabela 24 - Tens aulas de EEFM	85
Tabela 25 - Grau de satisfação dos alunos pelas aulas de EEFM	87
Tabela 26 - Satisfação dos alunos em ter um aumento da frequência das aulas de EEFM.....	87
Tabela 27 - Quantidade de vezes por semana que os alunos gostariam de ter EEFM	87
Tabela 28 - Disciplina que os alunos mais gostam	90
Tabela 29 - Importância da EEFM em relação às restantes disciplinas.....	90
Tabela 30 - Razões/motivos em considerar a EEFM uma disciplina importante.....	91
Tabela 31 - % de educandos que frequentam aulas de EEFM reportados pelos EE.....	94
Tabela 32 - Quem leciona EEFM na opinião dos EE	95
Tabela 33 - Conhecimento dos EE sobre as “matérias/atividades” (Blocos) que o educando realiza nas aulas de EEFM.....	95
Tabela 34 - Opinião dos EE sobre a importância da EEFM para o desenvolvimento do educando.	97
Tabela 35 - Importância da EEFM comparada às restantes disciplinas	98
Tabela 36 - Frequência do educando em atividades fora do contexto escolar reportadas pelo EE	98
Tabela 37 - Importância da EEFM comparada às restantes disciplinas na opinião dos EE	99
Tabela 38 - Frequência do educando em atividades fora do contexto escolar	100

LISTA DE ABREVIATURAS

AEC - Atividades de Enriquecimento Curricular

AFD - Atividade Física e Desportiva

ARE - Atividades Rítmicas Expressivas

CE - Comissão Europeia

CEB - Ciclo do Ensino Básico

CNAPEF - Conselho Nacional das Associações de Professores e Profissionais de Educação Física

CNE - Conselho Nacional de Educação

CONFEF - Conselho Federal de Educação Física

EE - Encarregados de educação

EEFM - Expressão e Educação Físico-Motora

EF - Educação Física

INE - Instituto Nacional de Estatística

ME - Ministério da Educação

PES I - Prática de Ensino Supervisionada I

PES II - Prática de Ensino Supervisionada II

PTT - Professor Titular de Turma

SPEF - Sociedade Portuguesa de Educação Física

UNESCO - Organização das Nações Unidas

WHO - World Health Organization

INTRODUÇÃO

O presente relatório enquadra-se no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), integrado no Mestrado de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (CEB) da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo. Este relatório tem como objetivo primordial refletir sobre o percurso académico realizado na PES II e evidenciar o trabalho de investigação desenvolvido no âmbito da Educação Físico-motora.

Este relatório encontra-se organizado através de três capítulos:

No primeiro capítulo é contextualizada a PES II através de uma breve caracterização do meio, do espaço e da turma bem como, de um modo sucinto, são descritas as áreas de intervenção da prática pedagógica.

No segundo capítulo é apresentado o trabalho de investigação. Este é composto por 4 partes que o integram onde, numa fase inicial é abordada a pertinência do estudo, o problema e questões de investigação, seguindo-se a revisão de literatura, a metodologia utilizada, especificando os instrumentos de recolha de dados utilizados e a caracterização dos participantes. E por último, a apresentação e a discussão dos resultados, bem como as conclusões e limitações do estudo.

O terceiro capítulo finda, este relatório, com uma reflexão global sobre o percurso concretizado no decorrer da PES I (Pré-Escolar) e da PES II (1º CEB).

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA II

CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO

O presente capítulo contempla a caracterização do contexto educativo, bem como da turma em que decorreu a PES II.

Inicialmente é apresentada uma pequena descrição do meio local, seguindo-se a caracterização do agrupamento e da escola.

Já no final deste capítulo é redigida uma, sucinta, descrição sobre as diferentes áreas de intervenção inerentes às implementações concretizadas no decorrer da PES II. A título de exemplo, é apresentada uma das planificações realizadas onde se evidencia a interdisciplinaridade/conexões realizadas entre as diferentes disciplinas.

Caracterização do meio local

A Prática de Ensino Supervisionada II (PES II) decorreu numa das 27 freguesias¹ localizada nos subúrbios da sede do concelho de Viana do Castelo. Este concelho contém uma área de 319,02 km² e alberga, de acordo com os resultados dos Censos (INE, 2011), uma população de 88.725 habitantes dos quais 41889 pertencem ao sexo masculino e 46836 ao sexo feminino.

No que diz respeito à freguesia, onde se insere o contexto educativo, esta é constituída por 3.806 habitantes (INE, 2011) e detém uma área de 6,72 km². Embora seja considerada uma freguesia semi-urbana, apresenta um cariz rural, já que as principais atividades no setor laboral incidem sobretudo na agricultura, na indústria têxtil e ainda no comércio.

Caracterização do contexto escolar

O Centro Escolar em que se realizou a PES II insere-se num agrupamento de

¹ Com a reorganização administrativa em 2013, as de 40 freguesias até então pertencentes ao concelho de Viana do Castelo passaram a ser apenas 27, sendo que 19 destas mantiveram a sua estrutura inicial. Como tal, foram formadas 8 uniões de freguesias.

escolas que abarca 12 instituições de diferentes níveis de escolaridade, que vão desde o pré-escolar até ao ensino secundário.

O centro escolar caracteriza-se por ser um edifício recente, com uma edificação de dois pisos (rés-do-chão e 1º andar) e por possuir uma ampla área exterior.

No seu interior pode-se encontrar sete salas de aula destinadas ao 1º CEB e duas salas para o Pré-Escolar (uma destina-se às atividades de grupo e a outra é utilizada para as atividades realizadas no período de prolongamento do horário das crianças). Todas as salas estão equipadas com computadores, com a particularidade de apenas quatro possuírem um quadro interativo destinados aos terceiros e quartos anos. Existe uma sala para professores, uma sala para a coordenação da escola, um gabinete médico de primeiros socorros, uma biblioteca (incluída na rede de bibliotecas escolares), um polivalente (normalmente utilizado para o desenvolvimento do projeto escolar – Folclore, para a prática de EEFM ou para outras atividades).

Além disto, ainda neste piso, existe um gabinete de material didático, uma sala de professores (que tem como funcionalidade auxiliar a realização do apoio aos alunos), comporta uma cantina com capacidade para 200 alunos, um espaço para exposições, diversos gabinetes para arrumos e inúmeras casas de banho devidamente equipadas e adequadas, quer para as crianças do ensino pré-escolar, quer para os alunos do 1º CEB, assim como para professores e assistentes operacionais. Existem casas de banho equipadas e adaptadas para crianças ou adultos portadores de deficiências motoras.

No que respeita ao espaço exterior do edifício existem amplas zonas relvadas, um campo de basquetebol, destinado à prática de jogos, uma zona coberta para os dias de chuva e um parque infantil destinado, prioritariamente, para as crianças do pré-escolar.

É de salientar que ambos os espaços integrantes desta escola reúnem boas condições para crianças portadoras de deficiências motoras, quer no espaço exterior como no interior. Assim sendo, a escola dispõe de uma plataforma elevatória para transporte de crianças e adultos que apresentem algum tipo de um défice motor, o que permite a deslocação desde o rés-do-chão até ao 1º piso. Desta forma não existem barreiras que impossibilitem a inclusão destas crianças nas escolas, já que o espaço está pensado e adaptado para tal.

Para além destas valências, a escola detém ainda diversos materiais didáticos que possibilitam a melhoria das aprendizagens dos alunos nas diversas áreas do saber, tais como: cartazes, mapas, blocos lógicos, material culinaire, sólidos geométricos, material de medição e balanças, tangrans, geoplanos, compassos, régua, esquadros, entre outros.

No polivalente pode-se encontrar material de apoio à prática desportiva ou de desenvolvimento motor, quer para o pré-escolar como para o 1º ciclo, nomeadamente: bolas, cordas, bancos suecos, raquetes, patins, arcos, colchões, entre outros. Ainda assim o centro escolar tem a possibilidade de realizar a requisição de outros materiais à sede do agrupamento.

Para além das atividades praticadas neste espaço, como anteriormente foi mencionado, o mesmo é disponibilizado para a realização da componente do apoio à família e para as atividades realizadas pelas crianças nos períodos de intervalo, quando o tempo não o permite. Assim sendo para além dos materiais acima mencionados, pode-se encontrar neste espaço uma aparelhagem e um retroprojektor.

Durante o desenvolvimento da PES II pertenciam a este centro escolar cerca de 173 alunos distribuídos pelos diferentes níveis de ensino: fazem parte do pré-escolar 25 crianças de diferentes faixas etárias; ao 1º ano pertencem 32 alunos, ao 2º ano 34, ao 3º ano 42 e ao 4º ano pertencem 40. Ainda no 1º CEB existem 4 crianças detetadas com Necessidades Educativas Especiais distribuídas pelo 2º, 3º e 4º ano. Para além dos alunos, faziam parte deste centro escolar 7 professores titulares de turma (PTT) do 1º CEB; 2 professores de expressões; 2 professores de apoio e 8 assistentes operacionais.

Trata-se assim de uma escola inclusiva pois reúne boas condições, quer estas sejam físicas (materiais e condições) ou humanas (pessoal qualificado) para todas as crianças que nela estudam ou possam vir a estudar.

Caracterização da sala

No que concerne à caracterização da sala de aula onde decorreu a intervenção, por se tratar de um espaço amplo, foi possível realizar um ajuste na organização e

disposição dos materiais com o intuito de colmatar as necessidades dos alunos e favorecer a aprendizagem de todos.

A sala está assim equipada no seu exterior com um banco de apoio e um bengaleiro que serve os alunos da turma, de modo a permitir uma maior rentabilidade do espaço no interior da mesma.

No interior desta, pode-se encontrar um quadro branco, um quadro interativo, um projetor, um computador e 2 colunas, uma impressora, uma secretária e respetiva cadeira para o docente. Dispõe ainda de um grande armário que visa armazenar, quer documentos e materiais de toda a turma como de cada aluno, ou ainda os materiais didáticos. Também possui um espaço adaptado para a exposição de recursos ou trabalhos concretizados pelos alunos, um espaço com uma pequena bancada em mármore onde se insere um “lava-loiça” para apoiar na realização de trabalhos manuais. Fazem parte da sala 13 mesas dispostas em “U”, 26 cadeiras, uma mesa de apoio aos trabalhos práticos desenvolvidos, e 3 radiadores para garantir o aquecimento/bem-estar em sala de aula. É notório a qualidade dos equipamentos e do espaço.

Caracterização da turma

A turma em causa é composta por vinte e três alunos, sendo doze do sexo feminino e os restantes do sexo masculino. Destes vinte e três alunos, vinte e um transitaram da turma do ano passado, enquanto dois alunos foram transferidos, de escolas situadas na freguesia de Darque, integrando pela primeira vez este ano a turma e o centro escolar. Na generalidade é uma turma que se encontra na faixa etária dos oito anos, e sem reprovações à exceção de dois alunos que não transitaram uma vez no segundo ano. Todavia é de salientar a existência de um aluno com dez anos.

A nível comportamental a turma apresenta algumas dificuldades em cumprir as regras básicas de sala de aula, como também não possui uma postura de trabalho adequada, pois persistem em conversas paralelas quando o docente está a falar e sobretudo durante a concretização dos exercícios, mais concretamente no decorrer da realização de atividades de cariz individual. Alguns alunos ainda apresentam

dificuldades em esperar pela sua vez de falar e em respeitar a vez dos colegas.

É uma turma que carece de alguma autonomia na realização das tarefas já que estão sistematicamente a pedir o apoio do docente e/ou da estagiária. Todavia, os alunos revelam espírito de cooperação entre eles e demonstram-se bastante participativos e interessados, embora existam momentos em que a intervenção de determinados alunos não seja apropriada e adequada.

Relativamente às diferentes áreas de ensino, trata-se de uma turma com resultados bastante satisfatórios, sendo que a área mais destacada é a do estudo do meio e a área onde apresentam maiores dificuldades é a da matemática.

É de salientar que os alunos que apresentam maiores dificuldades demonstram um défice na atenção e concentração, daí que a quatro alunos foi necessário elaborar um Plano de Intervenção Pedagógico Individual, direcionado para as disciplinas do Português e da Matemática. Todavia, verifica-se que estes alunos quando acompanhados por um adulto (professor de apoio, professor titular e/ou professora estagiária), que lhes permita orientar a realização das tarefas/atividades propostas, de modo individualizado, revelam uma maior predisposição e interesse pela realização autónoma das atividades. Percebe-se ainda que desta maneira os alunos se tornaram mais ativos e confiantes promovendo as aprendizagens e o acompanhamento do grupo.

No que ao contexto familiar da turma diz respeito, os Encarregados de Educação (EE) são maioritariamente detentores do nível do 3º CEB, seguindo-se o ensino secundário e posteriormente o 2º ciclo. Todavia é de evidenciar que apenas 13% dos EE são possuidores de formação académica de nível superior, como se pode constatar na figura que se segue.

Habilitações Literárias

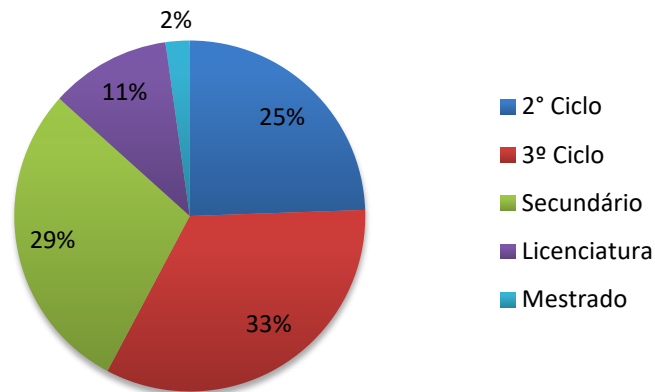


Fig. 1– *Habilitações literárias dos EE*

Relativamente à caracterização profissional dos EE, segue abaixo na seguinte tabela (1) na qual estão mencionadas todas as ocupações profissionais dos mesmos.

Tabela 1- *Profissão dos EE*

Profissão	N=	Profissão	N=
Ajudante de cozinha	1	Jurista	1
Assistente operacional	2	Livreira	1
Carpinteiro(a)	2	Metalúrgico	1
Carteiro(a)	1	Motorista	1
Chapeiro	1	Operador(a) de caixa	1
Chefe fabril	1	Operário(a) fabril	3
Construtor civil	2	Operário(a) têxtil	1
Contabilista	1	Pedreiro	1
Costureiro(a)	1	Pintor(a) Construção Civil	1
Desempregado(a)	2	Professor(a)	1
Doméstico(a)	3	Rececionista	1
Eletricista	1	Responsável de loja	1
Empregado(a) de balcão	2	Serralheiro mecânico	1
Empregado(a) Têxtil	1	Técnico(a) de compras	1
Empresário(a)	1	Técnico(a) Sup. de Hig. e Seg.	1
Enfermeiro(a)	1	Torneiro mecânico	2
Escriturária	1	Vigilante de Segurança	1
Esteticista	1		

À exceção de dois EE que não pertencem ao mesmo agregado familiar, o nível socioeconómico dos contextos familiares da turma não apresentam grandes dificuldades já que a maioria se encontra empregado.

Relativamente à participação dos EE na educação dos seus educandos, maioritariamente, estes revelam um grande interesse e preocupação pelo seu desenvolvimento, procurando de uma forma regular o PTT ou recorrendo à caderneta do aluno para obter essas mesmas informações.

Áreas de Intervenção

O período em que decorreu a PES II teve início na semana de 29 de setembro de 2014 e findou na semana de 12 de janeiro de 2015. Como tal, a PES II foi desenvolvida, concretamente durante 14 semanas.

A fase inicial da PES II teve a duração de três semanas, durante as quais se pretendia a realização de observações que visassem dar a conhecer e a compreender, o horário e os hábitos da turma; os métodos e estratégias praticados pelo professor cooperante; os comportamentos e os diferentes níveis de aprendizagem da turma e de cada aluno em particular. Houve a possibilidade de averiguar o modo de funcionamento do centro escolar, e sobretudo de conhecer e de me integrar no contexto, estabelecendo relações de proximidade com os alunos e demais elementos pertencentes à comunidade escolar.

Depois de realizado este processo procedeu-se a fase de intervenção/implementação da PES II, com a durabilidade de onze semanas, sendo que numa das semanas a implementação ocorreu durante cinco dias e, uma outra implementação de apenas dois dias incidiu sobre a avaliação final (auto e hetero avaliação) dos alunos, bem como a organização dos dossiês, já que a festa de natal se concretizaria na semana anterior. É de salientar que excetuando as duas semanas anteriormente mencionadas, as restantes regências ocorreram sempre nos três primeiros dias de cada semana.

Assim sendo, no decorrer das onze semanas, apenas cinco se destinaram à minha regência, durante a qual tive a possibilidade de realizar planificações, intervenções e reflexões relativas à prática que fui desenvolvendo enquanto professora estagiária.

Uma vez que não tinha par de estágio, as semanas que lhe seriam destinadas a reger eram regidas pelo professor cooperante. Nesse sentido, realizou-se um trabalho de colaboração e apoio mútuo. Valeu assim, o trabalho de coadjuvação praticado com o professor cooperante de modo a haver harmonia e articulação de semana para semana relativamente ao trabalho que ia sendo desenvolvido.

Ao longo das regências foi possível abordar as diferentes áreas curriculares: português, matemática, estudo do meio (físico e social) e as expressões (artísticas: plástica, dramática, musical e, a educação físico-motora), foi igualmente possível respeitar: o horário da turma; as planificações anuais de referência delineadas pelo departamento do 1º CEB do agrupamento para cada unidade curricular e para cada um dos três períodos letivos; o projeto curricular de turma e o plano anual atividades de escola e do agrupamento como também, os programas e metas curriculares para o 1º CEB e ainda a planificação informal dos conteúdos e atividades distribuídos por cada semana².

Posto isto, e tendo em consideração o tempo que detinha assim como o tempo estipulado para cada disciplina, nem sempre foi possível desenvolver todas as áreas e domínios, porém foi sempre uma das preocupações tidas em causa de maneira a tentar articular e abordar os conteúdos e domínios das diferentes áreas de semana para semana.

É de salientar que como apenas havia uma hora à segunda-feira destinada às expressões, mais propriamente direcionada para a expressão plástica, a grande maioria dessas implementações incidiram sobre o desenvolvimento da mesma, sendo que outras áreas foram exploradas nesse horário, mas também em outros momentos dos dias de regência.

² Documento disponibilizado pelo professor cooperante, comum a todos os PTT das escolas do agrupamento com o mesmo ano de escolaridade, e a ser seguido com o intuito de harmonizar a leção dos conteúdos entre as escolas.

Como tal, nas diferentes áreas curriculares foi possível abordar os diferentes domínios que lhes eram subjacentes, sempre com o intuito de desenvolver atividades didáticas, dinâmicas e motivadoras e que acima de tudo potenciassem o interesse, a significação (conexão com a realidade) e a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos.

Sendo assim, na disciplina de Português foi possível abordar os diferentes domínios de referência: o da *oralidade*, da *leitura e escrita*, da *educação literária*, e da *gramática*.

No *domínio da oralidade* potenciou-se a produção de discursos orais; a mobilização de vocabulário novo e variado, o reconto, a descrição e o conto e partilha das vivências dos alunos. Já no *domínio da leitura e escrita* foram abordados diferentes tipos e formas de leitura; a identificação da informação relevante e acessória e ainda, a produção de diversos tipos de texto recorrendo à planificação, textualização e revisão (narrativo, instrucional, poético e textos diversos: carta, convite, diálogo) potenciando a melhoria e o gosto pela produção de textos. Para tal, foram criadas diversas estratégias que fossem ao encontro dos interesses dos alunos de modo a possibilitar a aquisição e aplicação dos conhecimentos, nomeadamente através do “Pódio dos textos” e da “Caixa das ideias”, cujo objetivo era auxiliar na produção de textos. No *domínio da gramática* foi possível abordar sinónimos, antónimos, relação entre palavras escritas e grafemas e fonemas: homónimas, pronomes pessoais, advérbios de negação e de afirmação; tipo de frases, configuração gráfica: parágrafo; translineação e incitando do uso mais frequente do dicionário. Relativamente ao *domínio da educação literária* foi possível potenciar a antecipação de conteúdos com base nos títulos e ilustrações; praticar diferentes tipos de leitura; escrever pequenos textos, ler e ouvir diversos textos literários, potenciar a escuta ativa, o reconto através do contacto com livro e de textos presentes no manual pertencentes a obras listadas pelo Plano Nacional de Leitura para o 3º ano, como foi o caso da obra: “As fadas verdes”.

Na Matemática foi possível abordar os domínios *números e operações*, *geometria* e *medida*, *organização e tratamento de dados*. Nesse sentido, no *domínio de números e operações* houve a possibilidade de trabalhar conteúdos sobre o algoritmo da subtração;

tabuada do 7; cálculo mental; reconhecer múltiplos, multiplicar por 10, 100 ou 1000 e resolução de problemas. Teve-se sempre a preocupação de pedir que os alunos explicitassem os seus raciocínios privilegiando a partilha com a turma através da correção dos mesmos no quadro, sempre que fossem distintos ou quando surgiam dúvidas, de maneira a que fossem colmatadas. Deste modo, os alunos tornavam-se “atores” aquando a explicitação do seu raciocínio para os colegas o que potenciava uma aprendizagem colaborativa. No *domínio da Geometria* pude abordar conteúdos como: polígonos, círculo e circunferência (raio, centro e diâmetro), e coordenadas. Quanto ao terceiro domínio, *organização e tratamento de dados*, incidiu sobre a resolução de problemas que envolviam a análise de dados com o intuito de determinar frequências absolutas, moda, e a amplitude.

No Estudo do Meio foi possível abordar conteúdos que aprofundem os conhecimentos relativos à natureza (caráter físico) e à sociedade (caráter social). Assim sendo, foram desenvolvidos os conteúdos inerentes ao *bloco 1: À Descoberta de si mesmo* e ao *Bloco 2: À Descoberta dos outros e das instituições*. No *bloco1* foram desenvolvidos conteúdos que potenciassem o conhecimento sobre “O seu corpo”, onde se pôde trabalhar os sistemas: digestivo, respiratório, e reprodutor, bem como abordar os fenómenos relacionados com as funções vitais associadas a esses sistemas; foi igualmente possível concretizar uma atividade experimental para perceberem a importância da digestão. Já no *bloco 2* foram desenvolvidos conteúdos que potenciassem o conhecimento sobre o “Passado do meio local”, onde se abordou: o património histórico local; figuras, símbolos da história; factos e datas importantes para a história local; vestígios do passado local; costumes e tradições; símbolos locais, regionais e nacionais. Assim sendo, recorreram-se a atividades de pesquisa que possibilitasse a construção de um dossiê de turma sobre o passado do meio local; foram convidados algumas pessoas para abordar diversos assuntos sobre cidadania e sobre as tradições e costumes do passado do meio local.

É de salientar que o instrumento de trabalho utilizado com maior frequência, nas áreas do português, matemática e estudo do meio, era o manual escolar, já este foi um dos conselhos que me fora requerido pelo PTT. Desta maneira, e em detrimento do que

me fora solicitado, procurei sempre que possível criar diversas tarefas dinâmicas que potenciassem o gosto e o interesse pelas diferentes áreas, envolvendo também as novas tecnologias.

Como tal, o manual foi considerado como sendo mais um dos muitos recursos que existem para desenvolver as diferentes temáticas e alcançar os objetivos propostos previamente estipulados. Esta fuga à excecionalidade no uso maioritário e sistemático do manual através da implementação de outros recursos mais atuais, diferenciadores e que estimulassem o interesse dos alunos revelou-se uma das formas potenciadoras na aquisição de conhecimentos por parte dos alunos. Como tal, privilegiei sobretudo o gosto pela produção de textos na área do português e, pelos conteúdos da matemática, já que eram um dos pontos onde a turma na generalidade apresentava maior dificuldade³.

Todavia é importante referir, que em muitos momentos eram realizadas tarefas que apelassem à consolidação e revisão dos conteúdos das diferentes áreas curriculares abordados pelo professor cooperante no decorrer das semanas de regência.

No que respeita às Expressões, como anteriormente foi mencionado, tentou-se durante o estágio desenvolver as Expressões artísticas: *plástica, dramática, musical* assim como a *Educação e Expressão Físico-motora*. Para esta unidade curricular, apenas estavam disponibilizadas três horas semanais, porém na primeira hora semanal (segunda) desenvolvia-se a expressão plástica e à sexta as restantes expressões, sendo que uma das horas era destinada à EEFM (lecionada pelo professor das expressões ou desenvolvida e dirigida por um convidado que se inseria no desenvolvimento do projeto de escola ligado às tradições da freguesia: “Folclore”).

Uma vez que implementava nos três primeiros dias da semana, como já foi mencionado, apenas detinha uma hora para desenvolver as expressões, de modo que o trabalho realizado incidia sobretudo na área de *Educação e Expressão Plástica*. Nesta área curricular foi possível potenciar a experimentação de técnicas diversas de expressão tendo em vista o aperfeiçoamento do recorte e o desenvolvimento da motricidade fina (elaboração do cartucho); a descoberta e organização progressiva de superfícies através do desenho e da pintura de forma pessoal e respeitando diferentes temas com recurso a

³ Necessidades verificadas ao longo do período inicial de observações, bem como evidenciadas pelo PTT.

diferentes técnicas e instrumentos (pontilhismo, compasso, régua). Em *Educação e Expressão Dramática* os alunos tiveram oportunidade de representar a lenda de “São Martinho” e apresentá-la à comunidade escolar que pertenciam (alunos, educadores e crianças do Pré-Escolar, professores e assistentes operacionais do centro escolar). No decorrer desta atividade potenciou-se a exploração dramática através da exploração da dimensão não-verbal (gestos, movimento de objetos) e da exploração do corpo, da voz e do espaço. No que à *Educação e Expressão Musical* diz respeito, os alunos tiveram oportunidade de preparar uma canção para apresentar no dia da festa de natal. Para tal teve-se bastante consideração os aspetos ligados à voz, nomeadamente, a entoação, o timbre, o respeito pelo ritmo e melodia da música de maneira a conseguirem reproduzir a canção corretamente. Sempre que possível, e em articulação com as outras áreas, as expressões iam sendo desenvolvidas.

Quanto à *Educação e Expressão Físico-Motora*, infelizmente, apenas foram desenvolvidas duas aulas onde, maioritariamente, foi trabalhado o bloco de Perícias e Manipulações e o de Deslocamentos e Equilíbrios, já que a turma ainda apresentava algumas dificuldades nesse âmbito. Desta forma, foram realizadas ações motoras básicas com bolas e concretizados deslocamentos de diversas formas, promovendo também o trabalho colaborativo, a integração de alunos novos na turma, a criação e o respeito pelas regras de funcionamento nas aulas de EEFM.

Tendo em consideração o que foi referido, ao longo das cinco semanas de implementações tentou-se, sempre que possível, privilegiar a interdisciplinaridade entre as diferentes disciplinas, desenvolvendo atividades que promovessem aprendizagens significativas para os alunos.

Sendo assim, conseguiu-se articular com o Português a Expressão Dramática, através da dramatização da peça de São Martinho, e a Expressão Plástica através da representação de frases criadas pelos alunos que continham palavras homónimas. Foi igualmente possível articular o Estudo do Meio através da pesquisa de informação com o objetivo de concretizar textos informativos, que compilados formassem um dossiê sobre o passado do meio local. Quanto à articulação desta com a Matemática, e simultaneamente com o Estudo do Meio, esta ocorreu através da exploração do texto:

“Cá em casa somos...”, onde se pretendia que os alunos através dos dados que o mesmo continha conseguissem identificar a quantidade de elementos pertencentes ao agregado familiar. Assim sendo, foi necessário recorrer ao cálculo mental e à organização de dados através de uma tabela.

Na disciplina da Matemática foi possível articular o Português, através da organização de dados, e a Expressão Plástica através da produção do desenho em que os alunos traçavam círculos e circunferências e os identificavam. Ainda houve a oportunidade de se articular o Estudo do Meio aquando a abordagem das coordenadas com advertências para a importância de uma alimentação saudável, bem como numa das atividades de confeção de uma receita.

Embora que de um modo informal (mas propício) foi possível abordar a unidade de medida grama e litro, assim como realizar alguns cálculos mentais para descobrir o dobro ou a metade.

Considerando ao que anteriormente foi mencionado, no Estudo do Meio houve a possibilidade de realizar conexões com o Português, com a Matemática, com a Educação e Expressão: Dramática e Plástica.

A título de exemplo das planificações realizadas, segue em anexo (1) uma planificação onde se pode verificar a interdisciplinaridade. No decorrer das planificações das tarefas, sempre que possível, procurou-se potenciar e privilegiar a interdisciplinaridade indo não só ao encontro das características da turma mas também ao encontro dos seus interesses. Assim sendo, esta articulação veio a confirmar-se num potenciador de aprendizagem, onde foi exequível a articulação dos diferentes conteúdos e domínios com as outras disciplinas.

Contudo, é de se ressaltar que os conteúdos foram sendo desenvolvidos de forma sistemática e, sempre que possível, em articulação com os conteúdos regidos nas semanas anteriores. Desta maneira criou-se uma linha condutora com significado, visando a aquisição de conhecimentos pela turma no seu todo e por cada um dos alunos.

CAPÍTULO II - TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

No presente capítulo abordar-se-á a pertinência do estudo, será explicitada a orientação para o problema e enunciadas as questões de investigação. É ainda apresentada a revisão de literatura que visa fundamentar o estudo. É descrita a metodologia utilizada, bem como a apresentação e discussão dos resultados e as conclusões do mesmo.

Pertinência do estudo e orientação para o problema de investigação

Atualmente é indiscutível a importância que a EF tem no desenvolvimento global das crianças e jovens, e que está consagrada no currículo escolar dos alunos desde o 1º até ao 12º ano de escolaridade.

De acordo com Matos (2000) é inegável o contributo da EF no 1º CEB no desenvolvimento da criança, pois para além de possibilitar e garantir aquisições motoras básicas, é também um elemento potenciador de outras áreas educativas e constitui, sem dúvida, uma estratégia fundamental alternativa ao estilo de vida sedentário que caracteriza a sociedade atual. Na opinião da mesma autora, a EF deverá ser uma atividade sistemática, carregada de intencionalidade educativa e ser “concebida de uma forma integrada com as outras áreas de aprendizagem e organizada de forma que dê prazer ao aluno” (Matos, 2000, p.22), e, como tal, a inexistência de Educação Física nas escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico pode retirar aos alunos o direito a um currículo completo, impossibilitando que estes usufruam dos benefícios desta disciplina curricular e dos valores individuais e sociais que lhe são inerentes. Esta possível realidade, a ser verdadeira, torna-se extremamente lesiva para a formação global das crianças e repercute-se negativamente no percurso escolar futuro das mesmas (CNAPEF & SPEF, 2006).

De facto, a legislação consagra que a EF é parte integrante do currículo do 1ºCEB e de carácter obrigatório, contudo é notório a desigualdade na carga horária estabelecida

pelo Ministério da Educação (ME) para 1º CEB⁴, na medida em que o Português e a Matemática dispõem de um mínimo de 7 horas semanais, e as Expressões apenas contemplam 3 horas. A este facto, acresce que a componente curricular de Educação e Expressão integra a Expressão Musical, Expressão Dramática, Expressão Plástica e a Expressão Físico-Motora. Assim, resta-nos saber qual o tempo mínimo disponibilizado, pelas escolas, para cada uma delas e particularmente para Expressão Físico-Motora? Será que a EF é efetivamente lecionada? Em caso afirmativo, quando, como e por quem? Ocorre em horário curricular obrigatório ou é substituída pelas Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) no âmbito do programa de Atividades Física e Desportiva que detém um carácter facultativo? Qual perceção dos alunos, dos professores e dos encarregados de educação sobre a operacionalização desta disciplina curricular no contexto escolar?

Na literatura encontramos alguns estudos que procuraram indagar as questões acima colocadas (Andrade, 2008; Coelho, 2016; Sousa, Moura & Antunes, 2016; Ventura, 2014), todavia centram-se particularmente em ciclos de ensino mais avançados (2º e 3º Ciclo, e secundário). No 1º CEB e particularmente nas escolas do concelho de Viana do Castelo desconhecemos qualquer estudo sobre esta problemática. Para além desta constatação, importa salientar que as questões/ dúvidas apontadas anteriormente, emergiram da PES II ao depararmos-nos que a EEFM não era lecionada pelo professor titular de turma e que a sua implementação era praticamente inexistente. Aliás, cenário semelhante foi também reportado por colegas que efetuavam a PES II em outros contextos escolares, não obstante tudo aquilo que nos foi ensinado no processo da nossa formação inicial e avançada e o que está estabelecido nos programas oficiais para o 1º CEB.

Face ao exposto, torna-se pertinente conhecer e identificar as perceções dos professores titulares de turma, dos alunos e dos respetivos encarregados de educação, não só com o intuito de conhecer as opiniões destes sobre a EF, mas também conhecer a forma como EF é operacionalizada nas escolas do 1º CEB.

No sentido de aprofundar o conhecimento sobre esta problemática, definimos

⁴ Decreto-Lei nº 176/2014, de 12 de dezembro. (Anexo 2)

duas questões centrais, a saber:

- Quais as percepções dos Professores Titulares de turma, dos Alunos e dos Encarregados de Educação sobre a importância da EEFM, e sua implementação no contexto escolar?
- Na prática, como é implementada / operacionalizada a EEFM nas escolas do 1º CEB (quando, como e quem a implementa)?

REVISÃO DE LITERATURA

A Educação Física

A Educação Física pode ser definida como uma área científica interdisciplinar que engloba “os conhecimentos e processos de investigação das atividades físicas em qualquer contexto que se realizem e por quaisquer que sejam os sujeitos” (Brás & Bom, 2002, p.28). De acordo com a perspectiva destes autores, a Educação Física apresenta como objetivo o desenvolvimento do indivíduo ao nível da prática educativa das atividades físicas, tanto como processo pessoal como processo social. A Educação Física contempla múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito do corpo e do movimento (Matos, 2000). As atividades culturais de movimento com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções e com possibilidades de promoção, recuperação e manutenção da saúde (Matos, 2000), são também parte integrante da Educação Física.

Na Educação Física Escolar é necessário que a aprendizagem garanta ao aluno o acesso ao conhecimento prático e concetual desta área da atividade humana (Brás & Bom, 2002). É fundamental que a conceção subjacente a esta disciplina seja o mais abrangente possível, completando todas as dimensões envolvidas na prática corporal (Brás & Bom, 2002). Segundo estes autores é importante sublinhar que os objetivos da educação física escolar não têm que ser necessariamente os mesmos do desporto, ou da dança, ou de outras atividades, mas sim o de dar oportunidade a todos os alunos para que desenvolvam as suas potencialidades, tornando-os um seres humanos autónomos, críticos, organizados, sabendo respeitar os outros e ser respeitado (PCN, 1997).

O desenvolvimento deve ser encarado ao longo da escolaridade, não se limitando a uma certa faixa etária, pois cada uma possui as suas características e as suas necessidades, “tendo para isso de se encontrar o ritmo, a oportunidade e a duração adequadas, num quadro de atividades físicas diferenciadas e diferenciadoras” (Brás & Bom, 2002, p. 28).

A EF, como se referiu, não se limita à formação das aptidões físicas do indivíduo e transcende a dimensão puramente recreativa (CE, EACEA & Eurydice, 2013). A participação em diversas atividades físicas exige um “conhecimento e uma percepção focalizados em princípios e conceitos como ‘regras de jogo’, competição leal e respeito, consciência tática e física, assim como uma consciência social, associada à interação pessoal e esforço de equipa em variados desportos” (CE, EACEA & Eurydice, 2013, p. 11). Os objetivos que transcendem a educação física e o desporto como uma boa saúde, um desenvolvimento pessoal sólido e a inclusão social dão maior peso à importância de incluir esta disciplina no currículo escolar (CE, EACEA & Eurydice, 2013).

Carreiro da Costa (2005) defende uma Educação Física que se oriente pelo princípio fundamental da promoção da aprendizagem e do desenvolvimento de competências técnico-motoras (e.g., competências para nadar, agarrar uma bola), sócio motoras (e.g., aceitar a vitória e as derrotas, saber cooperar) e reflexivas (e.g., conhecer os benefícios da atividade física). A Educação Física deve ser global e inclusiva, ou seja, deve proporcionar situações de aprendizagem em todas as áreas que constituem a componente de extensão da cultura do movimento a todos os alunos. A EF deve ainda ser emancipadora, na medida em que deve preparar os jovens para uma participação gratificante na cultura do movimento e que, também, dedique especial atenção à promoção de estilos de vida ativos e saudáveis, possibilitando o desenvolvimento global do ser humano (Carreiro da Costa, 2005; Ministério da Educação, 1992; Miranda & Afonso, 2006; Santos, 2004).

Também Miranda e Afonso (2006) consideram que a EF visa estruturar e instruir a pessoa no sentido de desenvolver e potenciar o movimento, uma vez que esta aprendizagem, para além de ser transversal a outros conteúdos/aprendizagens permanecerá na vida dos alunos. Como tal, é *necessário cada um ter “ consciência do próprio corpo, estar em sintonia com ação, tirando o melhor do movimento”* (Miranda & Afonso, 2006, p.924).

Para Lopes (2014), a EF educacional contribui para o estabelecimento de hábitos de prática de atividade física, para que os mesmos se mantenham para além do período de permanência na escola. Assim, a EF não pretende apenas criar condições para os

alunos melhorarem as suas capacidades físicas, mas, também, criar hábitos duradouros de prática de atividade física "... que sejam uma fonte de diversão, satisfação e diminuição dos factores de risco para a saúde inerentes à vida sedentária" (Haywood, 1991 citado por Lopes, 2014, p. 33).

De facto, é hoje comum aceitar-se a ideia de que a EF não se deve limitar apenas aos princípios da técnica, da eficiência e do desempenho motor, na medida em que diversos estudos têm vindo a demonstrar que esta componente curricular, lentamente, tem vindo a quebrar a prática mecanicista e autoritária que a guiou durante imensos anos e tem vindo a adotar uma prática pedagógica reconhecida e valorizada ao nível educacional (Miranda & Afonso, 2006).

A importância no processo desenvolvimental da criança

Quando pensamos na EF, devemos ter em conta três aspetos primordiais: o ecletismo, integrando os diferentes tipos de atividade física; a inclusividade, no que diz respeito à adaptação e às necessidades de cada aluno e, por fim, a multilateralidade, tendo como propósito o desenvolvimento dos alunos em todas as áreas da sua personalidade, desenvolvendo a aptidão física bem como a cultura motora (CNAPEF, 2002).

A importância que a EF tem na educação dos alunos está associada com os benefícios que estes podem usufruir, através de uma conceção que se focaliza no valor educativo da atividade física pedagogicamente orientada para o desenvolvimento multilateral e harmonioso do aluno, definindo-se como a apropriação das habilidades técnicas e conhecimentos, na elevação das capacidades do aluno e na formação de aptidões, atitudes e valores, proporcionadas pela exploração das suas possibilidades de atividade física adequada, saudável, gratificante e culturalmente significativa (PNEF, 2001).

A Educação Física é uma disciplina com características privilegiadas pelas atividades que promove, proporcionando ao aluno a possibilidade de explorar o seu corpo através da diversidade de movimentos, do contato corporal com os outros, permitindo que ele

aprenda sobre si mesmo e sobre o mundo (Miranda & Afonso, 2006). Este contributo para o conhecimento corporal ajuda o aluno no autoconhecimento e na procura da sua própria autonomia, complementando, desta forma, o processo de educação global através da atividade física (Miranda & Afonso, 2006).

De acordo com Gallahue e Ozmun (2005), as competências de coordenação motora são o pilar de uma boa capacidade de aprendizagem sensoriomotora. Quanto maior for o seu nível de desenvolvimento, mais depressa e de forma mais segura poderão ser aprendidos movimentos novos, possibilitando, deste modo, uma melhor orientação e precisão (Gallahue & Ozmun, 2005). As crianças devem poder usufruir da oportunidade de movimento, utilizado a sua criatividade, ou seja, devem estabelecer experiências que futuramente irão possibilitar o desenvolvimento de habilidades motoras fundamentais com recurso aos padrões básicos de movimentos (Nanni, 1998, citado por Balbé, Dias & Souza, 2009). Assim, a EF não se deve limitar ao desenvolvimento de habilidades motoras, uma vez que deve haver um conhecimento prévio acerca do corpo, e através deste poder comunicar sem precisar de palavras (Balbé et al., 2009; Batistella, 2001).

Há que ter em conta aspetos fundamentais tais como a comunicação, a compreensão, a leitura, a interação e o envolvimento, a promoção da evolução do aluno por meio das manifestações do corpo, do corpo e das atividades de caráter lúdico - motoras (Balbé et al., 2009; Batistella, 2001). A EF pode também oferecer um contributo fundamental no que diz respeito à aquisição de um estilo de vida saudável, em que a atividade física e as suas práticas motoras e desportivas valorizem a relação com a saúde (Balbé et al., 2009; Mota, 1992).

Importa frisar que a EF, nas primeiras fases do processo educativo – 1º ciclo –, é necessário que proporcione à criança um programa rico e diversificado, através do qual ela tenha oportunidade de adquirir as habilidades motoras básicas, bem como ganhar confiança em si própria e adquirir os primeiros conhecimentos sobre o exercício e a sua importância para uma vida saudável (Mota, 1999).

Neto (1994) afirma que a atividade física é um método de educação que utiliza o movimento como material pedagógico, com o propósito de organizar e melhorar o comportamento motor, psicológico e social da criança. Este autor acrescenta que a

atividade física regular contribui beneficemente para o desenvolvimento, quer ao nível do crescimento físico e do desenvolvimento das capacidades físico-motoras quer da conceção de novas amizades.

No processo de desenvolvimento motor e, em particular, no desenvolvimento dos movimentos fundamentais, as crianças vão sofrendo melhorias no controlo e na coordenação rítmica, aperfeiçoando a sincronização dos elementos temporais e espaciais do movimento, passando, assim, de um padrão de movimentos mais grosseiros para movimentos mais refinados (Gallahue & Ozmun, 2002). Para que haja um avanço de um estágio para o outro, as crianças precisam de oportunidades para praticar, precisam de ser encorajadas e de receber instrução num ambiente que tenha como grande objetivo a promoção da aprendizagem (Gallahue & Ozmun, 2002). Tais oportunidades desempenham um papel preponderante para atingir um grau máximo de desenvolvimento motor, para que as crianças possam alcançar padrões de movimento fundamentais (Logan, Robinson, Wilson, & Lucas, 2012). Assim sendo, crianças que não tenham vivenciado estas experiências poderão encontrar-se incapacitadas de atingir o estágio maduro em certas habilidades, tanto nesta fase como nas seguintes (Logan et al., 2012). Esta é a razão pela qual muitas crianças e mesmo adultos não vão além do estágio elementar, em variados padrões de movimento (Logan et al., 2012).

Importa, no contexto da EF, definir, no entanto, o conceito de atividade física. Esta é, de acordo com Barata (2003) toda a atividade muscular ou motora; tudo aquilo que implique movimento, força ou manutenção da postura. Este autor distingue as atividades físicas espontâneas ou informais das atividades físicas programadas ou organizadas. As primeiras fazem parte da vida diária das pessoas e das suas tarefas e motivações e as segundas obedecem a um planeamento, organização e a uma programação, tendo objetivos específicos. Já Crum (2002) apresenta uma definição seguindo uma outra perspetiva, designada de relacional, na qual o movimento é compreendido como ação, como comportamento regido por regras, sendo que as ações possuem significados específicos. Este autor acrescenta ainda que são realizações inteligíveis, o que abre a oportunidade de visualizar as práticas do corpo humano regido por regras, historicamente situado e socialmente desenvolvido.

Vários são os estudos que evidenciam a importância da EF no desenvolvimento global da criança e para corroborar a preocupação e a importância da implementação da prática desta disciplina, a Comissão Europeia (CE), em 2015, compilou um conjunto de recomendações para a promoção da EF nas escolas Europeias e para a criação de interações favoráveis. Na tabela abaixo (TABELA 2) podemos observar as recomendações elaboradas pelo grupo de especialistas HEPA⁵ (Health Enhancing Physical Activity).

Tabela 2 - Recomendações Comissão Europeia - Desporto 2014/2015

1	A Atividade Física deverá ser promovida desde o nascimento e ao longo da vida e em todos os níveis educacionais: infância, ensino básico, secundário e superior. Os ambientes pré-escolares e escolares têm um papel chave no desenvolvimento da Educação Física e na promoção da Atividade Física e do Desporto.
2	Desde o nascimento até a infância, todos aqueles que têm responsabilidades sobre crianças deverão estar conscientes do importante papel que desempenham nas primeiras fases do processo educacional associado ao desenvolvimento motor e à atividade física. Pais, Educadores e Professores no pré-escolar deverão usufruir de apoio, que poderá passar por programas de formação, de modo a desenvolverem os seus conhecimentos e as competências específicas para este nível de educação e formação, especialmente no que se refere à aprendizagem sensório motora e à participação ativa em brincadeiras.
3	Desde o nascimento e durante a infância, a Educação Física deverá promover a participação ativa diária em brincadeiras, jogos e desportos direcionados para desenvolver competências essenciais ao nível neuromotor, físico, psicológico e social. Nos ensinos Básico e Secundário a disciplina Educação Física deverá incluir um conjunto variado de jogos, dança, desporto e exercícios físicos. A Atividade Física escolar e a Educação Física deverão ser agradáveis e atrativas de modo a maximizar a

⁵ Adaptado por CNAPEF a partir do documento “Recommendations to encourage physical education in schools, including motor skills in early childhood, and to create valuable interactions with the sport sector, local authorities and the private sector” do Expert Group on Healthenhancing physical activity – European Comission, 2015.

motivação das crianças e dos jovens para participar e para aprender.

-
- | | |
|---|---|
| 4 | O currículo da Educação Física deverá integrar atividades físicas adaptadas aos vários estados de maturidade das crianças e jovens. Os períodos óptimos de desenvolvimento deverão ser considerados com o objectivo de proporcionar um desenvolvimento pleno das capacidades e das competências neuromotoras. |
|---|---|
-
- | | |
|---|---|
| 5 | A prática de desportos e de atividades físicas realizadas em espaços exteriores deverão ser promovidas em todos os níveis educacionais. Conjuntamente com as atividades extracurriculares, o currículo de Educação Física deverá promover estilos de vida que integrem atividades realizadas em espaços exteriores (ex.: parques naturais). |
|---|---|
-
- | | |
|---|--|
| 6 | A Educação Física e as atividades extracurriculares deverão igualmente promover uma formação ao nível da ética, transmitindo valores relacionados com o fair play, cooperação, equidade, igualdade, integridade, paz, direitos humanos e o respeito pelas capacidades dos outros. Através da participação no Desporto deverão também ser desenvolvidas competências relevantes ao nível do trabalho de equipa, inclusão social e liderança, evitando qualquer tipo de estereótipo associado ao Desporto. |
|---|--|
-
- | | |
|---|---|
| 7 | O currículo da Educação Física deverá incluir conceitos associados à educação para a saúde , nomeadamente o bem-estar pessoal e social e a promoção da saúde e de estilos de vida saudáveis, que deverão ir para além da prática de atividade física e de desporto. Os professores de Educação Física deverão cooperar com outras disciplinas escolares de modo a desenvolver em pleno estes conceitos junto das comunidades educativas. |
|---|---|
-
- | | |
|---|--|
| 8 | Todos deverão ter possibilidade de participar na Educação Física e em atividades extracurriculares , incluindo crianças menos ativas e com um menor nível de competências, recorrendo para o efeito a metodologias e atividades adaptadas, diferenciadas e inclusivas. Esta recomendação inclui crianças e jovens com necessidades educativas especiais ou com algum outro nível de incapacidade. |
|---|--|
-
- | | |
|---|---|
| 9 | O planeamento e a operacionalização das aulas de Educação Física deverão integrar estratégias de segurança e medidas de prevenção com o intuito de reduzir as |
|---|---|

possibilidades de acidente e de ferimentos.

-
- | | |
|----|--|
| 10 | <p>O tempo obrigatório para a Educação Física deverá ser aumentado para 5 horas semanais, divididas por 5 aulas. A estrutura curricular e os objectivos deverão ser ajustados de acordo com as necessidades de formação diagnosticadas definindo, para cada estado de desenvolvimento, resultados a alcançar que sejam tangíveis e simultaneamente flexíveis, assim como sugerindo a inclusão de atividades que concorram para o cumprimento desses objectivos.</p> |
|----|--|
-
- | | |
|----|---|
| 11 | <p>A Educação Física é uma componente essencial do currículo escolar, pelo que a sua exclusão deverá ser permitida apenas em condições extraordinárias. Na maior parte das situações a participação deverá ser assegurada através da utilização de atividades inclusivas, diferenciadas e adaptadas.</p> |
|----|---|
-
- | | |
|----|---|
| 12 | <p>A Educação Física deverá considerar a possibilidade de incluir uma avaliação baseada na progressão individual e na quantificação do sucesso, com o intuito de complementar os métodos formativos e sumativos da avaliação das aprendizagens dos alunos. Os professores de Educação Física deverão providenciar feedback regular e efetivo, enquadrado nos objectivos de aprendizagem definidos.</p> |
|----|---|
-
- | | |
|----|--|
| 13 | <p>Em todos os níveis de educação deverá existir uma preferência na alocação de professores de Educação Física qualificados e com um grau de especialização para o desempenho das suas funções. Quanto não for possível os professores generalistas deverão ser apoiados por professores de Educação Física qualificados ou treinadores certificados.</p> |
|----|--|
-
- | | |
|----|---|
| 14 | <p>As entidades nacionais responsáveis pela Educação deverão promover mudanças qualitativas no currículo de formação dos professores de Educação Física, quer na formação inicial quer na formação contínua, com o objectivo de melhorar e expandir o conhecimento e competências destes profissionais num conjunto variado e relevante de temas.</p> |
|----|---|
-
- | | |
|----|--|
| 15 | <p>As entidades nacionais responsáveis pela Educação deverão também suportar o desenvolvimento e implementação de métodos que assegurem a qualidade e a <i>compliance</i> (conformidade de processos) das aulas desta disciplina com o currículo</p> |
|----|--|
-

definido.

-
- | | |
|----|--|
| 16 | As escolas , individualmente ou em cooperação com outras organizações relevantes, deverão promover e aumentar o número de atividades físicas disponíveis extra currículo de Educação Física (ex.: transporte para a escola de bicicleta, intervalos com atividade física, torneios desportivos, etc.), suportando um conceito de escola ativa. |
|----|--|
-
- | | |
|----|--|
| 17 | As escolas deverão procurar estabelecer uma estrutura cooperativa com as organizações desportivas e outras ofertas desportivas locais de modo a promover atividades curriculares e extracurriculares. |
|----|--|
-
- | | |
|----|--|
| 18 | Deverão ser criadas parcerias entre escolas e organizações do sector desportivo assegurando a qualidade, segurança e disponibilidade de infraestruturas e equipamentos para a Educação Física, atividades extracurriculares e atividades após horário escolar e para o usufruto das comunidades. Estas parcerias deverão assegurar uma gestão eficiente das infraestruturas e prevenir a duplicação ou a fraca utilização das mesmas. |
|----|--|
-
- | | |
|----|--|
| 19 | A administração das escolas deverá ser encorajada a melhorar a disponibilidade das suas infraestruturas desportivas após o horário escolar , tornando-as mais acessíveis às comunidades e às organizações desportivas locais. |
|----|--|
-
- | | |
|----|--|
| 20 | Ao nível da União Europeia deverá ser criado um certificado a ser atribuir às escolas que, de acordo com um conjunto de critérios pré definidos, demonstrem ter um envolvimento ativo na promoção e no apoio à Atividade Física e ao Desporto. |
|----|--|
-
- | | |
|----|--|
| 21 | A administração das escolas deverá criar e fortalecer as condições necessárias para suportar e facilitar o desenvolvimento da carreira desportiva de jovens atletas com talento evidente, promovendo a adopção de medidas específicas ao nível da flexibilidade do currículo escolar e do horário semanal escolar (permitindo ter o tempo suficiente para treinar e competir), matrículas, transferência de escola, aulas suplementares, datas flexíveis de exame e professores tutores. |
|----|--|
-
- | | |
|----|--|
| 22 | Deverão ser desenvolvidas estruturas a nível nacional para promoção da cooperação de treinadores certificados com as escolas, organizações desportivas e autoridades |
|----|--|
-

loais procurando ter um impacto sustentável no desenvolvimento das escolas, complementando as competências dos professores mais relacionadas com o Desporto. Esta participação não deverá substituir as aulas obrigatórias de Educação Física ou compensar uma possível falta de recursos humanos (professores de Educação Física).

23 Deverão ser desenvolvidas estruturas a nível nacional para promoção da cooperação de treinadores certificados com as escolas, organizações desportivas e autoridades locais procurando ter um impacto sustentável no desenvolvimento das escolas, complementando as competências dos professores mais relacionadas com o Desporto. Esta participação não deverá substituir as aulas obrigatórias de Educação Física ou compensar uma possível falta de recursos humanos (professores de Educação Física).

24 As autoridades locais deverão desenvolver modelos eficientes para planejar, gerir e financiar infraestruturas desportivas e Atividade Física de qualidade e com segurança, tornando-as acessíveis às escolas, organizações desportivas, comunidades locais e cidadãos.

25 Através de uma cooperação com as escolas, as organizações desportivas e outros stakeholders deverão desenvolver e implementar campanhas locais para promoção da Atividade Física e do Desporto como uma parte essencial de um estilo de vida saudável.

26 As organizações do setor privado deverão ser encorajadas a cooperar com as escolas e outras instituições educacionais para desenvolver uma oferta de Atividade Física e de Desporto para crianças e jovens, nomeadamente campos desportivos, programas desportivos regulares, atividades extracurriculares e eventos de sensibilização pública, particularmente em áreas onde as oportunidades são limitadas, tornando-a acessível à comunidade escolar. Estas atividades deverão ser enquadradas por princípios pedagógicos, respeito pela equidade e valores éticos e não deverão substituir as aulas de Educação Física obrigatórias.

27 O esforço para melhorar a recolha de dados ao nível do HEPA deverá ser estimulado, através de medições objectivas ao nível da escola.

28 A Comissão Europeia deverá reportar o progresso relativamente à implementação das recomendações presente neste documento (HEPA).

(CE, 2015, p. 1-3)

À semelhança da CE, já em 1978 a UNESCO tinha apresentado a carta internacional da EF e do Desporto, que proclamava promover o desenvolvimento da EF e do desporto ao serviço do desenvolvimento da humanidade. Com o intuito de promover o mesmo solicitava:

... a todos y en especial a los gobiernos, las organizaciones intergubernamentales, las organizaciones deportivas, las entidades no gubernamentales, los círculos empresariales, los medios de comunicación, los educadores, los investigadores, los profesionales y los voluntarios del deporte, los participantes y su personal de apoyo, los árbitros, las familias, así como los espectadores, a adherirse a esta Carta y difundirla a fin de que sus principios puedan convertirse en realidad para todos los seres humanos ”⁶. (UNESCO, 1978, p.2)

Na mesma estão presentes um conjunto de vários artigos que defendem, entre muitas outras ideias, a prática de EF e do Desporto como um direito fundamental de todos; defende a EF e o Desporto como um elemento essencial a ser introduzido no sistema global da educação como ainda estabelece que a EF e o desporto deve atender às necessidades dos indivíduos da sociedade em geral, bem como deve ser ministrada por pessoal qualificado.

⁶ Tradução: “ ... a todos e em especial aos governos, às organizações intergovernamentais, às organizações desportivas, às entidades não governamentais, aos grupos empresariais, aos meios de comunicação, aos educadores, aos investigadores, aos profissionais e voluntários do desporto, aos participantes e ao seu pessoal de apoio, aos árbitros, às famílias assim como os espectadores, a aderirem a esta Carta e difundi-la a fim de que os seus princípios possam converter-se em realidade para todos os seres humanos”.

A Educação Física no 1º Ciclo do Ensino Básico (Objetivos gerais e finalidades)

O Decreto-Lei n.º 46/86 estabelece o quadro de referências do sistema educativo, e inclui a definição dos planos curriculares do ensino básico e do ensino secundário, onde a EF é parte integrante do currículo de formação geral de todos os alunos. Neste sentido, a Educação Física integra o currículo escolar desde 1.º ciclo até ao ensino secundário, com objetivos e competências bem definidas.

No 1º CEB, a Educação Física integra a componente curricular de Expressão e Educação Físico-Motora, bem como pode, a nível extracurricular, aproximar-se da designação de Atividade Física e Desportiva (AFD) nas Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC). Contudo, convém salientar que a EEFM constitui uma matéria curricular de cariz obrigatório (Decreto-Lei nº 139/2012 de 5 Julho), enquanto as AEC possuem um cariz facultativo.

Expressão e Educação Físico Motora

O programa de Expressão e Educação Físico-Motora, que segundo Cruz, Carvalho, Rodrigues, Mira, Fernandes e Brás (1998), é o quadro de referência essencial para o desenvolvimento global do aluno, através da valorização da motricidade pela estimulação das capacidades físico – motoras e pela construção e aperfeiçoamento das aptidões da criança / jovem.

Partindo da análise do programa de Expressão e Educação Físico Motora observa-se que este se encontra organizado por objetivos gerais (objetivos que se espera que cumpram no final de cada ciclo de ensino – 1º CEB) e específicos (objetivos que se espera que os alunos adquiram no final de cada ano e de cada bloco), encontrando-se discriminadas as competências/ capacidades que se espera que os alunos adquiram em cada ano.

São objetivos gerais comuns a todos os blocos de aprendizagem:

- Elevar o nível funcional das capacidades condicionais e coordenativas: Resistência; Velocidade de reacção simples e complexa de Execução de acções motoras básicas e de

Deslocamento; Flexibilidade; Controlo de postura; Equilíbrio dinâmico em situações de <<voo>>, de aceleração e de apoio instável e ou limitado; Controlo da orientação espacial; Ritmo; Agilidade.

- Cooperar com os companheiros nos jogos e exercícios, compreendendo e aplicando as regras combinadas na turma, bem como os princípios de cordialidade e respeito na relação com os colegas e o professor.

- Participar com empenho no aperfeiçoamento da sua habilidade nos diferentes tipos de actividades, procurando realizar as acções adequadas com correção e oportunidade.

(Ministério da Educação, 1992, p. 45)

O programa contempla objetivos específicos de aprendizagem que se encontram divididos por 8 blocos, distribuídos pelos primeiros quatro anos de escolaridade, com características distintas mas que se complementam entre si e se intensificam de ano para ano. De referir, no entanto, que nem todos os blocos de aprendizagem se estendem aos quatro anos de escolaridade.

Deslocamentos e Equilíbrios, Perícia e Manipulação, estão destinados a uma abordagem nos dois primeiros anos (1º e 2º ano); Ginástica e Patinagem encontram-se nos dois últimos anos (3º e 4º ano), ao passo que os restantes blocos, Jogos, Percursos na Natureza e Atividades Rítmicas e Expressivas encontram-se presentes em todos os anos de escolaridade. A tabela 3 explicita os objetivos por bloco:

Tabela 3 - *Blocos e objetivos presentes no programa de EEFM do 1ºCEB*

Blocos		Objetivos por Bloco
Bloco 1	Perícias e Manipulações	Comtempla actividades que pressupõe realizar acções motoras básicas com aparelhos portáteis, segundo uma estrutura rítmica, encadeamento ou combinação de movimentos, conjugando as qualidades da acção própria ao efeito pretendido de movimentação do aparelho.
Bloco 2	Deslocamentos e Equilíbrios	Abrange todas as actividades que preveem realizar acções motoras básicas de deslocamento, no solo e em aparelhos, segundo uma estrutura rítmica, encadeamento, ou combinação de movimentos, coordenando a sua acção para aproveitar as qualidades motoras possibilitadas pela situação.
Bloco 3	Ginástica	Engloba actividades onde se pretende realizar habilidades gímnicas básicas

	em esquemas ou sequências no solo e em aparelhos, encadeando e ou combinando as ações com fluidez e harmonia de movimento.
Bloco 4 Jogos	Permite ao aluno participar em jogos ajustando a iniciativa própria, e as qualidades motoras na prestação, às possibilidades oferecidas pela situação de jogo e ao seu objetivo, realizando habilidades básicas e ações técnico-táticas fundamentais, com oportunidade e correção de movimentos.
Bloco 5 Patinagem	Apresenta orientações para atividades de patinar com equilíbrio e segurança, ajustando as suas ações para orientar o seu deslocamento Valorização da Expressão e Educação Físico Motora pelos professores do 1º Ciclo do Ensino Básico com intencionalidade e oportunidade na realização de percursos variados.
Bloco 6 Atividades Rítmicas e Expressivas	Pretende combinar deslocamentos, movimentos não locomotores e equilíbrios adequados à expressão de motivos ou temas combinados com os colegas e professor, de acordo com a estrutura rítmica e melodia de composições musicais.
Bloco 7 Percursos na Natureza	O permite escolher e realizar habilidades apropriadas em percursos na natureza, de acordo com as características do terreno e os sinais de orientação, colaborando com os colegas e respeitando as regras de segurança e preservação do ambiente.
Bloco 8 Natação	Este é opcional sendo que não é garantido em todas as escolas tendo como motivo principal a falta de infraestruturas para tal.

(Ministério da Educação, 1992, p. 46)

Atividades de Enriquecimento Curricular - Atividades Físicas e Desportivas

As AEC foram concebidas para operar no 1º CEB com o intuito de “...promover o desenvolvimento das crianças e o consequente sucesso escolar, na perspetiva da Escola a tempo inteiro” (CNE, 2015, p.94).

Deste modo,

“As escolas, no desenvolvimento do seu projecto educativo, devem proporcionar aos alunos actividades de enriquecimento do currículo, de carácter facultativo e de natureza eminentemente lúdica e cultural, incidindo, nomeadamente, nos domínios desportivo, artístico, científico e tecnológico, de ligação da escola com o meio, de solidariedade e voluntariado e da dimensão europeia na educação”

(Decreto-Lei nº 6, 2001, p. 260).

A escola passa deste modo a ser detentora de várias valências sendo que fica à responsabilidade da mesma o desenvolvimento da componente curricular e ainda o de apoio à família.

O Ministério da Educação, em 2008, numa tentativa de colmatar as dificuldades da sociedade atual, através do Despacho nº 14 460/2008⁷ refere que estas atividades resultam da “... importância de continuar a adaptar os tempos de permanência dos alunos na escola às necessidades das famílias e simultaneamente de garantir que os tempos de permanência na escola são pedagogicamente ricos e complementares das aprendizagens associadas à aquisição das competências básicas” (p.23194). Mais tarde, através do Despacho nº 8683/2011, as AEC ganham uma nova dimensão pois as escolas devem proporcionar atividades nomeadamente: de apoio ao estudo, o ensino do Inglês, da Música, de outras línguas estrangeiras, de atividades físicas e desportivas, bem como atividades lúdico-expressivas ou outras que incidam nos domínios anteriormente mencionados. Desta maneira, as medidas regulamentadas pelo Ministério da Educação sobre as AEC procuram promover, através de todas as escolas, aprendizagens em contexto educativos não formais, que contribuam para o desenvolvimento das crianças e para o alcance do sucesso das mesmas, e, simultaneamente, dar resposta às necessidades sentidas pelas famílias, adaptando o tempo de permanência na escola, assegurando a gratuitidade das atividades e a oportunidade das mesmas a todas as crianças. De notar, que estas atividades são de oferta facultativa e, por conseguinte, não se podem sobrepor à atividade curricular.

⁷ Despacho atualmente revogado pelo Despacho nº 9265-B /2013 pelo atual Ministro da Educação e da Ciência João Grancho

Neste sentido também Maria e Nunes (2007) corroboram esta asseveração, através do documento referente às orientações programáticas para atividade física e desportiva para o 1CEB, afirmando que se pretende que a AFD “... funcione como enriquecimento curricular e não como substituição da Expressão e Educação Físico Motora” (p.5).

Apesar de todos os esforços concretizados pelo Ministério da Educação, e muito embora este tenha reconhecido a importância desta disciplina no currículo, parece não ser ainda totalmente visível, na prática, a atribuição dessa mesma importância, pois ainda se assiste a algum tipo de desvalorização da mesma. Observando os decretos, dos últimos anos, emanados pelo Ministério da Educação e referentes à carga horária no 1º CEB, verifica-se que a EEFM continua a ter uma carga letiva diminuta em relação às restantes componentes curriculares. Este aspeto é igualmente visível no último decreto, nº 176/2014, de 12 de dezembro (anexo 2), no qual é possível verificar a atribuição de um número mínimo de 3 horas à componente curricular de Expressões Artísticas e Físico-Motoras.

Tendo em consideração que esta disciplina se subdivide em 4 expressões: musical, plástica, dramática e físico-motora verifica-se que estas 3 horas semanais têm de ser repartidas pelas 4, o que perfaz um tempo de 45 minutos por semana para cada expressão, manifestamente insuficiente para cumprir os objetivos e a importância que lhe é atribuída.

De facto, o tempo atribuído à EF escolar atualmente atribuído pelo Ministério da Educação ainda está longe das recomendações apontadas pela quer pelo Comité de Ministros (2003) como pela World Health Organization (WHO), que defendia que para existirem melhorias significativas na saúde era necessário a prática de atividade física diária de pelo menos 30 minutos (WHO, 2003).

Em 2010, WHO recomendava que as crianças e jovens em idade escolar deveriam praticar atividade física moderada e vigorosa num período mínimo de 60 minutos por dia (este período poderia ser subdividido por várias sessões ao longo do dia: 2 sessões de 30 minutos), obtendo deste modo importantes benefícios para a saúde.

Atendendo ao que foi mencionado, confirma-se que Portugal, muito embora reconheça a importância e benefícios da EF no currículo, ainda tem um longo caminho a percorrer de maneira a colmatar estas desigualdades/dificuldades que põem em causa o desenvolvimento global da criança.

O papel do Professor

Desde tenra idade que a criança é motivada para a prática da atividade física através de diversos agentes de socialização: a família; a escola, os grupos de amigos mais próximos (vizinhança), os meios de comunicação (principalmente os programas desportivos), as instituições desportivas (Serrano, Silva, Mendes, Campos & Pires, 2005). O contexto social é para a criança uma referência fundamental quanto à criação de motivações, valores e normas de conduta na prática das suas atividades motoras e lúdicas (Neto, 1994, citado por Serrano et al., 2005). A EF contribui assim para a obtenção de níveis de desempenho motor, cognitivo, social e relacional, tendo em vista alcançar o bem-estar e a qualidade de vida das crianças e ainda o desenvolvimento da autonomia e da autoestima.

Ser professor de Educação Física é, como qualquer outro professor, ser educador, é preocupar-se acima de tudo com o “ser” do aluno. “Este docente é um especialista no corpo, no movimento e em atividades físicas, nas suas diversas manifestações, seja na ginástica, exercícios físicos, jogos, lutas, danças, atividades rítmicas, expressivas, lazer, recreação e relaxamento corporal” (CONFEEF, 2005, p.8). A prática pedagógica deste agente educativo deve, além das vivências físico-motoras, promover uma ação através do diálogo e da crítica no sentido de levar à transformação e de facilitar o aumento da visão do mundo das crianças, facultando-lhes ferramentas imprescindíveis para que possam ser agentes de resistência e de transformação da sociedade. Pretende-se, assim, que o professor de EF seja o elemento de mediação na operacionalização do seu trabalho (lecionação/ação) tendo em vista a diversidade e variedade nas propostas apresentadas aos alunos visado o desenvolvimento motor das crianças, bem como todas as outras vertentes do desenvolvimento global das mesmas.

O professor de Educação Física deve ter a preocupação de assegurar a facilitação da ação, permitindo desenvolver, numa fase posterior, uma cultura motora, que é primordial para a execução de tarefas mais precisas e que solicitem maior exigência das diversas estruturas e componentes da motricidade (Matos, 2000).

O professor deve incidir na organização e na regulação das condições de aprendizagem, criar oportunidades para que os alunos aprendam, oferecendo muito tempo de prática adequada e diferenciada às suas possibilidades e necessidades (Matos, 2000). O professor deve ainda considerar as aptidões dos alunos, os seus interesses bem como as características da dinâmica social da turma, de acordo com os objetivos e com os recursos atribuídos a cada escola (Ministério da Educação, 2004). De uma forma geral, para que o professor consiga promover um bom desenvolvimento na criança, é crucial possuir um conhecimento das características normativas de cada idade, etapa ou fase, bem como criar situações/atividades adequadas e diversificadas e fornecer estímulos adequados e suscetíveis de oferecer uma maior aquisição e desenvolvimento. Para tal, é essencial que se atribua a devida responsabilização no desenvolvimento da ação da disciplina de EF nas escolas, tal como refere Piéron (1996):

“O professor é o responsável pelo que se passa na aula, pois especifica e operacionaliza os objectivos, programa as actividades, escolhe, identifica e define as tarefas que os seus alunos deverão realizar, opta pela adopção das disposições materiais para a prática, conduz a acção na aula, define e realiza a avaliação dos alunos” (p.11).

É fundamental que o professor saiba inovar, ou seja, experimentar novos modelos, novas estratégias, metodologias, conteúdos, para que a Educação Física continue a contribuir para a formação integral das crianças e, deste modo, acompanhar a própria evolução do conhecimento e da sociedade.

À escola e os seus intervenientes, cabe têm a função de ensinar e influenciar, socializando as crianças e os adolescentes no sentido de adquirirem hábitos de vida saudáveis que permaneçam ao longo da sua vida, como, a título de exemplo, a prática de atividades físico - motoras (Mota & Sallis, 2002).

No que diz respeito ao perfil do professor do 1º CEB, o qual está habilitado a lecionar EEFM, o Ministério da Educação através do artigo 19.º do Despacho 14 460/2008 de 26 de Maio, refere que “Os profissionais nas áreas das expressões, deverão possuir formação profissional ou especializada adequada ao desenvolvimento das atividades programadas”, não tendo de ser necessariamente licenciados na área da Educação Física e/ou do desporto ou em outras semelhantes. Assim sendo, no 1º CEB são os professores titulares de turma (PTT) a quem compete na primeira linha lecionar a EEFM.

Segundo o perfil específico de desempenho profissional do professor do 1ºCEB, estabelecido através do Decreto-Lei nº 241/2001, cabe ao professor do 1º Ciclo, no âmbito da EF:

- “a) Promover o desenvolvimento físico-motor das crianças, numa perspetiva integrada, visando a melhoria da qualidade de vida e a promoção de hábitos de vida ativa e saudável;
- b) Organiza situações de aprendizagem que favoreçam o envolvimento lúdico e a capacidade de atingir objetivos e vencer dificuldades, tendo em conta o desenvolvimento de atitudes responsáveis e de respeito pelas diferenças individuais manifestadas na atividade física;
- c) Desenvolve estratégias que valorizem o papel e os benefícios formativos da atividade física, em articulação com outras experiências de aprendizagem curricular” (p.5575).

O papel do professor está assim relacionado com as atividades/comportamentos que adota ao longo de todo o 1º Ciclo do Ensino Básico. Este deve ser o agente educativo responsável pelo desenvolvimento da EF no 1º CEB, tal como refere Matos (2000) esta disciplina “(...) deverá ser uma atividade sistemática, carregada de intencionalidade educativa, ser concebida de uma forma integrada com as outras áreas de aprendizagem e organizada de forma a que proporcione prazer ao aluno” (p.22), cabendo esta tarefa ao professor no sentido e também promover o desenvolvimento harmonioso e global dos seus alunos.

O papel da Família

É no seio familiar que a criança aprende a lidar e a resolver os conflitos, bem como a controlar as emoções, a expressar os inúmeros sentimentos que constituem as relações interpessoais, a lidar com as diversidades e adversidades da vida (Wagner, Ribeiro, Arteche & Bornholdt, 1999, citado por Dessen & Polónia, 2007, p.23). Estas competências sociais e a sua forma de expressão apresentam repercussões noutros ambientes com os quais a criança, ou adolescente interagem, acionando aspetos construtivos ou originando problemas e modificando a saúde mental e física dos indivíduos (Del Prette & Del Prette, 2001).

Assim sendo, pode afirmar-se que a família é um agente socializador que exerce responsabilidade direta sobre a transmissão da cultura à criança. Na verdade, a família pode ser a única fonte de interação social que a criança tem, ou seja, a fonte primária de restrições sociais (Haywood & Getchell, 2004). Das diversas influências associadas à família, as mais dominantes serão, possivelmente, as crenças e atitudes e comportamentos dos pais. Desta forma, o envolvimento precoce dos pais pode influenciar as experiências da criança na prática de atividades físicas (Haywood & Getchell, 2004). Ainda nesta linha de pensamento, Cratty (1992) ressalva que as experiências e as oportunidades de prática influenciam o desempenho nas atividades motoras.

Outro fator dentro da família muito importante é o fator económico. Muitas das condições ambientais que poderiam influenciar o desenvolvimento motor estão relacionadas com fatores económicos. Os recursos financeiros limitados ou inexistentes resultam em carências alimentares, falta de acesso a cuidados médicos e a condições de vida precárias. A falta de brinquedos e de equipamentos desportivos condiciona e limita as oportunidades de prática que se encontram disponíveis para a criança, não estimulando a autodescoberta e a autoexpressão (Brazelton & Sparrow, 2003).

A criança pode sofrer influências negativas no seu desenvolvimento devido a erros na educação da família, quando esta superprotege ou não fornece a estimulação necessária (Brazelton & Sparrow, 2003). A criança estimulada de forma ampla, através da exploração do meio ambiente, tem mais possibilidades de praticar e desenvolver os seus

movimentos e, conseqüentemente, dominá-los com facilidade (Torres, 1999, citado por Neto, Mascarenhas, Nunes, Lepre & Campos, 2004). Nos primeiros anos de vida e particularmente no início do processo de escolarização das crianças, é fundamental o domínio de várias capacidades motoras que servirão de base para a aquisição de elementos da motricidade mais complexos (Santos, 2004).

Percepções dos pais e da comunidade escolar acerca do papel da Educação Física

Carvalho, Júnior e Mourão (2005) elaboraram uma investigação com o objetivo de compreender e analisar a visão que os pais tinham acerca da disciplina de Educação Física desenvolvida pelos seus filhos na escola. Os resultados demonstraram que a maioria respondeu que a finalidade mais importante na aula de Educação Física é o trabalho em equipa, destacando que o principal valor assimilado pelos seus filhos é, sem dúvida, a cooperação. Em segundo lugar, no que toca à quantidade de horas dedicadas a Educação Física em ambiente escolar, os pais responderam “nenhuma”, talvez pelo facto da grande maioria dos alunos praticarem atividades extracurriculares, assim como 35% não atribuíram importância à EF. Estes resultados demonstram a pouca valorização dos pais em relação à Educação Física, e demonstram que, provavelmente, realçam mais as atividades extracurriculares. De notar, ainda, que existiram uma grande quantidade de respostas como “lazer” e “evitar obesidade” quando os pais foram questionados acerca dos motivos em matricular os seus filhos em atividades extracurriculares.

Um outro estudo levado a cabo por Nascimento e Garces (2013), avaliou as percepções dos professores sobre a importância das aulas de Educação Física para os alunos dos anos finais do ensino fundamental. Os professores selecionados não eram da área da educação física (professores de ciências, artes e línguas). Os resultados demonstraram que os professores consideram fundamental a existência de Educação Física nas escolas, apontando como principais benefícios: o desenvolvimento de relações interpessoais; noções de espaço e de consciência corporal; auxílio no desenvolvimento motor; ajuda no combate de diversas doenças, associando a prática de atividades físicas à melhoria da saúde; desenvolvimento de habilidades como o equilíbrio; desenvolvimento

da rapidez do raciocínio; desenvolvimento do trabalho em equipa; colaboração no desenvolvimento físico e intelectual dos educandos; a criação de limites e regras).

Um outro estudo liderado por Zuge e Antunes (2015), procurou compreender qual a visão dos pais e a importância atribuída às aulas de Educação Física nos anos finais do Ensino Fundamental. Observou-se que a maioria dos pais destaca a Educação Física como importante na educação dos filhos, salientando a aprendizagem de regras, a disciplina, o desenvolvimento físico e intelectual, além de ser um momento de integração e prazer. Os pais evidenciaram que a Educação Física traz inúmeros benefícios ao desenvolvimento das crianças, aprendendo a importância do desporto para a saúde, propicia um bem-estar físico, já que contribui para que a criança fique mais bem-disposta, para além de aperfeiçoar as habilidades desportivas e incentivar a prática de desportos. Os mesmos autores referem que estes resultados são semelhantes aos que foram encontrados por Beggiato (2009), onde os pais destacaram que a EF auxilia na promoção de aspetos relacionados com o desenvolvimento físico, além de questões relativas ao trabalho em equipa e à socialização, apontando a sua importância no desenvolvimento das demais dimensões humanas como as emocionais.

Neves, Corecha e Albergaria (2011) analisaram a percepção de pais ou responsáveis das escolas sobre os propósitos da educação física escolar e suas abordagens, no que diz respeito à formação do indivíduo. Os resultados mostraram que, para o grupo de pais envolvidos de classe social aparentemente privilegiada e com escolaridade elevada, acreditavam que a Educação Física é uma disciplina escolar com o mesmo valor que das outras, porém, a sua visão estava muito centrada com conteúdos direcionados às qualidades físicas e aos desportos. Mas foi também possível verificar uma aparente modificação desse pensamento quando os pais relataram preocupação com os lados intelectual, social e da própria personalidade dos filhos, demonstrando assim, que o indivíduo deve ser estimulado em todos os seus aspetos e não somente no campo físico. O que mais se destacou nas suas descrições foi a confiança dos inquiridos na capacidade dos professores de Educação Física estarem preparados para a tarefa de transmitir aprendizagem necessária para o desenvolvimento pleno enquanto cidadãos (Neves et al., 2011).

Com o intuito de enquadrar a literatura do presente estudo, realizou-se uma procura de estudos comparáveis, desenvolvidos no âmbito da percepção dos alunos, encarregados de educação e professores face à disciplina de Expressão Físico-Motora e de EF.

Tabela 4 – *Síntese de estudos empíricos*

Autor, Data (país)	Objetivos do estudo	Participantes/amostra	Resultados
Cervelló e Murcia, 2003 (Espanha)	Analisar o pensamento que os alunos têm sobre Educação Física	911 alunos (3º CEB)	A EF é a disciplina eleita pelos alunos; Os que dão maior importância à disciplina são os alunos que praticam desporto e que consideram que o professor reúne um conjunto de características como ser compreensivo, agradável, democrático, justo; Verificou-se que os alunos cujos pais tem como hábito a prática desportiva sentem-se mais motivados nas aulas de Educação Física.
Andrade, 2008 (Portugal)	Analisar o pensamento dos professores, alunos e pais relativamente à disciplina de Educação Física	120 alunos 103 Pais/Encarregados de Educação 16 professores de EF (de 3 escolas secundárias da Região Autónoma da Madeira) (Ensino secundário: 12º ano)	A grande maioria dos alunos gosta da disciplina e atribuem uma grande importância junto das outras disciplinas curriculares; Os professores acham que este facto de os alunos gostarem e atribuírem grande importância à EF não influencia a motivação nem o empenho dos alunos nas aulas; Os professores como os alunos consideram que o número de horas/aulas semanais são insuficientes; Os pais consideram a disciplina tão importante como as outras, visto que esta é essencial para desenvolver a

Autor, Data (país)	Objetivos do estudo	Participantes/amostra	Resultados
			saúde e para estimular a prática de atividades físicas e desportivas.
Oliveira, 2012 (Portugal)	Conhecer as perceções dos alunos do 5º e 7º ano de escolaridade sobre a educação física	130 alunos (de ambos os géneros com idades entre os 10 e 14 anos)	A maioria dos alunos, dos dois anos de escolaridade, considera a disciplina bastante importante na sua formação a nível do ensino básico;
		(2ºCEB - 5º ano e 3ºCEB - 7º ano)	No que respeita aos valores e atitudes da disciplina os alunos do 5º ano valorizam o trabalho de equipa em detrimento dos alunos do 7º que apontam o divertimento;
			Ambos destacam como perceções menos importantes a competição com os outros e consigo próprio.
Taylor, 2012 (Nova Zelândia)	Identificar as perceções dos alunos e professores sobre a Educação Física	16 alunos (entre os 10 e os 13 anos)	Os professores e alunos acreditam que esta disciplina não tem só benefícios físicos para os alunos;
		1 professor titular turma	Ambos acreditam que pode influenciar de forma positiva os alunos mental, emocional e socialmente;
		1 professor de Educação Física (2ºCEB)	A forma como a disciplina é implementada pode ter impacto na perceção.
Jesus, 2013	Analisar as perceções	25 alunos	A disciplina de Educação Física tem vindo a ganhar

Autor, Data (país)	Objetivos do estudo	Participantes/amostra	Resultados
	dos professores, alunos e respectivos encarregados de educação para compreender a importância da disciplina de Educação Física para o sucesso escolar dos alunos do 1º Ciclo.	(12 do género masculino e 13 do género feminino com idades entre os 9 e 10 anos) 25 encarregados de educação (20 do género feminino e 5 do género masculino com idades entre os 35 e 49 anos) 4 professores (1 do género masculino e 3 do género feminino com idades entre os 33 e 47 anos) (1ºCEB)	importância na vida dos alunos; Os pais estão cada vez mais conscientes do seu papel e da relevância da disciplina; Estes consideram que contribui para um crescimento mais saudável bem como para aquisição de hábitos e estilos de vida mais saudáveis, criação de valores e comportamentos e que contribui para o desenvolvimento do indivíduo no seu todo; Na opinião dos pais e professores a escola e a disciplina acabam por ter uma maior confiança e responsabilidade na promoção da saúde dos alunos; A maioria das crianças refere que tem preferência pelas aulas de Educação Física; A totalidade dos professores e dos pais considera que deveriam de aumentar a carga horária da disciplina; A existência da disciplina com caráter obrigatório contribui para minimizar dificuldades físico-motoras, cognitivas e de socialização; Na generalidade dos professores e encarregados de educação valoriza o papel da disciplina de Educação

Autor, Data (país)	Objetivos do estudo	Participantes/amostra	Resultados
			Física para o desenvolvimento global da criança, principalmente no pré-escolar até ao final do 1º ciclo.
Santos, 2013	Analizou as ideias que os alunos do ensino básico e secundário têm acerca da escola, da disciplina de Educação Física e dos comportamentos de ensino do professor	478 alunos (226 raparigas e 251 rapazes com idades entre os 10 e os 19 anos pertencentes a duas escolas, uma situada na periferia e outra no centro da cidade) (2º, 3º CEB e Ensino Secundário)	A disciplina de Educação Física é a favorita dos alunos em todas as faixas etárias, no entanto, são os alunos mais novos que tem uma atitude mais favorável; A repetição dos mesmos exercícios sem variantes no decorrer das aulas leva as aulas monótonas e desinteressantes e, consequentemente, contribui para a desmotivação dos alunos pela disciplina; Os comportamentos do professor no relacionamento com os alunos desempenham um papel fundamental; Os alunos valorizam mais os comportamentos do professor relacionados com as dimensões de instrução e clima de aula do que os relacionados com as dimensões gestão/organização e disciplina.
Lopes, 2014	Averiguar as crenças dos PTT a lecionar o 4º ano de escolaridade, dos Técnicos/Prof. da AEC –	623 alunos (4º ano) 55 Professores titulares de turma	Os alunos do 1ºCEB e seus PTT, Pais/EE e técnicos/professores da AEC-AFD apresenta, uma atitude favorável face à EEFM;

Autor, Data (país)	Objetivos do estudo	Participantes/amostra	Resultados
	AFD, dos Pais/ EE e dos alunos do 1ºCEB, no concelho da Amadora.	602 Pais/EE dos alunos do 4º ano 57 Técnicos/ Professores da AEC-AFD	<p>A área curricular que os alunos mais preferem é a EEFM;</p> <p>Os PTT reconhecem que não lecionam EEFM mas perspetivam que soluções de melhoria na leção - recurso a professores especialistas ou substituição dos mesmos por um professor licenciado em EF. Os técnicos/professores da AEC-AFD também essa mesma ideia de substituição;</p> <p>A grande maioria dos pais considerou que a EF deveria ser obrigatória nas escolas enquanto os técnicos/professores da AEC-AFD dizem continuar tal como está ditado na lei – complemento da atividade curricular de EEFM;</p> <p>Apenas 21,2% dos alunos do 1º ano usufruiu de EEFM com o seu PTT, sendo que 21.8% dos PTT admite lecionar EEFM invocando razões de falta de tempo falta de formação, inadequação de espaços/materiais e marcando atitude notória sobrevalorização das outras áreas curriculares em detrimento da EEFM;</p> <p>Com a introdução da AFD nas AEC a maioria dos PTT admite ter alterado o seu comportamento na leção da EEFM - 41.8% lecionam menos e 18.2% deixaram</p>

Autor, Data (país)	Objetivos do estudo	Participantes/amostra	Resultados
			mesmo de lecionar EEFM.
Ventura (2014)	Analisar e comparar a percepção dos alunos do 10º ano e 12º ano do ensino regular em relação à disciplina de Educação Física	292 alunos (120 alunos gênero masculino e 172 gênero feminino, com idades entre os 15 e 19 anos) (Ens. Sec: 10º e 12º ano)	<p>Os alunos consideram a disciplina de grande relevância na sua formação e, por isso, acham que o tempo atribuído no currículo é reduzido comparado com as outras disciplinas;</p> <p>Concluiu-se que:</p> <p>É necessário uma análise e reflexão profunda de forma a valorizar cada vez mais a disciplina no currículo devido ao seu contributo no desenvolvimento das crianças e jovens; É importante pensar como esta disciplina é lecionada, visto que no sentido formativo e social trata-se de uma condição fundamental para que as percepções que possam ser adaptadas e conciliáveis com o seu verdadeiro estatuto e importância.</p>
Pais (2015)	Identificar a percepção que os encarregados de educação têm sobre a disciplina de Educação Física	116 encarregados de educação (34 do gênero masculino e 82 do gênero feminino).	<p>Os encarregados de educação:</p> <p>Consideram importante a disciplina para a formação dos seus educandos, visto que desenvolve a condição física e promove a educação para a saúde;</p> <p>Valorizam o aspeto do desenvolvimento da autonomia, da capacidade de concentração, da educação do movimento e da fomentação do gosto para atividades desportivas;</p>

Autor, Data (país)	Objetivos do estudo	Participantes/amostra	Resultados
			Desvalorizam o facto de esta disciplina facilitar a aquisição de aprendizagens intelectuais
Coelho (2016)	Analisar as perceções dos alunos face à importância da disciplina de EF	281 alunos (132 do género masc. e 149 do gén. fem. com idades entre os 10 e os 19 anos) (2º, 3º CEB e Ens. Sec.)	<p>A maioria dos alunos gosta muito da disciplina, afirmando que mesmo que essa não fosse de carácter obrigatório frequentariam as aulas o que demonstra o interesse dos alunos pela disciplina;</p> <p>O género feminino considera o número de aulas suficiente contrariamente do género masculino;</p> <p>Para os alunos a Educação Física tem como objetivos melhorar a saúde e a condição física. As aprendizagens permitem adquirir conhecimento, aplicar regras e aprender a gostar de fazer exercício físico de modo a continuar na vida futura;</p> <p>Os alunos preferem Educação Física relativamente às restantes disciplinas, no entanto, atribuem uma maior importância às disciplinas de Português, Matemática e Língua Estrangeira;</p>

Autor, Data (país)	Objetivos do estudo	Participantes/amostra	Resultados
Sousa, Moura & Antunes (2016) (Brasil)	Investigar as percepções que os professores polivalentes do 1º ao 5º ano do ensino fundamental têm sobre a educação física como componente curricular	154 professores polivalentes (distribuídos por 16 escolas de Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio de Janeiro)	Os professores polivalentes têm progredido na percepção sobre a Educação Física; Os professores estão de acordo com o aumento da carga horária bem como a continuidade do carácter obrigatório no currículo escolar, uma vez que é fundamental no desenvolvimento do aluno.

Em suma, todos os estudos revelam que os alunos, encarregados de educação e professores valorizam a disciplina de Educação Física, uma vez que esta promove aprendizagens significativas para os alunos. Ainda assim é visível que apesar de, na generalidade se atribuir importância à EF, o facto é que quando comparada com outras disciplinas, existe uma maior valorização das disciplinas ditas de carácter cognitivo. Constatou-se que a maioria dos estudos realizados neste âmbito incidem sobretudo a partir do 2º CEB, à exceção dos de Jesus (2013) e Lopes (2014).

METODOLOGIA

Opções metodológicas

Várias são as opções metodológicas que um investigador pode adotar em educação, que incluem diferentes paradigmas, metodologias ou métodos e técnicas de recolha de dados.

Dada a natureza do problema de estudo, que procura analisar as perceções de três grupos de participantes (professores titulares de turma, alunos e encarregados de educação do 1º CEB) optou-se por uma metodologia de investigação de enfoque qualitativo/ interpretativo, inspirada no paradigma construtivista.

De acordo com Denzin e Lincoln (2000), a investigação qualitativa é um método multifacetado envolvendo uma abordagem interpretativa e naturalista do assunto em estudo. Isto significa que os investigadores qualitativos estudam as coisas no seu ambiente natural numa tentativa de interpretar o fenómeno.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa caracteriza-se segundo cinco aspetos:

1. O investigador é o instrumento principal da fonte direta de dados pois está no ambiente natural, ou seja, os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto, porque entendem que as ações podem ser melhor observadas no seu ambiente natural de ocorrência uma vez que o comportamento humano é influenciado pelo mesmo;
2. Este tipo de investigação é descritiva, já que os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens, sendo que se pode incluir transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registos oficiais, permitindo assim, a realização de uma abordagem do mundo minuciosa;
3. É mais centrada no processo do que pelos resultados ou produtos;

4. Os dados tendem a ser analisados de forma indutiva, isto é, não se recolhem dados ou provas com o objetivo de confirmar ou infirmar hipóteses construídas previamente, mas pelo contrário, as abstrações são construídas à medida que os dados particulares se vão agrupando;
5. O significado assume uma importância vital na abordagem qualitativa. Nesta abordagem os investigadores estão interessados no modo como diferentes pessoas dão sentido às suas vidas (p. 47-51).

No decorrer da investigação, são utilizadas técnicas de recolha de dados para adquirir informações relevantes que possibilitam o desenvolvimento das mesmas. Assim, o desenho de investigação que foi adotado para a elaboração do estudo encontra-se no plano não experimental ou descritivo, que segundo vários autores (Moore, 1983; Stern & Kalof, 1996; Meltzoff, 1998 citados por Coutinho, 2011) indicam que “...não é possível a manipulação direta da variável independente, porque esta já ocorreu seja porque o objetivo é descrever e não explicar um qualquer fenómeno social utilizam-se planos que procuram apresentar aquilo que é” (p.261).

Coutinho (2011) acrescenta ainda que neste tipo de planos/tipologia o que se pretende é conseguir recolher informações que possibilitem: “descrever da melhor forma possível comportamentos, atitudes, valores e situações.” (p. 262). Isto significa, que o objetivo do investigador é “...retratar o que existe hoje e agora em relação a um problema ou fenómeno, por vezes mesmo descobrir relações entre fenómenos em busca de informação útil para planear uma investigação experimental posterior” (p. 298).

Nesse sentido, foi essencial na fase inicial do estudo recorrer à observação que segundo Flick (2002) “... é outra competência comum metodologicamente sistematizada e aplicada na investigação qualitativa” (p.137), que possibilita ao investigador descobrir os factos “*in loco*”, isto é, “... como as coisas de facto acontecem ou funcionam”. Foi igualmente importante realizar uma análise documental, de modo a adquirir conhecimento do que estava estipulado para cada escola.

Para recolher dados recorreremos também ao método *Survey* ou inquérito, que é talvez aquele que goza de maior prestígio nas ciências sociais e humanas e um dos

métodos de investigação mais frequentemente utilizados em estudos do campo educacional. É uma técnica que consiste numa interrogação sistemática de um conjunto de indivíduos, normalmente representativos de uma população global, com o objetivo de proceder a inferências e generalizações.

Dependendo do propósito da pesquisa, de acordo com Freitas et al., (2000) poderá ser classificado em três categorias:

Explanatória - tem como objetivo testar uma teoria e as relações causais; estabelece a existência de relações causais, mas também questiona por que a relação existe;

Exploratória - o objetivo é familiarizar-se com o tópico ou identificar os conceitos iniciais sobre um tópico, dar ênfase na determinação de quais conceitos devem ser medido e como devem ser medidos, buscar descobrir novas possibilidades e dimensões da população de interesse;

Descritiva - busca identificar quais situações, eventos, atitudes e opiniões estão manifestos em uma população: descreve a distribuição de algum fenómeno na população ou entre os subgrupos da população ou, ainda faz uma comparação entre essas distribuições. Neste tipo de *Survey* a hipótese não é casual, mas tem o propósito de verificar se a percepção dos fatos está ou não de acordo com a realidade.

Desta maneira recorrer-se-á ao método de pesquisa *survey* com um propósito descritivo, que tal como refere Coutinho (2014) “Se o objetivo do investigador é descobrir a incidência e distribuição de uma dada população, sem os procurar explicar, o *survey* é puramente descritivo do *Status quo* de uma dada situação e é aplicado num único momento” (p.317), já que se pretende saber qual a opinião/percepções que os professores, os alunos e os encarregados de educação possuem em relação á temática que se pretende investigar.

Tendo em consideração o que anteriormente foi mencionado, este método de pesquisa *survey* será concretizado através da técnica de recolha de dados –

questionário. O inquérito por questionário de acordo com Dias, Pinto, Ferreira e Moscarola (2008) “se bem construído, permite a recolha de dados fiáveis e razoavelmente válidos de forma simples, barata e atempadamente” (p.3).

Sampieri (2006) afirma que o instrumento mais utilizado na recolha de dados talvez seja o questionário, muito provavelmente por este possuir algumas vantagens que podem ser aplicadas em diferentes estudos. Também Coutinho (2014) menciona o facto de esta técnica permitir obter informações de natureza muito diversa e medir variáveis como atitudes, perceções, opiniões. Para Santos (2008), os inquéritos por questionário têm a vantagem de, por exemplo, a resposta, por escrito, a questões potencialmente embaraçosas, não ser tão embaraçosa para os inquiridos, como por exemplo através da entrevista pessoal. Segundo este autor as respostas às questões colocadas não estarão tão sujeitas a enviesamentos e interpretações duvidosas, possibilitando uma maior sistematização dos resultados obtidos, tornando-se mais fácil automatizar o processo de análise e tratamento dos dados, e ainda por ser de fácil operacionalização, podendo ser aplicado a uma amostra de grande dimensão, num curto espaço de tempo, e, também, pelas suas características implicar normalmente custos menores, já que evita as deslocações (Santos, 2008).

O mesmo autor refere, no entanto, que este tipo de recolha de informação tem como desvantagens a necessidade de haver grande exigência de um planeamento prévio, para uma boa preparação do inquérito como para a motivação dos sujeitos pois, poderá ser difícil motivar os inquiridos para participarem no questionário e responderem a todas as questões. Outra das desvantagens apresentada por Santos (2008) é que se efetivamente surgir alguma dúvida no momento em que o inquirido realiza o questionário pode não haver a possibilidade de esclarecer a mesma, assim como se o mesmo contiver questões de carácter aberto estas poderão ser alvo de dificuldades pois poderá haver alguma superficialidade nas respostas dadas pelos inquiridos.

Contudo se o questionário for realizado previamente e se antes da implementação do mesmo se realizar uma aplicação de carácter experimental pode-se evitar tais desvantagens e beneficiar da fidelidade deste instrumento.

Participantes

No que concerne à caracterização dos participantes, descreve-se em primeiro lugar o seu contexto, para de seguida, ainda que de forma sucinta, se apresentar o grau de adesão dos diversos grupos na participação do estudo. Segue-se ainda uma descrição dos participantes do estudo quanto à representatividade dos participantes nas diferentes escolas, quanto ao género, à idade, ao nível académico dos encarregados de educação e ainda o tempo de serviço dos PTT.

Contextualização e apresentação dos participantes

O presente estudo envolveu sete escolas do 1º CEB, pertencentes a três agrupamentos de escolas inseridas no concelho de Viana do Castelo e uma pertencente ao concelho de Ponte de Lima. Neste estudo participaram 20 turmas dos 3º e 4º anos, bem como respetivos professores titulares e encarregados de educação dos alunos (tab. 5). Importa ainda referir que estes participantes integravam as escolas onde decorreu a PES I e II, no entanto, a seleção dos sujeitos foi intencional já que se direccionou o estudo para os 3º e 4º anos. Assim sendo, fizeram parte deste estudo 346 alunos, 279 encarregados de educação 14 professores titulares das turmas inquiridas (tab. 6).

Os quadros que se seguem apresentam, de um modo mais detalhado, a caracterização dos participantes no estudo, de acordo com a escola (no caso dos alunos a que pertencem, no caso dos encarregados de educação a que o educando frequenta ou no caso dos professores em que lecionam); o género; a idade; a escolarização e ainda, particularmente, para os PTT o tempo de serviço que estes detêm.

Tabela 5 - *Participantes no estudo*

	Totalidade	Participantes no estudo	Rácio de participação (%)
Agrupamento de escolas	4	4	100.0
Escolas do 1º CEB	7	7	100.0
Turmas do 3º e 4º anos	21	20	95.2
PTT dos 3º e 4º anos das respetivas turmas	21	14	66.7

Alunos dos 3º e 4º anos	405	346	85.4
EE dos respetivos alunos	405	279	68.9

Verifica-se que todos os agrupamentos e escolas envolvidas, assim como a maioria das turmas (95.2%), participaram ativamente no estudo. Como é visível, os alunos participaram quase na sua totalidade (95.2%), ao passo que os PTT e os EE rondaram os 70%.

Tabela 6 - Caracterização dos participantes em função do agrupamento/ escola

Agrupamento	Escolas	Alunos	Enc. De Educação	Professores
1	A	9	9	0
	M	70	55	3
2	C	79	41	4
3	L	68	68	2
4	N	18	16	1
	P	34	33	1
	S	68	57	3
Total	7	346	279	14

Tabela 7 - Caracterização dos participantes em função do género

Sexo	Grupo			Total
	Alunos	Enc. De Educação	Professores	(N=639)
Masculino	164	44	3	211
Feminino	182	235	11	428
Total	346	279	14	639

Tabela 8 - Caracterização dos alunos em função do ano de escolaridade e a idade

Ano	Idade				Total
	8	9	10	11	(N=346)
3º	86	84	5	0	175
4º	0	95	74	2	171
Total	86	179	79	2	346

É possível observar através da tabela 7, que os participantes são sobretudo do género feminino (67%), no entanto no grupo dos alunos essa diferença é menos acentuada (52.5%) e nos EE é maior.

Na caracterização dos alunos em função do ano de escolaridade e da idade (Tabela 8) as diferenças percentuais estão relacionadas com as idades dos alunos e a frequência respetiva no ano de escolaridade correspondente, pelo que o grosso participantes dos alunos têm com 9 anos de idade.

Tabela 9 - Caracterização dos encarregados de educação em função da habilitação académica e da idade

Habilitação Académica	Idade					Total respostas (N=275)
	Menos 30 anos	Entre 30 e 39 anos	Entre 40 e 49 anos	Igual ou Superior a 50 anos	Não Resp.	
1º Ciclo	0	3	7	1	-	11
2º Ciclo	1	19	12	0	1	33
3º Ciclo	0	27	22	3	2	54
Secundário	2	46	38	2	3	91
Ensino Superior	0	35	46	3	2	86
Não Resp.	-	3	-	1	-	4
Total (N=279)	3	133	125	10	8	279

Ao observar a tabela anterior (Tabela 9) verifica-se que maioritariamente os encarregados de educação, encontram-se na faixa etária dos 30 aos 39 anos, apresentando uma escolaridade ao nível do secundário. Sem haver uma diferença considerável, segue-se o nível de escolaridade de ensino superior para aqueles que se encontram entre os 40 e os 49 anos.

No que aos PTT diz respeito, maioritariamente têm idade igual ou superior a 50 anos e são na sua maioria detentores do grau académico de licenciatura (tab. 10), caracterizando-se 43% por terem um tempo de serviço entre os 10 a 19 anos de carreira/lecionação (Tabela 11). É importante referir que 4 dos 14 professores inquiridos detêm formação específica em EF.

Tabela 10 - Caracterização dos professores em função da habilitação académica e a idade

Habilitação Académica	Idade			Total respostas (N=14)
	Menos 40 anos	Entre 40 e 50 anos	Igual ou Superior a 50 anos	
Bacharelato	-	-	1	1
Licenciatura	5	1	6	12
Pós-Graduação	-	-	1	1
Total	5	1	8	14

Tabela 11 - Caracterização dos professores em função do tempo de serviço

Tempo de serviço	N=14	%
De 10 a 19 anos	6	42,9
De 20 a 29 anos	4	28,6
De 30 a 39 anos	4	28,6
Total	14	100,0

Na tabela 12 estão sistematizadas as escolas que calendarizam a EEFM e oferecem AEC - Atividades Físicas e Desportivas. Para tal, recorreu-se a uma análise documental dos horários e dos planos curriculares das turmas.

Tabela 12 - Oferta das AEC-Atividades Físicas e Desportivas nas escolas e da prática de EEFM prevista nos horários recolhidos

Agrupamento	Escolas	EEFM	AEC (Atividade Física e Desportiva)
1	A	X	X
	M	X	X
2	C	X	X
3	L	X	X
4	N	X*	-
	P	X*	-
	S	X*	-
Total		7	4

Constata-se que as 7 escolas inquiridas dizem implementar EEFM. De referir, no entanto, que a modalidade/ disciplina surge nas ofertas as AEC (através da Atividade Física e Desportiva) com bastante incidência, o que levanta a dúvida da efetiva operacionalização da EEFM durante o período curricular ou no tempo destinado às AEC - período não letivo.

A razão pela qual o agrupamento 4 não tem AEC ligada a atividade física (*) deve-se a uma decisão tomada pelo agrupamento, a qual delega a leção das expressões no período curricular a um outro professor que pode pertencer ao agrupamento.

Verifica-se que a responsabilidade pela leção da disciplina não recai sobre o PTT, tal como seria expectável, já que no 1ºCEB o regime de monodocência atribui ao PTT a responsabilidade de desenvolver e orientar o trabalho com os seus alunos em todas as áreas curriculares.

É de salientar, que ainda existindo um professor destacado a lecionar essa componente, a área da EEFM não era lecionada de forma recorrente e sistemática⁸, sendo muitas das vezes o tempo destinado à leção de EEFM direcionado para o desenvolvimento de outras atividades.

Instrumentos de recolha de dados

“A observação, o questionário, a entrevista e o estudo dos documentos constituem os utensílios de trabalho quotidiano do perito, quer ele seja homem de ação, auditor, avaliador, consultante ou investigador”

(Ketele & Roegiers, 1993, p.9).

Tendo em consideração o que anteriormente foi mencionado nas opções metodológicas, e tendo em vista alcançar os objetivos propostos, para a recolha de informação foi essencial realizar: uma análise documental (referente à legislação, o plano curricular da turma, horários) relativa à temática em questão deste estudo e ainda construir um inquérito por questionário adaptado a cada um dos grupos (anexos 5, 6 e 7).

⁸ Informação auferida pela autora através da observação direta durante o período da PES II.

As validações dos questionários passaram por 3 peritos da área de EF. Todavia, foi essencial após a elaboração dos mesmos realizar uma pilotagem, no sentido de averiguar a sua adequabilidade. Tal como refere Bell (2004) “...todos os instrumentos de recolha de informação devem ser testados para saber quanto tempo demoram os receptores a realizá-los; por outro lado, isto permite eliminar questões que não conduzam a dados relevantes” (p.128).

É de salientar que os três inquéritos por questionário foram previamente testados e validados através de um estudo piloto, por 10 elementos que não pertenceram ao grupo de participantes do estudo, mas que detinham características semelhantes às dos elementos dos diferentes grupos. Averiguaram-se assim, dúvidas e possíveis dificuldades dos inquiridos em relação às questões colocadas nos questionários, que posteriormente se ajustaram, como foi ainda possível atestar se os objetivos pretendidos eram alcançáveis.

Considerando o que foi dito, a elaboração dos questionários foi bastante ponderada, sobretudo no tipo de questões e na forma como estas foram colocadas, privilegiando uma linguagem clara e objetiva, adequada a cada um dos grupos.

A estrutura dos questionários é composta por 2 partes: uma referente à caracterização dos inquiridos e outra relativa às perceções/opiniões dos mesmos. Estes questionários semi-estruturados comportam questões de tipo fechado sendo estas de escolha dicotómica ou de escolha múltipla, mediante os dados a recolher. Contudo, no questionário dos professores e dos encarregados de educação foram realizadas algumas questões de tipo aberto, e o seu tratamento foi feito através de um processo de análise de conteúdo, com uma codificação para cada um, sendo que as categorias foram dedutivas, isto é, realizadas previamente. Na análise de conteúdo foi essencial numa primeira fase realizar uma “leitura flutuante” a todas (Bardin, 2011; Coutinho, 2014).

Durante a construção dos elementos de recolha de informação tentou-se evitar realizar inquéritos demasiado extensos, que contivessem questões que pudessem induzir à resposta ou que diferissem da questão. Os questionários não tinham tempo limite para o seu preenchimento. Para que tal acontecesse tivemos em consideração os horários de cada turma, com o cruzamento da informação dos diferentes grupos no que concerne às AEC e

à EEFM.

Todos os instrumentos foram entregues e recolhidos pela autora do estudo em todas as escolas participantes. No entanto, é de salientar que caso existisse alguma dúvida no preenchimento dos inquéritos, todos os intervenientes tinham a possibilidade de entrar em contacto com a autora do estudo a fim de esclarecer alguma dúvida.

Segue a apresentação e organização de cada questionário (tab. 13, 14 e 15), que pretendia averiguar a identificação dos participantes, a lecionação, a valorização da disciplina e ainda a existência de AEC nas escolas, bem como outros tópicos conforme as características de cada grupo.

Tabela 13 – *Organização do questionário dos professores*

Categorias	Variáveis/questões
Identificação dos participantes	Sexo
	Idade
	Habilitações académicas
	Nome do curso
	Tempo de serviço
	Ano de escolaridade que leciona
	É professor titular de turma?
Lecionação	Costuma lecionar EEFM?
	Se respondeu sim indique:
	Quantas vezes por semana?
	Qual a duração média da(s) aula(s)?
	Em que dia(s) da semana ocorre?
	Costuma seguir o programa de EEFM?
Valorização	Se respondeu sim, indique que blocos programáticos costuma realizar.
	Na sua opinião quem deverá ter responsabilidade pela lecionação de

	EEFM? Justifique.
	Na sua opinião a disciplina de EEFM de ser: (obrigatória, facultativa ou outro).
	Considera a EEFM importante no 1º CEB?
	Qual a importância que atribui à EEFM comparativamente às restantes disciplinas?
	Acha que as horas semanais orientadas para a EEFM são suficientes e adequadas? Justifique.
	Na sua opinião qual deveria ser a carga atribuída às diferentes disciplinas?
	*Acha que os alunos nesta disciplina estão mais empenhados e receptivos a participar nas atividades? Justifique.
	*No decorrer da sua prática e ao longo da sua experiência profissional, acha que a EEFM tem sido bem desenvolvida na escola? Justifique.
Formação	Conhece o programa oficial para EEFM?
	Se respondeu sim:
	*Qual o grau de conhecimento detém sobre o mesmo?
	De que forma se sente seguro na lecionação?
	Em que blocos de EEFM se sente menos bem preparado?
	Acha que a sua formação inicial foi adequada para poder lecionar EEFM no 1ºCEB?
	Enquanto professor sentiu necessidade em concretizar/ já concretizou alguma formação para a disciplina de EEFM? Se respondeu sim, mencione que formação concretizou e porquê.
Existência AEC	Na sua escola existem AEC?
	Alguma das AEC está relacionada com a atividade física?
	Sabe que atividades costumam ser implementadas?
	Quem Leciona?
	Quantas vezes por semana?
	Qual a duração média da(s) aula(s)?
	Em que dia(s) da semana ocorre?

* Os dados relativos à questão não foram considerados para a análise

Tabela 14 – Organização do questionário dos alunos

Categorias	Variáveis/questões
Identificação dos participantes	Sexo
	Idade
	Ano de escolaridade
Lecionação	Tens aulas de “Educação Física”?
	Se respondeu sim indique:
	Quantas vezes por semana?
	Qual a duração da aula?
	*Em que dia(s) da semana ocorre?
Gosto pessoal	Quem leciona?
	Gostas das aulas de EF?
	Gostavas de ter mais vezes a aula de EF? Quantas?
	O que mais gostas de fazer nas aulas de EF?
	*O que menos gostas de fazer nas aulas de EF?
	O que costumavas fazer nas aulas de EF?
Valorização	Qual a disciplina que mais gostas?
	Na tua opinião porque é importante a EF?
	Qual a importância que atribuis à EF em relação às restantes disciplinas?
Existência AEC	Na tua escola existem AEC?
	Frequentas alguma AEC onde pratiques atividades físicas?
	Que atividades costumavas realizar?

* Os dados relativos à questão não foram considerados para a análise

Tabela 15– Organização do questionário dos encarregados de educação

Categorias	Variáveis/questões
Identificação dos	Sexo

participantes	Idade
	Habilitações académicas
	Ano de escolaridade do educando
Lecionação	O seu educando tem aulas de Expressão e Educação Físico-motora?
	Se respondeu sim indique:
	Quantas vezes por semana?
	Qual a duração da aula?
	*Em que dia(s) da semana ocorre?
	Quem leciona?
	Sabe que as atividades/"matérias" são abordadas nas aulas de EEFM? Se respondeu sim, indique quais.
Valorização	*Na sua opinião, a escola do seu educando reúne boas condições para a prática de EEFM? Se respondeu não, aponte que boas condições gostaria que a escola do seu educando tivesse para a prática de Expressão e Educação Físico-motora.
	Na sua opinião, considera a EEFM uma disciplina importante para o desenvolvimento integral do seu educando? Justifique.
	Qual a importância que atribui à EEFM comparativamente às restantes disciplinas?
Frequência de atividades extracurriculares	O seu educando pratica alguma atividade fora do contexto escolar?
	Se respondeu sim indique:
	Que atividade pratica?
	Quantas vezes por semana?
	Indique qual a razão do seu educando praticar essas atividades.

* Os dados relativos à questão não foram considerados para a análise

Análise de Dados

Para a realização da análise dos dados deste estudo, numa fase inicial foi necessário organizar todos os dados recolhidos e por conseguinte criar uma base de dados informatizada. Para tal foi essencial recorrer ao Excel.

Os dados foram reportados através da de frequências absolutas e relativas, e nas questões abertas, como referimos, utilizou-se a análise de conteúdo com categorização por via dedutiva.

Calendarização

O presente estudo resultou da concretização de diversas etapas/fases que possibilitaram o seu desenvolvimento. Sendo assim, através de um cronograma que se segue são apresentadas de uma forma sucinta as principais fases do estudo.

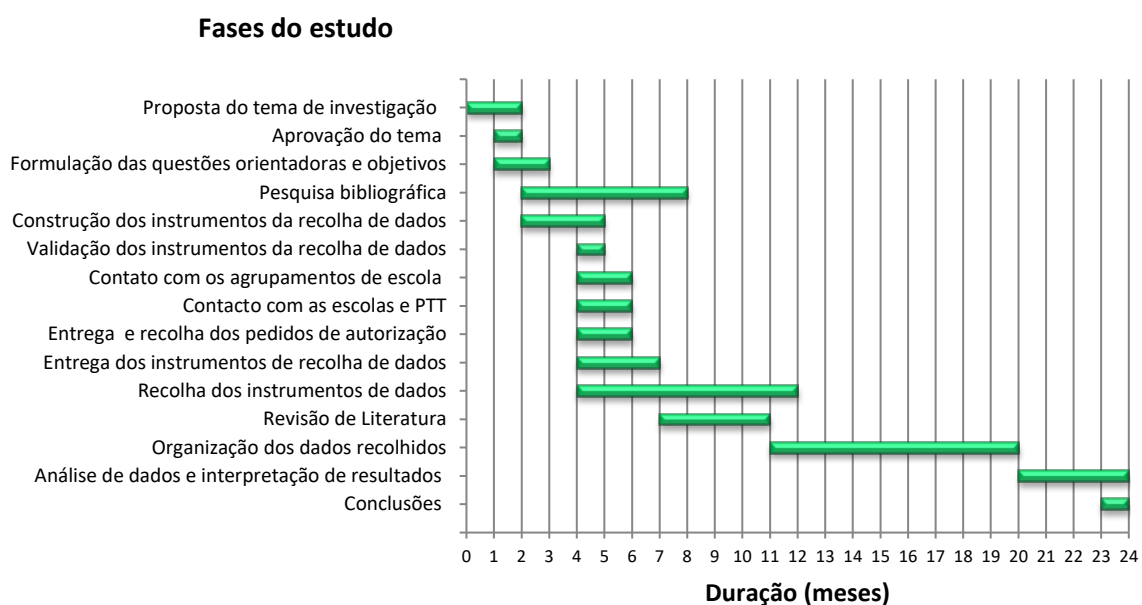


Fig. 2 – Calendarização do estudo

O relatório do estudo que aqui se apresenta teve início em outubro de 2014 findando em fevereiro de 2017, passando assim por diferentes etapas.

Numa etapa inicial deu-se a preparação do projeto de investigação onde foi possível determinar a proposta do tema a ser investigado, procedendo-se à formulação das questões orientadoras e dos objetivos, bem como a iniciação da recolha de bibliografia. No decorrer deste período foi igualmente possível realizar uma análise documental (referente à legislação, plano curricular da turma, e horários) relativa à temática em questão deste estudo.

Seguidamente passou-se à fase de construção dos questionários para os 3 grupos, bem como, a validação dos mesmos. Uma vez preparados os questionários e retificadas as alterações aos mesmos, foi chegada a fase de contactar os agrupamentos e as escolas para a participação no estudo.

Após a autorização das escolas (anexo 3) foi pedida a participação dos PTT, dos encarregados de educação, bem como a autorização da participação dos seus educandos (anexo 4). É de salientar que no documento da autorização dos alunos ia explanado o objetivo do estudo, a forma de coleta de dados e entrega dos mesmos, elucidando e garantindo o anonimato e confidencialidade das informações recolhidas durante todo o processo por qualquer um dos grupos.

Uma vez recolhidas as autorizações e os primeiros instrumentos dirigidos aos encarregados de educação, deu-se o início de entrega dos questionários, aplicados por autoadministração, aos encarregados de educação, e posteriormente aos PTT e aos alunos. Seguindo-se, desde logo, a recolha de todos dos questionários distribuídos em períodos estipulados com os PTT de 15 dias. O tempo de duração desta fase revelou-se mais extenso já que o preenchimento dos inquéritos dos alunos dependia das autorizações entregues pelos encarregados de educação aos PTT. Como tal, foi necessário realizar uma recolha dos instrumentos⁹ de forma sistemática e frequente, junto das turmas e através dos PTT.

Em simultâneo a este processo de recolha de dados foi realizada a revisão de literatura.

Uma vez terminada a recolha de dados, foi essencial organizá-los para, posteriormente ser criada uma base de dados informatizada. A fase que se seguiu foi a da apresentação e discussão dos dados, terminado este processo com a da redação das conclusões do estudo.

⁹ Todo o processo de entrega e recolha de dados foi concretizado pela autora do estudo.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente subcapítulo serão apresentados e discutidos os resultados do estudo, visando identificar as percepções dos professores, dos alunos e dos encarregados de educação relativamente à EEFM no 1º CEB de modo a conhecer a forma como esta disciplina é operacionalizada em contexto escolar.

Numa fase inicial serão apresentados os dados/opiniões dos professores titulares de turma (PTT), seguindo-se os dos alunos e posteriormente os dos encarregados de educação. No final da análise são apresentados dois quadros sinóticos sobre as informações mais relevantes dos 3 grupos.

Análise da percepção dos Professores Titulares de Turma (PTT)

Na Tabela 16 estão sistematizadas as opiniões dos PTT no que diz respeito à responsabilidade da lecionação da EEFM.

Tabela 16 - Opinião dos PTT sobre agente educativo que deverá ser *responsável pela lecionação da EEFM*

	N=14	%
Professor Titular	4	28.6
Professor Especializado	6	42.8
Ambos	4	28.6

Como se pode observar na tabela anterior, 42.8% é da opinião de que a EF deve ser lecionada por um professor especializado, argumentando que:

“...têm formação específica e daí outras competências...” (PTT5)

““O nível de proficiência de um professor generalista apenas garante uma abordagem de nível mediano aos objetivos/requisitos curriculares” (PTT12).

Quem defendeu a responsabilidade da lecionação para o PTT (28.6%), argumentou:

“Professor do 1º ciclo tem habilitação suficiente para lecionar expressões” (PTT 3 e PTT 14).

“A formação recebida durante o curso para professor do 1º Ciclo, nesta área é boa e adequa-se à faixa etária dos alunos com quem trabalhamos” (PTT 1).

Importa referir que estes docentes possuem uma formação específica na área de EF (professores de 1º CEB - variante de EF).

Os restantes 28.6% defendem que a responsabilidade deve ser atribuída a ambos (PTT e ao Professor especializado) , argumentando que:

“...qualquer professor do 1º Ciclo está em condições de lecionar esta área, no entanto penso que ao nível do 3º e 4º ano a introdução de uma prática pré-desportiva já poderia ter a coadjuvação de um professor especializado”(PTT 2)

“...um trabalho coadjuvado seria o mais adequado e positivo, pois ajuda de um professor especializado enriquecia todo o trabalho a desenvolver” (PTT 13)

Aliás, a possibilidade de coadjuvação nesta disciplina está contemplada no Decreto-lei 139/2012, de 5 de Julho ao referir que no 1.º ciclo, as escolas poderão promover a coadjuvação nas áreas das expressões, bem como um reforço do acompanhamento do desempenho dos alunos e das suas necessidades de apoios específicos. No entanto, a lei não se mostra muito clara, e na opinião de Figueiredo (1993) “se por um lado a responsabilidade pela concretização do currículo ao nível do 1º ciclo é atribuída ao professor único desse nível, por outro lado, prevê a coadjuvação nessa área, pelo que lança uma certa desresponsabilização. Estamos pois, num certo vazio que ... tem vindo a ser muito mal preenchido” (p.158).

Globalmente, no nosso estudo as opiniões dos professores não são unânimes e é notório que os professores que não têm uma formação específica na área de EF reforçam a necessidade de coadjuvação.

A tabela seguinte (17) reporta a opinião dos PTT sobre a obrigatoriedade da disciplina de EEFM no currículo escolar do 1º CEB.

Tabela 17 - Obrigatoriedade da disciplina de EEFM no 1º CEB

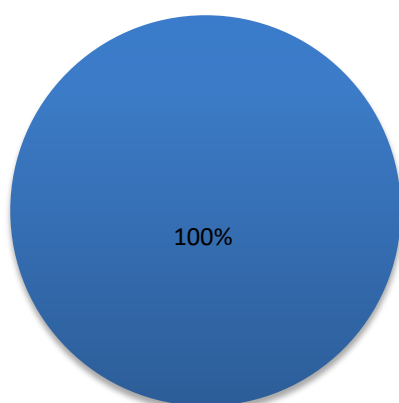
	N=14	%
Facultativa	1	7.1
Obrigatória	12	85.8
Outro: AEC Obrigatória	1	7.1

Quase todos os PTT referiram que a EEFM deve ter um caráter obrigatório (85.8%). Todavia, um docente expressou que EEFM deveria ser facultativa (7.1%) e outro docente referiu que deveria ministrada nas AEC com obrigatoriedade. Esta última opinião contradiz o Decreto-Lei nº 139/2012 de 5 de junho que estabelece que os agrupamentos de escola e as escolas não agrupadas devem “...desenvolver atividades de enriquecimento curricular de caráter facultativo, com um cariz formativo, cultural e lúdico, que complementem as atividades da componente curricular desenvolvida em sala de aula”.

Tal como as restantes disciplinas, também a EEFM é uma disciplina de frequência obrigatória, já que a mesma é parte constituinte do currículo do ensino básico, ou seja, a operacionalização da EF no 1º CEB, muito embora não esteja explicitado quem a deve lecionar, está subjacente que a mesma recaia sobre a responsabilidade dos agentes educativos responsáveis no 1º Ciclo - Professores titulares de turma, uma vez que prevalece o regime de monodocência, no qual o PTT é o principal interveniente na ação educativa e responsável pelas aprendizagens e vivências que proporciona aos alunos.

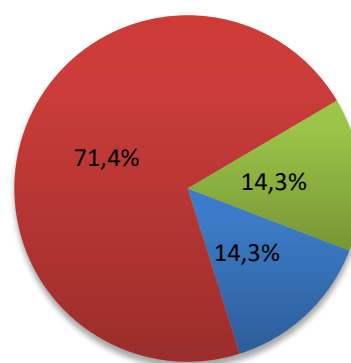
Vários são os documentos e os estudos que comprovam a importância da EF no 1º CEB, já que a mesma se constitui uma oportunidade de os alunos adquirirem hábitos para uma vida saudável e ativa e desenvolverem a sua competência motora (CE, 2015; Gallahue & Ozmun, 2005; Giblin, Collins, & Button, 2014; Lopes, 2014; Lopes, Stodden, & Rodrigues, 2017; Miranda & Afonso, 2006; PNEF, 2001).

Quando questionados sobre a importância da EEFM no 1º ciclo (fig. 3) todos os docentes referem ser uma disciplina importante. No entanto, alguns professores (n=4) não atribuíram o mesmo grau de importância quando comparado com as restantes disciplinas do 1º CEB, como se pode observar na figura abaixo apresentada (fig. 4).



■ Sim ■ Não

Fig. 3 – Importância da EEFM no 1º CEB

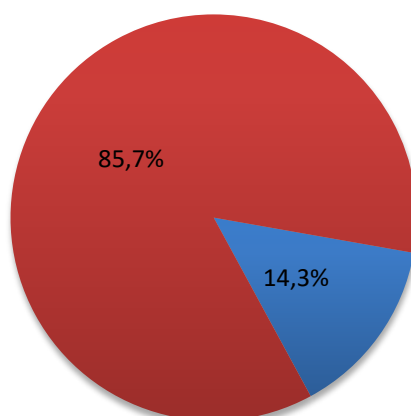


■ Mais importante ■ Mesma importância
■ Menos importante

Fig. 4 – Importância da EEFM comparativamente às restantes disciplinas do 1º CEB

Verifica-se que a maioria dos docentes, ao comparar a importância da EEFM com as restantes disciplinas, atribuem maioritariamente a mesma importância. Contudo, existem professores que lhes concedem maior importância (14.3%) e outros que, no seu entender, consideram esta disciplina menos importante. Resultados semelhantes foram encontrados nos estudos de Jesus (2013) e de Pires (2016).

Relativamente ao programa de EF, a maioria dos docentes (85.7%) diz conhecê-lo (fig. 5).



■ Não ■ Sim

Fig. 5 – Conhecimento relativo ao programa de EEFM do 1º CEB

Segundo Lopes (2014), quer seja no nosso país, quer seja noutros, os programas em vigor de EF salientam a importância de dois aspetos da atividade física: “ (...) por um lado o desenvolvimento da aptidão física como um importante objectivo da EF, por outro lado e paralelamente, o objectivo educacional de contribuir para o estabelecimento de hábitos de prática de actividade física que se mantenham para além da permanência na escola” (p.32).

É importante destacar que cabe ao professor titular conhecer o programa, bem como concretizar a sua operacionalização, de modo a potenciar estes e outros aspetos que possibilitem o desenvolvimento como “ (...) uma esfera de acção única da Educação Física” (Neves Junior et al., 2015, p.15).

As tabelas 18, 19, e 20 apresentam a opinião dos PTT relativamente à adequação sua formação base para lecionar a EEFM no 1º CEB. Também foi questionada a necessidade de uma formação específica, assim como o grau de segurança na leção da disciplina de EEFM.

Tabela 18 – Adequação da formação inicial dos PTT para lecionar a EEFM no 1ºCEB

	N=14	%
Não	9	64.3
Sim	5	35.7

Tabela 19 – Necessidade em realizar formação específica no âmbito EEFM

	N=14	%
Não	8	57.1
Sim	6	42.9

Tabela 20 – Nível de confiança/segurança na leção da EEFM

	N=14	%
Inseguro	1	7.1
Pouco seguro	4	28.6
Seguro	7	50.0
Muito seguro	2	14.3

Observando a tabela 18, 64.3% dos PTT consideram não possuir uma formação inicial adequada que lhes permita lecionar a EEFM no 1º CEB. Porém, uma pequena parte (35.7%) afirma ter as bases necessárias para lecionar EEFM devido à sua formação inicial.

Quando confrontados com a necessidade de concretizar uma formação complementar/específica, 57.1% afirma não ter necessidade de formação (tab. 19).

Relativamente à confiança que os PTT detêm na leção da disciplina (tab. 20), 64.3% dos docentes afirmaram ter segurança/confiança, os restantes sentem-se pouco seguros (35.7%) ou mesmo inseguros (7.1%).

A figura 6 apresenta os blocos em que os docentes referiram ter maior necessidade de formação.

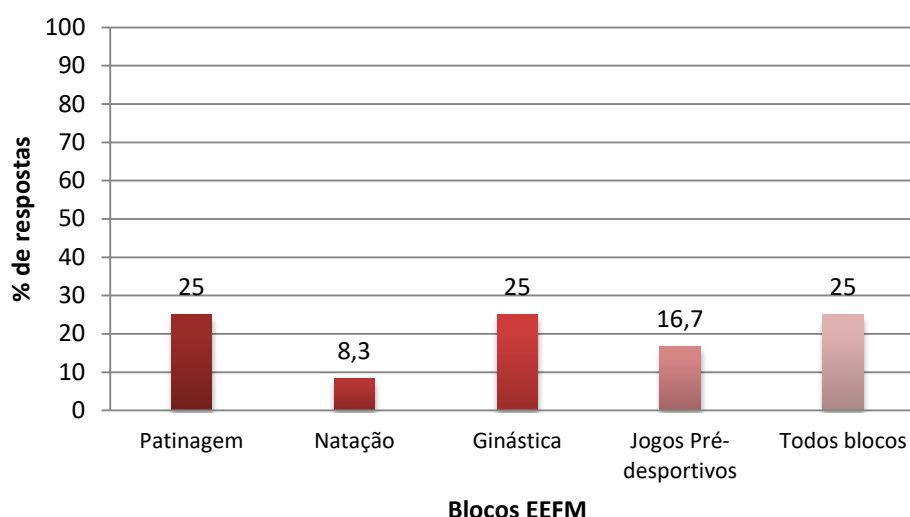


Fig. 6 – Blocos em que os PTT sentem ter menor preparação

Considerando os resultados apresentados na figura anterior (6), pode-se concluir que os PTT sentem menor preparação para abordar o bloco de Patinagem (25%) e de Ginástica (25%). Também revelam dificuldades ao nível do bloco de Jogos e particularmente ao nível dos Jogos Pré-desportivos (16.7%). Todavia, salienta-se que 25% dos PTT não se sentem preparados na leção de todos os blocos do programa de EEFM. Estes resultados reforçam a opinião dos PTT, anteriormente referida, sobre as lacunas na sua formação inicial para a leção da EEFM no 1º CEB.

A figura 7 apresenta a percentagem de PPT que efetivamente leciona EEFM.

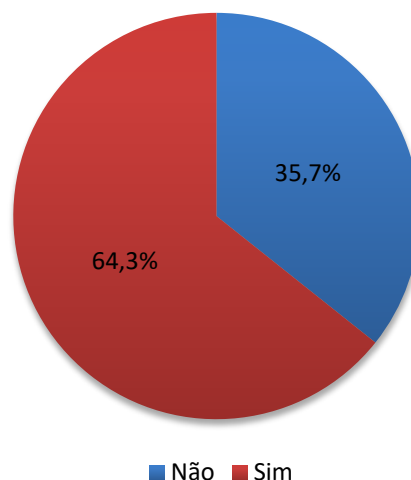


Fig. 7 – % de PTT que afirma lecionar EEFM

Apenas 64,3% dos PTT afirma lecionar EEFM. Semelhantes resultados foram registados no estudo pelo Centro de Estudo em Educação Física e Desporto Escolar da U.L.H.T. (2000), uma vez que se constatou que mais de metade dos docentes afirmavam ser o único responsável pela leção da EEFM.

Os PTT que mencionaram não lecionar a EEFM (35.7%) apontaram as seguintes razões:

“Esta atividade foi implementada nas AEC” (PTT 3)

“Existe um professor responsável pelas expressões” (PTT 2; 4; 5)

“Por vezes o tempo não chega. Principalmente em ano de exames, muitas áreas ficam atrás da leção de Português e Matemática” (PTT 10)

Na nossa opinião, os docentes devem implementar obrigatoriamente a EEFM neste ciclo de ensino, uma vez que esta está consagrada no programa oficial. À semelhança das restantes disciplinas, “...ao docente caberá, no exercício pleno da sua profissão, encarar o seu desenvolvimento curricular (...) com a naturalidade que encara a área da leitura ou da aprendizagem da matemática” (Matos, 2000, p.16).

De acordo com Onofre (1996), a EF deve ser reconhecida como “área cultural prioritária”, em que “sem esta disciplina, a educação das crianças e jovens portugueses é incompleta, porque se tornarão em seres coartados na realização plena das suas

potencialidades e desenvolvimento como indivíduos (...) coartados naquilo que é genuíno à expressão pessoa humana, que é o desenvolvimento físico (...) emocional, cognitivo e social! ” (p. 51).

Relativamente ao planeamento da EEFM, 44.4% dos PTT afirmam cumprir o programa oficial de EEFM (fig. 8).

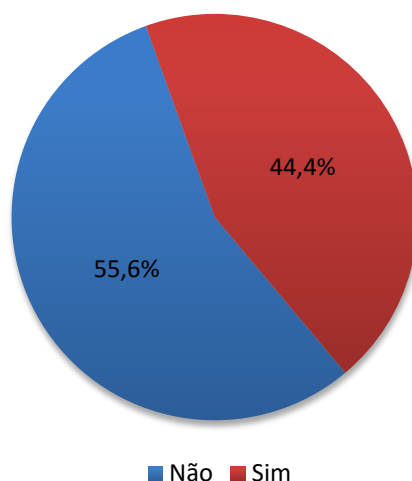


Fig. 8 – % de PTT que afirma seguir o programa de EEFM

No entanto, verifica-se que 55.6% dos professores que anteriormente afirmaram lecionar a disciplina, não costumam seguir o programa. O que nos leva a interrogar sobre a responsabilidade que os mesmos atribuem ao desenvolvimento da disciplina e consequentemente à qualidade e diversidade das aprendizagens que estes proporcionam aos alunos.

Como refere o programa do 1º CEB, no que concerne à conexão entre este e a prática pedagógica: “... programas não foram concebidos como a única fonte de inspiração dos professores, mas como a referência geral que permite garantir a coordenação e coerência da actividade dos alunos em anos seguintes e entre turmas e escolas diferentes” (ME, 2004, p.35). O mesmo documento ainda salienta o desenvolvimento do aluno ao referir que “...O programa desenha um «continuum» de desenvolvimento pessoal, através das experiências (actividade do aluno) que estão

indicadas pelos seus efeitos desejáveis (objectivos)” (Ministério da Educação, 2004, p.36).

Também Cruz e colegas (1998) referem que o programa do 1º CEB é uma referência fundamental para o desenvolvimento do aluno, na valorização da motricidade com estimulação das capacidades e construção e aperfeiçoamento das aptidões.

De acordo com Jesus (2013), é necessário que todos os professores respeitem o programa existente para a disciplina, de forma a garantir o cumprimento do currículo definido, sem criar diferenças significativas entre alunos do mesmo ciclo, de escolas diferentes visto ser uma disciplina curricular obrigatória nos ensinos básico e secundário.

A tabela 21 reporta os resultados obtidos sobre os blocos que os PTT afirmam desenvolver:

Tabela 21 – Blocos que os PTT costumam trabalhar

	N=14	%
Perícias e Manipulação	1	9.1
Deslocamento e Equilíbrios	1	9.1
Ginástica	2	18.2
Jogos	5	45.4
Atividades Rítmicas e Expressivas	2	18.2

Ao interpretarmos a tabela 21, podemos referir que nem todos os blocos são trabalhados, como por exemplo: percursos na natureza, patinagem e natação. Apenas 45.4% dos PTT refere trabalhar o bloco de jogos, 18.2% desenvolve os blocos de Ginástica e de Atividades Rítmicas e Expressivas. Pode-se concluir que os Jogos é o bloco mais valorizado e abordado pelos docentes. Este resultado é idêntico ao encontrado no estudo desenvolvido pelo Centro de Estudo em Educação Física e Desporto Escolar da UHTL em 2000.

Tendo em consideração o que anteriormente foi mencionado pelos PTT foi essencial averiguar qual a frequência semanal com que estes lecionam a EEFM (tab. 22).

Tabela 22 – Frequência semanal de EEFM reportada pelos PTT

	n= 9	%
1 vez por semana	6	66.7
2 vezes por semana	1	11.1
Sem regularidade	2	22.2

A maioria dos PTT apenas leciona uma vez por semana (66.7%) e 22.2% admite lecionar sem regularidade.

Considerando os dados apresentados, e os que anteriormente foram mencionados, podemos pensar que, se os PTT não seguem o programa e não lecionam de uma forma regular e sistematizada a EEFM, então que aprendizagens motoras o professor proporciona às crianças? Aliás, o Programa do 1º ciclo refere que “...do ponto de vista das necessidades de desenvolvimento multilateral das crianças, a principal exigência que o currículo real dos alunos deve satisfazer é a continuidade e a regularidade de actividade física adequada, pedagogicamente orientada pelo seu professor” (Ministério de Educação, 2004, p.36).

Para complementar a informação sobre a leção da disciplina foi essencial averiguar qual duração média das aulas de EEFM dos PTT que lecionam a disciplina (fig.9)

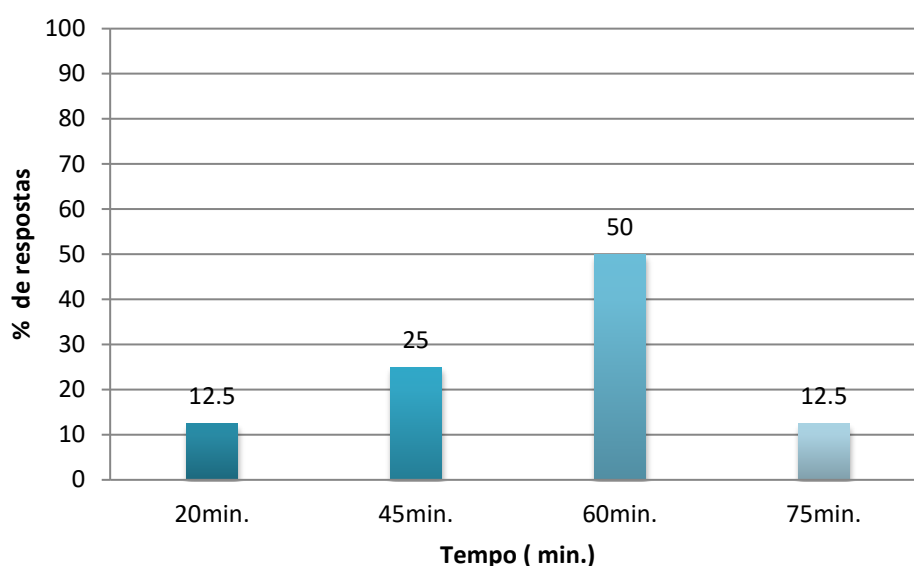


Fig. 9 – Duração média das aulas de EEFM dos PTT que lecionam a disciplina

Na figura 9 verifica-se que 50% dos inquiridos lecionam a aula de EEFM num período de 60min, e os restantes em menos tempo. Semelhantes resultados foram encontrados no relatório preliminar do Centro de Estudos de Educação Física Escolar da U.L.H.T. realizado pelo Gabinete Coordenador do desporto escolar (2000). Ou seja, não houve uma alteração e mantem-se fielmente o que já há 15 anos se realizava (1 vez por semana com um tempo de 45 a 50 minutos). Tomando em consideração os dados apresentados no relatório anteriormente referido e os que agora se obtêm, atesta-se que no decorrer destes anos não houve qualquer alteração na operacionalização da EEFM no 1º CEB, o que se torna um problema iminente atendendo às implicações que esta atitude/prática pode conduzir no desenvolvimento e nas aprendizagens dos alunos deste ciclo de ensino.

De seguida, procurou-se perceber opinião dos PTT sobre adequabilidade das horas estipuladas para a EEFM (tab. 23).

Tabela 23 – Opinião dos PTT sobre adequabilidade do tempo letivo estipulado para a EEFM

	N=14	%
Não	7	50.0
Sim	7	50.0

50% dos PTT referiram que as horas semanais destinadas à prática de EEFM não são suficientes e adequadas, argumentando o seguinte:

“Não são suficientes. As crianças do 1º Ciclo estão numa fase etária que necessitam de movimentos. Passam bastante tempo sentadas ao computador.” (PTT 2)

“Poderiam ser um pouco mais, caso não houvesse tanta carga horária e currículos extensos noutras áreas.” (PTT 4).

Os restantes PTT (50%) que entendem que as horas semanais são suficientes e adequadas para a EEFM, mencionaram o seguinte:

“Dada a abrangência dos currículos não é viável a atribuição de mais horas letivas a esta área curricular.” (PTT 12)

“(...) o currículo é bastante extenso e não poderia ser feita a distribuição dos tempos de outra forma”(PTT 13).

Pode-se constatar que a maioria das opiniões/ razões apontadas pelos docentes converge para a extensão e exigência dos currículos. Todos os docentes são de opinião que deveria ser atribuída uma maior carga horária à EEFM, caso houvesse a possibilidade de alterar a carga horária estipulada para as restantes disciplinas, bem como a diminuição da extensão dos programas para este ciclo de ensino. No entanto, os mesmos (PTT) salientaram que não existe tal viabilidade para a concretização dessa alteração.

Tendo em consideração o que anteriormente foi apurado, foi dada a possibilidade de os mesmos, no seu entender/opinião realizar a distribuição da carga horária pelas diferentes disciplinas, como se pode verificar na figura que se segue (fig. 10).

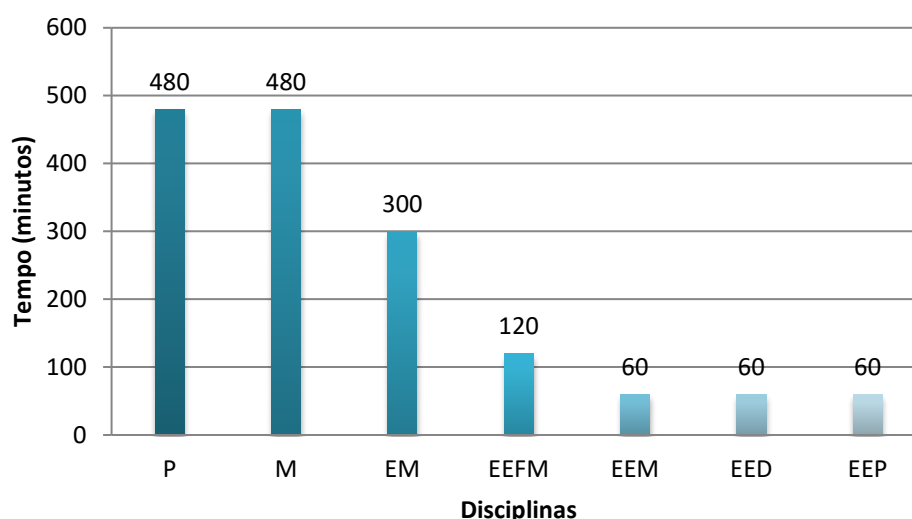


Fig. 10 – *Opinião dos PTT sobre a carga horária que deve ser atribuída às diferentes disciplinas*

Legenda: P - Português; M - Matemática; EM - Estudo do Meio; EEFM - Expressão e Educação Físico-motora; EEM - Expressão e Educação Musical; EED - Expressão e Educação Dramática; EEP - Expressão e Educação Plástica.

Ao analisar a figura 10 verifica-se que os docentes atribuem a mesma carga horária às disciplinas de Português e de Matemática (cerca de 8 horas por semana para cada uma). Seguindo-se o Estudo do Meio com 5 h/semana, a EEFM com um total de 2

h/semana e as restantes expressões (Expressão Musical, Expressão Dramática e Expressão Plástica) com apenas 1h/semana.

Apesar de haver um aumento na atribuição do tempo destinado às expressões, igualando-se à disciplina de Estudo do Meio, o mesmo não é constante entre as diferentes expressões, sendo que a EEFM seria detentora do dobro do tempo determinado para cada expressão.

É de salientar que anteriormente os PTT referiram que a EEFM tinha a mesma importância que as demais disciplinas, no entanto ainda prevalece a preferência da carga horária pelas disciplinas de caráter cognitivo: Português, Matemática e Estudo do Meio.

Todos os docentes afirmaram que na sua escola existiam Atividades de Enriquecimento Curricular (fig. 11).

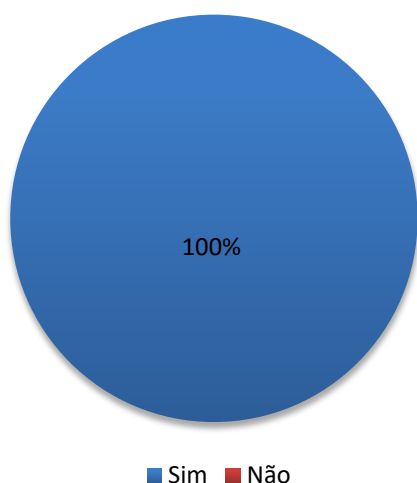


Fig. 11 – *Duração – Existência de AEC nas escolas*

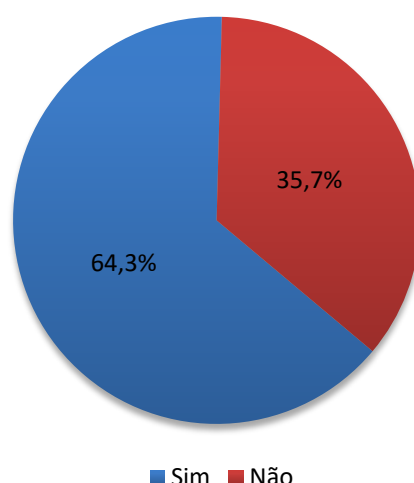


Fig. 12 – *Duração – Duração – AEC relacionada com atividades físicas e desportivas*

Através da figura anterior (fig. 12) verifica-se que em 64.3% das escolas onde os estes docentes lecionam existem AEC, no âmbito das atividades físico-desportivas. Relativamente aos 35.7% dos docentes que afirmam não haver AEC relacionada com as atividades física e desportiva, importa esclarecer que são docentes do mesmo agrupamento, e que a direção optou por nomear um professor do agrupamento para lecionar a disciplina das expressões a todas as turmas do 1º CEB, e por essa mesma razão as escolas em causa não têm AEC no âmbito das atividades físico-desportivas.

Sobre este assunto, o Decreto-Lei nº 6, 2001, refere que:

“As escolas, no desenvolvimento do seu projecto educativo, devem proporcionar aos alunos actividades de enriquecimento do currículo, de carácter facultativo e de natureza eminentemente lúdica e cultural, incidindo, nomeadamente, nos domínios desportivo, artístico, científico e tecnológico, de ligação da escola com o meio, de solidariedade e voluntariado e da dimensão europeia na educação” (p. 260).

Nas figuras 13 e 14, apresentam-se os resultados sobre o conhecimento que os PTT detêm sobre as atividades desenvolvidas no decorrer das AEC.

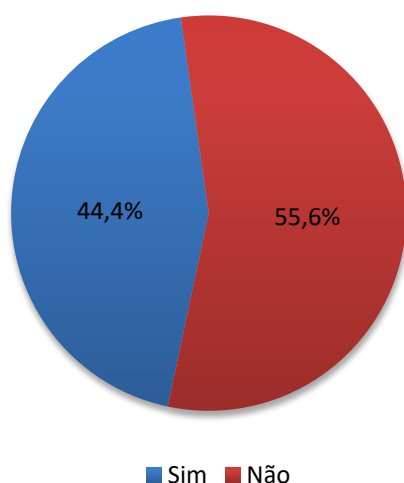


Fig. 13 – *Conhecimento dos PTT sobre as atividades desenvolvidas/implementadas nas AEC*

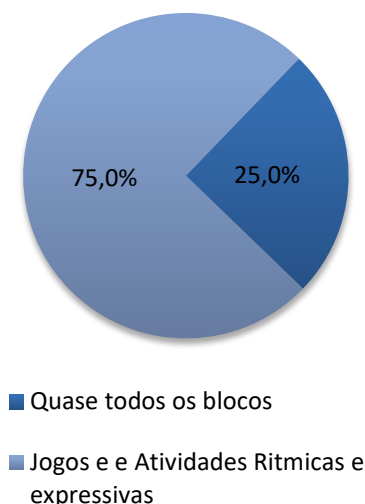


Fig. 14 – *Atividades desenvolvidas nas AEC*

De todos os docentes, 44.4% afirmam conhecer as atividades implementadas nas AEC (fig. 13). Porém, quando mencionaram quais as atividades implementadas (fig. 14), a maioria apenas indicou o bloco de Jogos e das Atividades Rítmicas Expressivas (75%).

Tendo em consideração que as AEC são atividades que vêm complementar as atividades curriculares é de salientar que 55.6% dos docentes afirmaram não ter conhecimento sobre as atividades implementadas nas AEC, e como tal leva a crer que não existe uma articulação no planeamento das atividades com o PTT.

Resultados semelhantes foram encontrados nos estudos de Cunha (2008) e Silveira (2007), nos quais a maioria dos professores afirmava desconhecerem as orientações programáticas para as AEC, bem como não participavam em reuniões de programação e de avaliação com os professores das AEC. Sobre este assunto, o despacho nº 8683/2011, refere que:

“A planificação, a supervisão pedagógica dos técnicos das actividades de enriquecimento curricular e o acompanhamento das actividades de animação e de apoio à família e de enriquecimento curricular no 1.º ciclo do ensino básico são da responsabilidade dos órgãos competentes do agrupamento, competindo ao professor titular do 1.º ciclo garantir a articulação daquelas actividades com a actividade curricular e não podendo aquelas substituir as áreas previstas nas Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar e no Currículo Nacional do Ensino Básico” (p. 27058).

Análise da percepção dos Alunos

Na tabela 24 e nas figuras 15 e 16, apresentamos as respostas dos alunos sobre a frequência semanal da EEFM e qual a duração da mesma.

Tabela 24 – Tens aulas de EEFM

	N= 346	%
Não	29	8.4
Sim	317	1.6

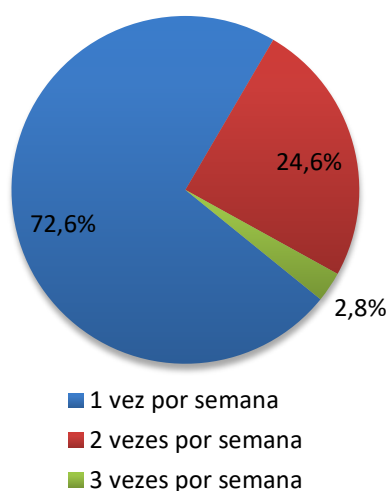


Fig. 15 – Frequência semanal de EEFM

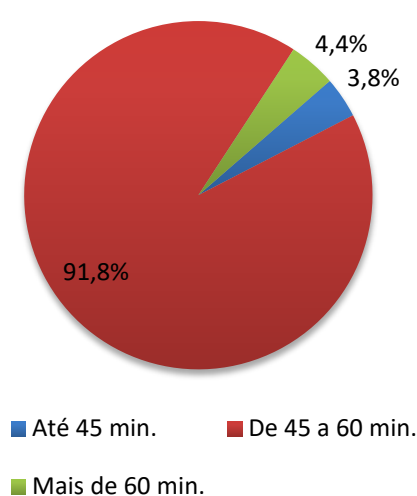


Fig. 16 – Duração da aula de EEFM

A maioria dos alunos (91.6%) afirma ter aulas de EEFM (tab. 24). Quanto à frequência semanal, constatamos que 72,6% dos alunos afirma que apenas tem uma aula por semana, e 91.8% dos alunos refere que as aulas têm uma duração entre 45 a 60 minutos.

Na figura 17 sistematizamos as respostas dos alunos relativamente à percepção que eles têm sobre quem leciona a aula de EEFM.

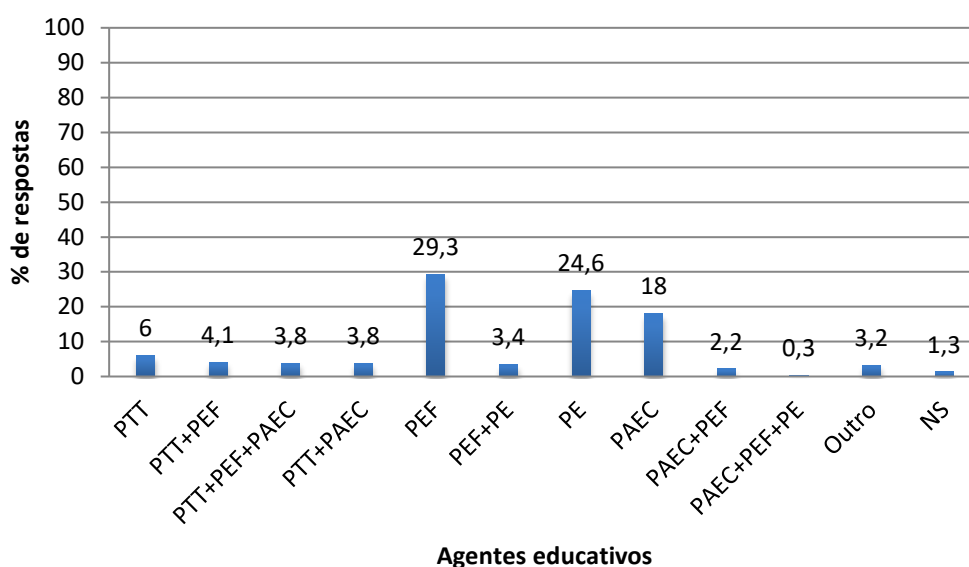


Fig. 17 – Percepção dos alunos sobre quem leciona a EEFM

Legenda: PTT- Professor Titular de Turma; PEF - Professor de Educação Física; PE - Professor das Expressões; PAEC – Professor das AEC; NS - Não Sabe.

Através da fig. 17, podemos constatar uma diversidade de respostas sobre a identidade do professor que leciona a EEFM, o que leva a pensar que a percepção dos alunos sobre quem leciona não corresponde sempre à realidade, já que estes independentemente do agente educativo que a desenvolve, à exceção do PTT, denominam os professores das AEC como professor de Educação Física.¹⁰

Salienta-se que apenas 6% dos alunos identifica o PTT como sendo o único responsável pela leção da EEFM.

¹⁰ Facto apurado pela autora no decorrer da PES.

A tabela 25 apresenta o grau de satisfação dos alunos pelas aulas de EEFM.

Tabela 25 – Grau de satisfação dos alunos pelas aulas de *EEFM*

	<i>n</i> =317	%
Não Gosto	0	0
Gosto pouco	2	0.7
Gosto	60	18.9
Gosto muito	255	80.4

A maioria dos alunos afirmou gostar muito da EEFM (80.4%), assinalando-se apenas 2 alunos (0.7%) que gostam pouco da disciplina. Esta tendência é encontrada em outros estudos que foram desenvolvidos em ciclos de ensino mais avançados (Andrade, 2008; Cervelló & Murcia, 2003; Coelho, 2016; Jesus, 2013; Santos, 2013).

Nas tabelas que se seguem são apresentadas as opiniões dos alunos sobre a frequência e a carga horária de EEFM que gostariam de ter semanalmente (tab. 26 e 27).

Tabela 26 – *Satisfação dos alunos em ter um aumento da frequência das aulas de EEFM*

	<i>n</i> =317	%
Não	27	8.5
Sim	290	91.5

Tabela 27 – *Quantidade de vezes por semana que os alunos gostariam de ter EEFM*

	<i>n</i> = 290	%
1 vez por semana	1	0.3
2 vezes por semana	82	28.3
3 vezes por semana	114	39.3
4 vezes por semana	38	13.1
5 ou mais por semana	55	19.0

A maioria os alunos (91.5%) gostaria de ter mais aulas de EEFM durante a semana. Aliás, 39.3% mencionou que gostaria de ter 3 aulas por semana. Ainda assim, as respostas vão desde terem mais do que 1 vez por semana (0.3%) até 5 vezes ou mais (19%). Estes resultados reforçam a ideia da satisfação dos alunos pela EEFM.

A figura 18 apresenta os blocos/atividades que os alunos mais gostam de fazer nas aulas de EEFM, e a figura 19 demonstra o que habitualmente costumam praticar na EEFM na opinião dos mesmos.

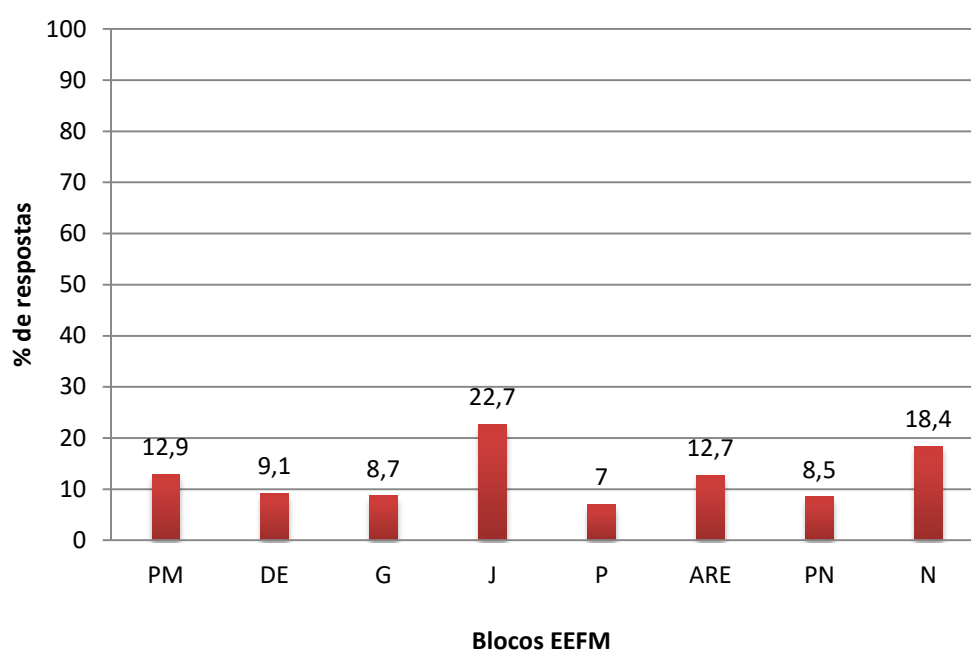


Fig. 18 – *Blocos que os alunos gostam mais de realizar nas aulas de EEFM*

Legenda: PM - Bloco de Perícias e Manipulações; DE - Bloco de Deslocamentos e Equilíbrios; G - Bloco de Ginástica; P – Bloco de Patinagem; J - Bloco de Jogos; ARE - Bloco de Atividades Rítmicas Expressivas; PN – Bloco de Percursos na Natureza; N – Natação

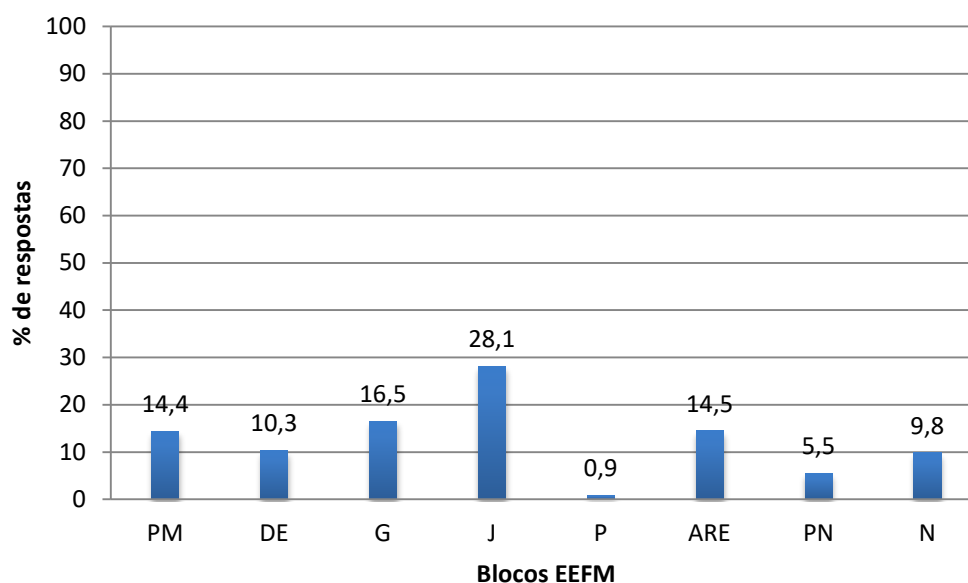


Fig. 19 – *Blocos que os alunos costumam realizar nas aulas de EEFM*

Legenda: PM - Bloco de Perícias e Manipulações; DE - Bloco de Deslocamentos e Equilíbrios; G - Bloco de Ginástica; P – Bloco de Patinagem; J - Bloco de Jogos; ARE - Bloco de Atividades Rítmicas Expressivas; PN – Bloco de Percursos na Natureza; N - Nataação

Os blocos programáticos de maior preferência dos alunos são os Jogos (22,7%) e o de Nataação (18,4%). A Patinagem (7%), os Percursos na Natureza (5,5%) e de Ginástica (8,7%) foram os blocos menos votados.

Porém ao averiguarmos o que estes costumam fazer nas aulas, os alunos mencionam o bloco de Jogos como sendo o que mais concretizam, depois o bloco de Ginástica e de seguida o de Atividades Rítmicas Expressivas (ARE). Pode-se indagar que o bloco que mais gostam é o bloco que mais concretizam, e os blocos que menos costumam realizar são os menos votados, à exceção do bloco de ARE.

Na tabela 28 apresentamos a opinião dos alunos sobre a disciplina que mais gostam.

Tabela 28 – *Disciplina que os alunos mais gostam*

	<i>n=317*</i>	%
Português	28	9.8
Matemática	74	26.0
Estudo do meio	50	17.5
Educação Físico-motora	90	31.6
Educação Musical	17	5.9
Educação Dramática	13	4.6
Educação Plástica	13	4.6
*Omissos	32	-

Observando as opiniões dos alunos constata-se que a disciplina que mais gostam é EEFM (31.6%), seguindo-se as disciplinas de Matemática (26%), Estudo do Meio (17.5%), Português (9.8%) e por último as restantes Expressões.

Aliás, o gosto manifestado anteriormente pelas aulas de EEFM (tab. 26) reflete-se na preferência desta disciplina quando comparada com as demais.

Na tabela 29 estão sistematizadas as opiniões dos alunos sobre o grau de importância que estes atribuem à EEFM comparativamente às restantes disciplinas.

Tabela 29 – *Importância da EEFM em relação às restantes disciplinas*

	<i>n=346*</i>	%
Sem importância	0	0.0
Pouco importante	9	2.7
A mesma importância	121	36.6
Muito importante	201	60.7
*Omissos	15	-

Constata-se, através dos dados apresentados, que todos os alunos consideram importante a EEFM quando comparada com as restantes disciplinas, 60.7% atribui maior importância, enquanto 36.6% menciona ter a mesma importância que as demais.

Na tabela 30 sistematizamos as razões/motivos apontadas pelos alunos sobre a importância da EEFM.

Tabela 30 – Razões/motivos em considerar a EEFM uma disciplina importante.

	n=346*	%
Melhorar a Condição Física	252	17.3
Socialização	64	4.4
Aprender a fazer desporto	216	14.9
Lazer	195	13.4
Saúde	249	17.1
Libertar energias	175	12
Desenvolvimento o espirito de ética e o espirito desportivo	190	13.1
Adquirir valores e competências individuais	112	7.8
Outras	0	0
*Omissos	9	

Pela análise da tabela 30 pode-se concluir que não existe uma opinião unânime, 17.3% mencionaram que a EEFM é importante para a melhoria da condição física; 17.1% aponta como sendo benéfico para saúde; 14.9% diz ser importante para aprendizagem do desporto e 13.4% dos alunos refere a EEFM como uma oportunidade de lazer. As hipóteses menos escolhidas dizem respeito à aquisição de valores, competências individuais e à importância na socialização. Resumidamente, os alunos tendem a valorizar a EEFM como oportunidade de melhorar a condição física, a saúde e o bem-estar em detrimento da socialização. Todavia, é se salientar que a valorização do lazer – aqui considerado como a sensação de satisfação – na aquisição de conhecimento aliado à educação foi um dos pontos que os alunos mais mencionaram, já que com a conjectura da sociedade, como todos sabemos, poucos ou nenhuns são os momentos em que as crianças podem usufruir do prazer do lazer, sendo assim vista essa mesma potencialidade nas aulas de EEFM.

Nas figuras 20 e 21 são apresentados os resultados sobre a percepção dos alunos quanto à existência das AEC nas suas escolas, e a sua participação nas atividades relacionadas com a Atividade Física e Desportiva (AFD).

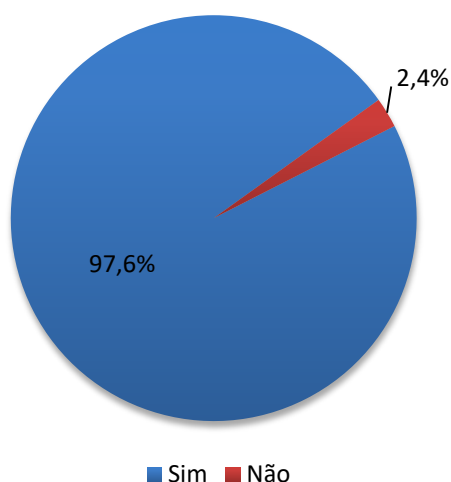


Fig. 20 – Existência de AEC nas escolas

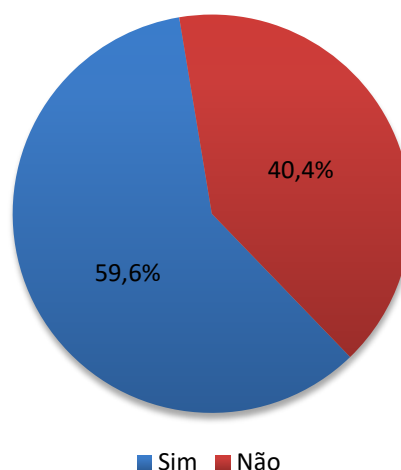


Fig. 21 – Participação dos alunos nas AEC -AFD

A maioria dos alunos (97.6%) afirma que na sua escola existem AEC, no entanto apenas 59.6% dos alunos frequentam AEC relacionada com atividades físico-desportivas. É essencial referir que estas atividades são de cariz facultativo, e não substituem a EEFM, contudo em muitas escolas estas atividades são os únicos momentos para as crianças realizarem atividades físico-motoras. Neste sentido, será preocupante se as crianças que não participam nestas atividades (40,4%) também não tiverem a possibilidade de realizar EEFM no período curricular, dado que se poderá estar a hipotecar o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos.

Sabemos que nesta faixa etária as oportunidades proporcionadas aos alunos são primordiais, e os períodos críticos para o desenvolvimento das qualidades físicas e das aprendizagens psicomotoras fundamentais situam-se até ao final do 1º ciclo (Ministério da Educação, 1998), torna-se assim fundamental que se proporcione um leque de competências básicas que possibilitem a aquisição de aprendizagens e que promovam o desenvolvimento dos alunos.

Na figura 22 ilustramos as atividades desenvolvidas no âmbito do programa das atividades físicas e desportivas (AFD) referidas pelos alunos.

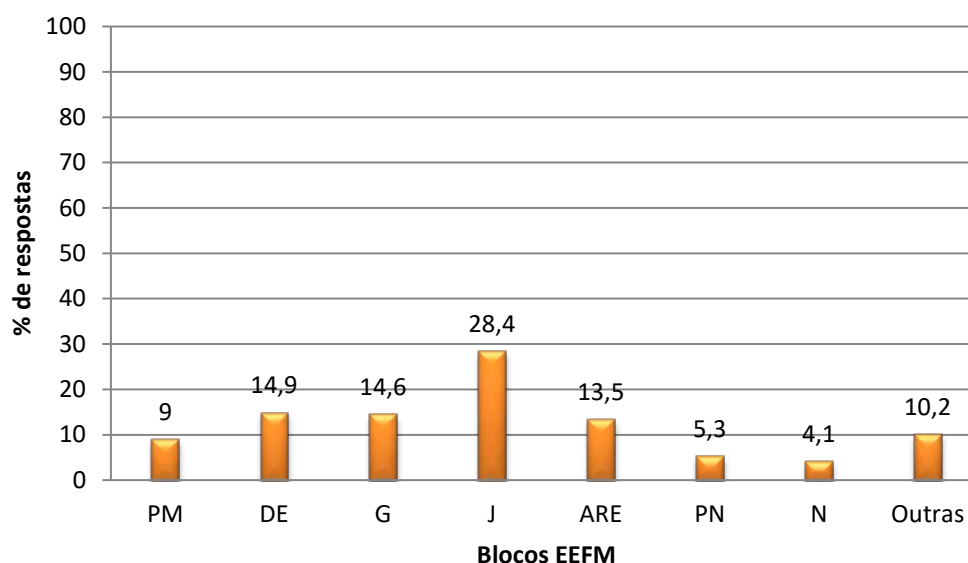


Fig. 22 – *Blocos/atividades desenvolvidas nas AEC - AFD*

Legenda: PM - Bloco de Perícias e Manipulações; DE - Bloco de Deslocamentos e Equilíbrios; G - Bloco de Ginástica; P – Bloco de Patinagem; J - Bloco de Jogos; ARE - Bloco de Atividades Rítmicas Expressivas; PN – Bloco de Percursos na Natureza; N - Natação.

Na opinião dos alunos, os Jogos (28,4%) é atividade que se realiza com maior frequência, seguindo-se atividades relacionadas com os Deslocamentos e Equilíbrios (14.9%).

É de ressaltar que nesta última questão, todos os dados mencionados foram agrupados nos blocos de aprendizagem de EEFM. Porém surge a dúvida quanto ao bloco de Ginástica já que, ainda está muito latente na cultura portuguesa a denominação de Ginástica à EF/ EEFM¹¹, sendo que os alunos atribuem essa mesma designação para toda a atividade física e desportiva que realizem.

Análise da perceção dos Encarregados de Educação

Na tabela 31 e nas figuras 23 e 24 sistematizamos as respostas dos encarregados de educação (EE) sobre a sua perceção relativamente à frequência e duração das aulas de EEFM no contexto escolar.

¹¹ Facto auferido pela autora do estudo durante a PES II nas escolas quando realizado o levantamento dos instrumentos de dados quer pelos alunos como pelos encarregados de educação.

Tabela 31 – % de educandos que frequentam aulas de EEFM reportados pelos EE

	N=279	%
Não	65	23,3
Sim	214	76,7

Ao observar a tabela anterior averigua-se que 76.7% afirmam que o seu educando tem aulas de EEFM. Todavia, 23.3% mencionarem que os seus educandos não têm aula de EEFM, e na nossa opinião este facto pode dever-se ao enraizamento que se verifica na denominação de EEFM /EF por “Ginástica”. Partindo deste pressuposto, podemos especular que os encarregados de educação desconhecem a designação oficial para a EEFM no 1º CEB, e a sua existência enquanto disciplina obrigatória neste nível de ensino.

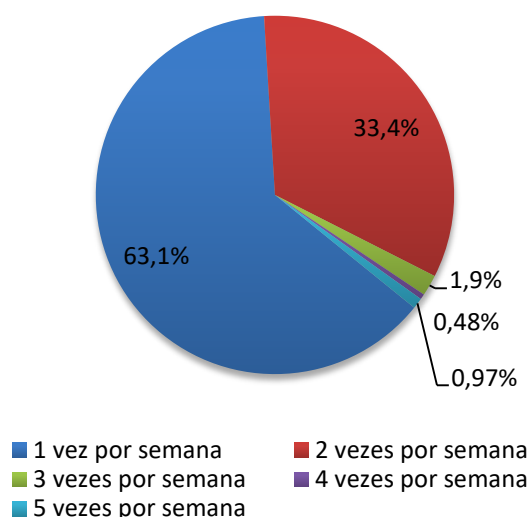


Fig. 24 – Frequência semanal de EEFM

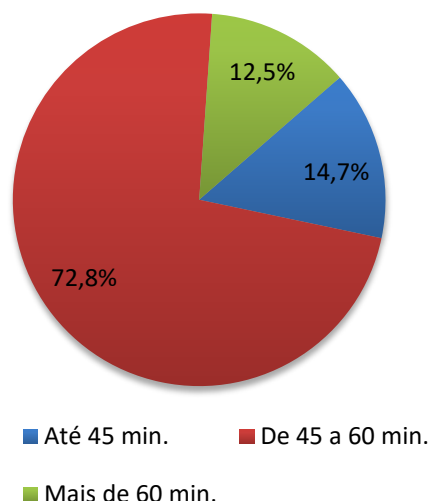


Fig. 23 – Duração da aula de EEFM

A maioria dos EE (63.1%) tem a percepção de que os seus filhos frequentam a aula de EEFM uma vez por semana cuja duração varia entre 45-60 min (72,8%), cabendo ao PEF - professor de educação Física (53.9%) a sua lecionação (ver tab. 32). Sobre estas questões, é importante destacar que a percepção dos encarregados de educação é semelhante à dos alunos (fig. 15 e 16).

Tabela 32 – Quem leciona EEFM na opinião dos EE

	n=214*	%
PTT	21	8,6
PEF	132	53,9
PE	47	19,1
Outro	28	11,5
NS	17	6,9
*Omissos	5	-

T- Professor Titular de Turma; PEF - Professor de Educação Física; PE - Professor das Expressões; NS - Não Sabe.

Na tabela 33 e na figura 25 são apresentadas as respostas dos encarregados de educação sobre o conhecimento que eles detêm relativamente às matérias (blocos) desenvolvidas na disciplina de EEFM.

Tabela 33 – Conhecimento dos EE sobre as “matérias/atividades” (Blocos) que o educando realiza nas aulas de EEFM

	n=214	%
Não	128	59,9
Sim	86	40,1

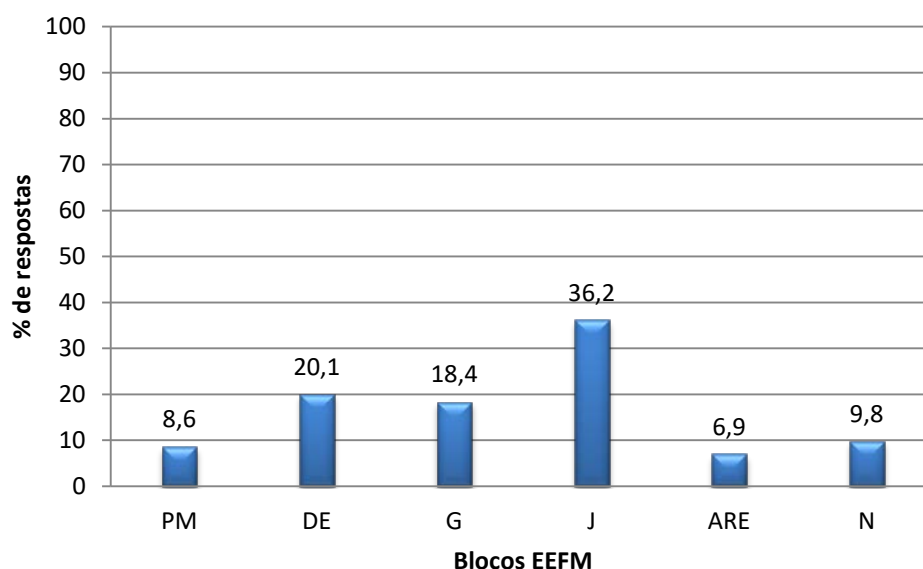


Fig. 25 – Percepção dos EE sobre as “matérias/atividades” (Blocos) desenvolvidas nas aulas de EEFM

Legenda: PM - Bloco de Perícias e Manipulações; DE - Bloco de Deslocamentos e Equilíbrios; G - Bloco de Ginástica; J - Bloco de Jogos; ARE - Bloco de Atividades Rítmicas Expressivas; N - Natação.

Analisando as opiniões dos EE, uma grande percentagem dos encarregados inquiridos (59.9%) não tem qualquer conhecimento sobre quais as atividades/ blocos desenvolvidas nas aulas de EEFM. Os restantes EE (40.1%) que mencionam ter conhecimento sobre quais as atividades concretizadas nas aulas, e identificam os Jogos como o bloco mais desenvolvido nas aulas (36.2%), seguindo-se as atividades de Deslocamentos e Equilíbrios (20.1%).

De acordo com Bom (2001), o programa representa um guia para a ação, para o docente, e para o conhecimento da comunidade escolar. Deduz-se desta maneira que o conhecimento emanado pelos encarregados de educação se deverá às comunicações efetuadas em contexto familiar, que o seu educando realiza sobre as atividades concretizadas na escola.

Na tabela 34 e na fig. 26 podemos interpretar as percepções que os encarregados detêm relativamente à importância da disciplina de EEFM e ainda à importância que a mesma possui quando comparada com as restantes disciplinas pertencentes ao currículo do 1º CEB (tab. 34).

Tabela 34 – *Opinião dos EE sobre a importância da EEFM para o desenvolvimento do educando*

	n=279*	%
Não	6	2,3
Sim	257	97,7
*Omissos	15	-

Pela leitura dos dados constata-se que a grande maioria dos EE (97.7%) considera importante a EEFM para o desenvolvimento integral do seu educando.

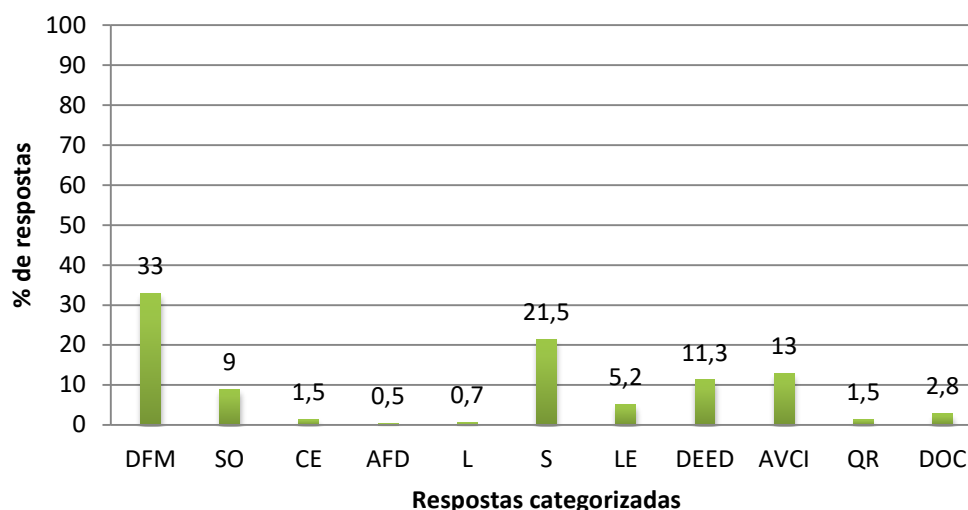


Fig. 26 – *Razões/motivos em considerar a EEFM uma disciplina importante para o desenvolvimento do educando*

Legenda: DFM - Desenvolvimento Físico e Mental; SO - Socialização; CE - Complemento ao Ensino; AFD - Aprender a Fazer Desporto; L - Lazer; S - Saúde; LE - Libertar Energias; DEED - Desenvolvimento do Espírito de Ética e do Espírito Desportivo; AVCI - Adquirir Valores e Competências Individuais; QR - Quebrar a Rotina; DOC- Desenvolvimento de Outras Capacidades.

Posto isto, ao indagar o que esta disciplina potencia (objetivos) no desenvolvimento dos educandos, os mesmos referem que esta promove principalmente o “desenvolvimento físico e mental” (33%), a “saúde” (21.5%) e a “aquisição de valores e competências individuais” (13%). É de salientar que, de todos os parâmetros apresentados, a razão que estes referem com menor frequência é a aprendizagem do desporto (fig. 26). Todavia, quando comparada a importância da EEFM com outras disciplinas a grande maioria afirma ter a mesma importância que as demais (ver tabela abaixo, tab. 35).

Tabela 35 – Importância da EEFM comparada às restantes disciplinas

	n=279*	%
Mais importante	23	8,7
Menos importante	22	8,3
Mesma importância	219	83,0
*Omissos	15	-

Com o intuito de saber se os alunos frequentam alguma atividade fora do contexto escolar, foi questionado aos EE se os seus educandos frequentavam alguma atividade/desporto (tab. 36), e quais as atividades (fig. 27).

Tabela 36 – Frequência do educando em atividades fora do contexto escolar reportadas pelo EE

	n=279*	%
Não	103	39,0
Sim	161	61,0
*Omissos	15	-

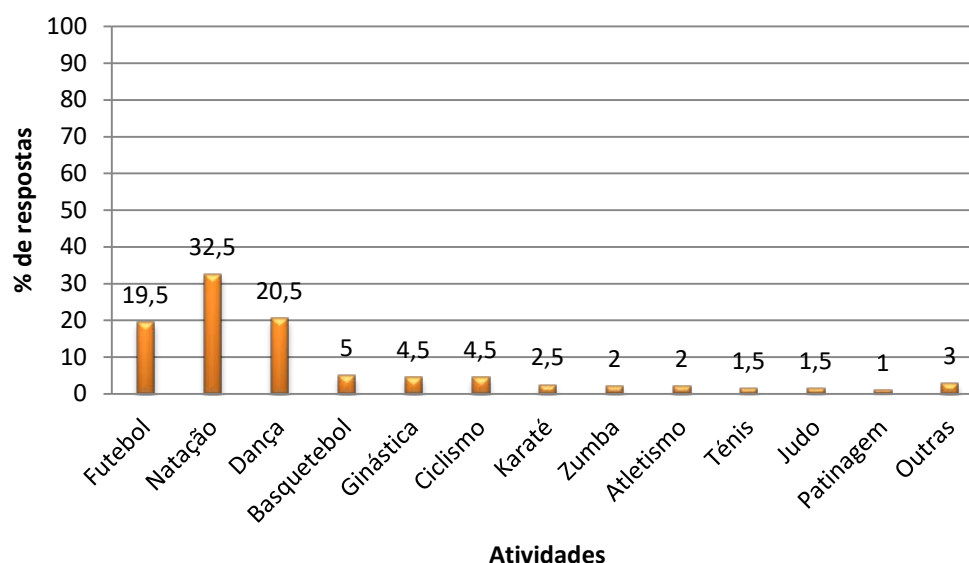


Fig. 27 – Atividades praticadas fora do contexto escolar

Legenda: Outras atividades incluíam: equitação, esgrima, hóquei, surf, vela, e voleibol sendo que cada uma era detentora de uma percentagem de 0,5%.

Posto isto, ao indagar o que esta disciplina potencia (objetivos) no desenvolvimento dos educandos, os mesmos referem que esta promove principalmente o “desenvolvimento físico e mental” (33%), a “saúde” (21.5%) e a “aquisição de valores e competências individuais” (13%). É de salientar que, de todas os parâmetros apresentados, a que estes referem com menor frequência é a aprendizagem do desporto (fig. 27). Todavia, quando comparada a importância da EEFM com outras disciplinas a grande maioria afirma ter a mesma importância que as demais (ver tabela abaixo, tab. 37).

Tabela 37 – Importância da EEFM comparada às restantes disciplinas na opinião dos EE

	n=279*	%
Mais importante	23	8,7
Menos importante	22	8,3
Mesma importância	219	83,0
*Omissos	15	-

Com o intuito de saber se os alunos frequentam alguma atividade fora do contexto escolar, foi questionado aos EE se os seus educandos frequentavam alguma atividade/desporto (tab. 38), e quais as atividades (fig. 28).

Tabela 38 – Frequência do educando em atividades fora do contexto escolar

	n=279*	%
Não	103	39,0
Sim	161	61,0
*Omissos	15	-

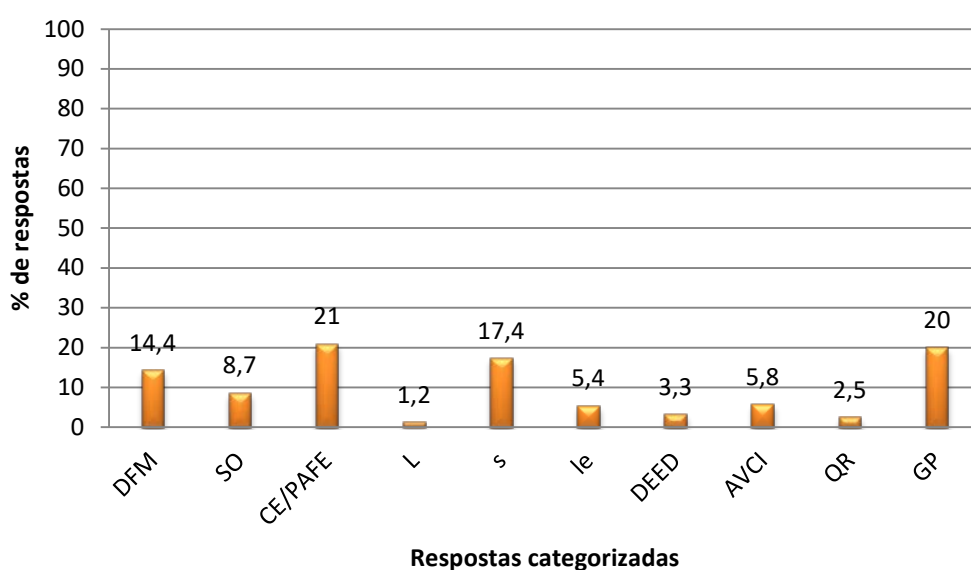


Fig. 28 – Razão da frequência por parte dos educandos nas atividades extracurriculares

Legenda: DF – Desenvolvimento Físico e Mental; SO – Socialização; CE – Complemento ao Ensino; AFD – Aprender a Fazer Desporto; L – Lazer; S – Saúde; LE – Libertar Energias; DEED – Desenvolvimento do Espírito de Ética e do Espírito Desportivo; AVCI – Adquirir Valores e Competências Individuais; QR – Quebrar a Rotina; DOC- Desenvolvimento de Outras Capacidades.

As razões pelas quais os encarregados de educação (fig. 28) colocam os seus educandos em atividades extracurriculares prendem-se sobretudo pelo complemento ao ensino, sendo que mencionam que existe falta de oportunidade dentro do contexto escolar, bem como pouco tempo de atividade e diversidade (21%). Outra razão manifestada foi o gosto pessoal dos educandos pela atividade.

Comparando as opiniões anteriormente manifestadas pelos alunos (fig. 18 e 19) com as dos encarregados de educação (fig. 25 e 26), pode-se apurar que a prática da modalidade de Natação, para além de ser um dos blocos que os alunos mais gostam de realizar nas aulas de EEFM, é um dos três blocos que os alunos mencionam realizar com menos frequência, levando a ser o bloco/ modalidade mais desenvolvido fora do contexto escolar.

Das percepções   prática da EEFM no contexto escolar: sistematização dos resultados

Tomando como referência os dados anteriormente apresentados foi concretizada uma compilação das percepções mais relevantes inerentes aos três grupos inquiridos.

Quadro Sinótico 1 – Lecionação da EEFM em cada escola na perspetiva dos alunos, encarregados de educação e dos PTT

		Alunos (N= 346)		Enc. Ed. (N=279)		PTT (N=14)	
Escolas	Quem leciona EEFM?	Professor: AEC/Outros	PTT	Professor: AEC/Outros	PTT	Professor: AEC/Outros	PTT
A		1.4%	0.0%	1.0%	0.0%	N.P.	N.P. ¹²
C		16.9%	14.7%	11.2%	6.8%	-	28.6%
L		18.9%	0.0%	26.3%	0.5%	-	14.3%
M		15.3%	0.3%	18.5%	2.4%	-	21.4%
N		5.1%	0.0%	5.4%	0.0%	7.1%	0.0%
P		7.9%	0.9%	13.2%	0.0%	7.1%	0.0%
S		18.6%	0.0%	14.6%	0.0%	21.4%	0.0%
Total		84.1%	15.9%	90.2%	9.7%	35.7%	64.3%

Ao observar o quadro sinótico 1, podemos concluir que a percepção dos alunos e dos EE sobre quem leciona a EEFM é semelhante, uma vez que ambos não identificam o PTT como o principal responsável pela lecionação desta disciplina. Curiosamente, a maioria dos PTT (64.3%) afirma lecionar a EEFM mas não de forma sistemática, não

¹² Legenda: N.P – Não participou.

cumprindo o legislado no Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro (que regula a carga horária) e o estabelecido no programa curricular. Por outro lado, 34,7% dos PTT revela que esta área é lecionada por outro agente educativo, situação que não deveria acontecer dado que a responsabilidade da leção deve recair sobre o PTT, tal como refere Figueiredo (1993) “o professor do 1º Ciclo do Ensino Básico continua a ser o primeiro mediador oficial da alfabetização na escolaridade pública” (p.151). Para além disso, o Decreto-Lei 139/2012 prevê a possibilidade de coadjuvação nas áreas das Expressões, onde o PPT deve assumir a sua responsabilidade e participação no processo de ensino-aprendizagem, até porque mais do que ninguém este conhece o grupo que tem, quais as características e necessidades do mesmo. A este facto, salientamos a possibilidade do PTT efetuar um trabalho interdisciplinar tornando as aprendizagens dos seus alunos mais significativas.

No âmbito da coadjuvação, Neves (2003) refere ainda que o apoio ao PTT pode incidir no planeamento das atividades letivas ou através da colaboração no trabalho desenvolvido “*in loco*” com os alunos, sendo que este apoio pode ser realizado por um outro professor do mesmo ciclo de ensino ou de outro, como por outro agente educativo ou técnico. O mesmo autor salienta ainda que a coadjuvação deve ser encarada na perspetiva de um trabalho colaborativo, num processo em que o professor titular de turma é o coordenador e o principal responsável por assegurar o carácter integrador e globalizante da concretização do currículo, no quadro do projeto curricular definido para a sua turma.

Tendo em conta os dados do nosso estudo, levanta-se a dúvida se a implementação da EEFM é realizada no horário curricular, em regime ou não de coadjuvação, ou se a mesma é operacionalizada no tempo destinado às AEC por outros agentes educativos. À semelhança do quadro anterior foi essencial aglutinar outros dados visando esclarecer estas dúvidas e averiguar outras questões (Quadro sinótico 2).

Quadro Sinótico 2 – Percepções dos diferentes grupos inquiridos sobre a implementação da EEFM e AEC-AFD

Questões de maior relevo	Alunos		Enc. Ed.		PTT	
	Respostas	%	Respostas	%	Respostas	%
Frequenta a EEFM	Sim	91.6	Sim	76.7	-	-
Frequência semanal	1vez/sem.	72.6	1vez/sem.	63.1	1vez/sem.	66.7
Duração da aula	45 a 60 min.	72.8	45 a 60 min.	72.8	60 min.	50.0
Quem leciona	Professor EF	29.3	Professor EF	53.9	PTT	64.3
Grau de importância da EEFM relativamente a outras disciplinas	Muito mais importante	60.7	Mesma importância	83.0	Mesma importância	71.4
Razão da importância EEFM	MCF	17.3	DFM	33.1	-	-
Existência de AEC	Sim	97.6	-	-	Sim	100.0
Existência de AEC (AFD) no contexto escolar	Sim	59.6	-	-	Sim	64.3
Atividades realizadas com maior frequência nas AEC - AFD	J	28.4	-	-	J e ARE	75.0

Legenda: MCF- Melhorar a Condição Física; S -Saúde; DMF- Desenvolvimento Físico e Motor; J- Jogos; ARE- Atividades Rítmicas e Expressivas.

Ao analisarmos globalmente os dados, verificamos mais uma vez que as percepções dos alunos se aproximam dos seus encarregados de educação relativamente à frequência e duração da aula de EEFM. Esta disciplina curricular, na percepção dos alunos e dos EE ocorre uma vez por semana e num período de 45 a 60 minutos. Todavia, a frequência semanal deveria ser maior, não obstante a legislação emanada pelo Ministério da Educação (Decreto-Lei 139/2012). Aliás, a Organização Mundial de Saúde, com o intuito de promover e fomentar a atividade física nas escolas, aconselha a realização de atividade física pelo menos 3 dias por semana, não consecutivos. Esta organização menciona, ainda, que o período destinado ao desenvolvimento de EF deve ser de 30 minutos.

Muitos são já os países onde a EF é lecionada mais do que uma vez por semana, como nos revela o estudo realizado pela CE/EACEA/Eurydice (2013), no entanto é perceptível que esta disciplina ainda não detém uma valorização devida no nosso país, já que apenas representa 10% da carga horária da Matemática. O mesmo relatório revela que existem países (ex. Portugal e Finlândia) que neste momento tencionam planear

reformas relevantes para a EF, incluindo o aumento da carga horária letiva alocada a esta disciplina.

Quando questionados sobre quem leciona a EEFM, os alunos e os EE afirmam ser o professor de Educação Física, contrapondo a percepção dos PTT que afirmam na sua maioria lecionar a EEFM. Sobre este facto, resta-nos a dúvida se este professor denominado pelos alunos e EE é um professor coadjuvante ou se é o professor das AEC. Ora, quando cruzamos todos os dados recolhidos sobre as percepções dos PTT, dos alunos e dos EE com os horários (análise documental), verificamos que eles se referiam às AEC (componente fora da atividade letiva) e não à EEFM.

Quanto às percepções dos três grupos sobre a importância da EEFM, estes assumem que esta disciplina é importante, verificando-se que os EE e os PTT atribuem a mesma importância que as demais disciplinas do 1º CEB. Já os alunos atribuem uma maior importância quando comparada com as restantes disciplinas do 1º CEB. Na opinião destes, EEFM é importante sobretudo por estar associada à melhoria da condição física e do desenvolvimento físico-motor.

Quanto às AEC, quer os alunos, como os PTT referem que escola oferece estas atividades, no entanto 40.4.% dos alunos inquiridos desconhece o programa de Atividades Físicas e Desportivas (AFD), ou seja, podemos depreender que como estas atividades são de cariz facultativo, nem todos os alunos frequentam estas atividades, e como tal é incompreensível como alguns PTT afirmam que a EEFM é desenvolvida nas AEC.

De acordo com Maria e Nunes (2007), as AEC-AFM funcionam como enriquecimento curricular e não como substituição da EEFM. Aliás, estas atividades constituem, sem dúvida, “ (...) mais uma ferramenta de incremento da actividade física das crianças” (Lopes, 2014, p.173).

Ora, se não é dada a oportunidade aos alunos de frequentar EF no período curricular, e se a grande maioria destes não frequentarem as AEC – AFM, então é fácil concluirmos que esta área tão importante no desenvolvimento integral da criança está ser descurada, com as consequências de futuro desta opção.

Por tudo o que foi constatado pode apurar-se que na maioria das escolas analisadas, na prática, a EEFM não é efetivamente implementada no currículo escolar, seja na sua forma regular seja na intencionalidade que lhe deve estar subjacente, existindo um entendimento muito generalizado por parte dos alunos e dos EE de que esta disciplina é dada nas AEC. Ademais, uma parte considerável dos PTT “empurram” também esta disciplina curricular para as AECs.

CONCLUSÕES

Neste subcapítulo estão descritas as conclusões deste estudo bem como se explicitam as suas limitações e considerações finais.

Com o presente estudo procurou-se conhecer e identificar as perceções dos professores titulares de turma, dos alunos e dos encarregados de educação face à disciplina de EEFM no 1º CEB, em 20 turmas de 4 agrupamentos do distrito de Viana do Castelo. Para além deste objetivo, procuramos conhecer a forma como esta disciplina é implementada no contexto escolar. Seguidamente apresentamos as principais conclusões do estudo:

- Os Professores Titulares de Turma (PTT) que não possuem formação específica na área de EF, são unânimes em considerar que EEFM deve ser lecionada por um professor especializado, dado que este profissional possui outras valências/competências que permitem desenvolver um trabalho mais adequado e orientado. Os mesmos docentes também apontaram como alternativa o trabalho coadjuvado com o professor especialista, reconhecendo que a sua formação inicial é débil e particularmente para assegurar os blocos de Patinagem e de Ginástica (blocos de cariz mais específico).
- A maioria dos PTT considerou a EEFM uma disciplina importante e de cariz obrigatório, contudo os docentes apenas lecionam a disciplina 1 vez por semana com uma duração média entre 45 a 60 min, e não costumam seguir o programa como referencial para o planeamento do processo ensino-aprendizagem.
- Os PTT, na sua maioria, afirmaram conhecer o programa oficial de EEFM e identificaram bloco de jogos como o conteúdo programático mais familiar e o mais desenvolvido nas aulas de EEFM;

- São vários os motivos que levam alguns PTT a não lecionarem a EEFM, a saber: disciplina ser lecionada por outro agente educativo/professor de educação Física; o entendimento que a EEFM é lecionada nas AEC – AFD e ainda apontando a extensão do currículo do 1ºCEB, dando prioridade às disciplinas de cariz cognitivo, como o Português e a Matemática;
- Todos os PTT afirmam existir AEC - AFD nas suas escolas, contudo articulação entre o PTT e os agentes educativos que operacionalizam estas atividades é incipiente. Na perceção de alguns PTT, as atividades mais desenvolvidas nas AEC-AFD são os Jogos e as Atividades Rítmicas e Expressivas.
- Para a maioria dos alunos, a disciplina de EEFM é lecionada pelo professor de educação física/professor das AEC, uma vez por semana e com uma duração entre 45 a 60 minutos. Na opinião dos alunos, a carga horária desta disciplina deveria ser aumentada (três vezes por semana).
- No conjunto de todas as disciplinas do 1º CEB, a EEFM é a disciplina que os alunos mais gostam, elegendo o bloco de jogos e da natação como os conteúdos curriculares mais preferidos. Na sua perceção, os blocos que costumam ser realizados com maior frequência nas aulas de EEFM são os Jogos, a Ginástica e as ARE.
- Os alunos tendem a valorizar a EEFM como oportunidade de melhorar a condição física, a saúde, e o bem-estar, assim como um meio de aprendizagem do desporto.
- A grande maioria dos alunos afirma haver AEC – AFD na sua escola, e na sua opinião as atividades mais desenvolvidas neste programa são os jogos, os Deslocamentos e Equilíbrios e as ARE.

- Uma grande percentagem dos EE desconhece as atividades/matérias que o educando realiza nas aulas de EEFM. Todavia, afirmaram que o seu educando tem aulas de EEFM, uma vez por semana e com uma duração cerca de 45 a 60min. Na percepção dos EE, esta disciplina é lecionada pelo “professor de educação física”/ “professor das expressões”.
- Na opinião da maioria dos EE, a EEFM é importante para o desenvolvimento integral do seu educando, uma vez que promove o desenvolvimento físico e mental bem como a saúde e a aquisição de valores e competências individuais. Importa salientar, que maioria dos EE atribui à EEFM o mesmo grau importância comparativamente às restantes disciplinas do 1º CEB;
- Grande parte das crianças que participaram neste estudo praticam atividades físico-motoras fora do contexto escolar (a natação, a dança e o futebol). Na opinião dos EE, esta opção entendida como um complemento ao ensino, já que no entender destes existe falta de tempo, oportunidade e pouca diversidade de atividades desportivas no contexto escolar.

Sumariamente, e tendo em conta as percepções dos alunos, dos EE e dos PTT podemos concluir que a disciplina de EEFM não é lecionada de uma forma sistemática e com intencionalidade educativa, dado que na maioria das escolas, o programa de EEFM não é cumprido na íntegra. Para além disso, concluímos que esta componente curricular não é implementada no horário curricular, verificando-se em algumas escolas que esta componente é substituída pelas AEC-AFD.

Esta realidade é muito preocupante, atendendo a que nem todas as crianças frequentam as AFD e não têm qualquer oportunidade em potenciar e desenvolver a sua literacia motora, social, emocional, pondo em causa o seu desenvolvimento eclético. Urge, assim, a necessidade de repensar e transformar a visão e a operacionalização do significado e das práticas da cultura motora no contexto escolar, familiar e social,

associando-as a uma forte e urgente aposta na formação contínua de professores, bem como a políticas educativas sustentadas e devidamente convergentes com estas ideias.

Limitações do estudo

Em termos metodológicos seria interessante que tivesse podido contemplar a recolha de dados com entrevistas, de forma a aprofundar e conhecer algumas questões abertas que foram definidas nos questionários.

Considerações finais

Considerando todo o trabalho desenvolvido será oportuno apresentar algumas sugestões que possam vir a ser úteis a futuros projetos de investigação, no âmbito desta área de estudo, nomeadamente:

- Alargar este estudo a todas as escolas do 1º CEB do distrito/país e a outros níveis de ensino.
- Aumentar o número de participantes (nomeadamente de professores titulares de turma e encarregados de educação);
- Alargar o estudo aos professores das AEC e outros agentes educativos lecionam a EEFM;
- Aumentar as questões direcionadas aos encarregados de educação no sentido de se poder averiguar com maior profundidade as perceções dos mesmos sobre as AEC;
- Utilizar outros instrumentos na recolha de dados, tais como: entrevistas através de *focus groups*, que permitiriam aprofundar algumas questões abertas às quais os professores respondem pouco ou não respondem ao que se pretende.

CAPÍTULO III – REFLEXÃO FINAL DA PES I E DA PES II

REFLEXÃO FINAL DA PES I E DA PES II

Neste momento sinto um misto de emoções que absorvem o meu pensamento e embebem a minha fala, pronunciando-se mais alto ...

Olhando para trás vejo o findar de mais um trilho (percurso académico - mestrado) e vislumbro a chegada do caminho a seguir (percurso profissional). Tive o privilégio de nesta gratificante jornada poder sentir o final do trilho e o início do caminho. Ainda que encontradas pedras durante o trilho foram as estrelas que me orientaram a desbravá-lo, já que muitas das vezes foi trilhado sozinho, mas com a alegria e satisfação de poder contribuir e assistir a cada uma das flores florir (desenvolvimento dos alunos).

Deste modo, abordo quer o percurso académico até então concretizado no decorrer da PES I (desenvolvido no Pré-Escolar) como no da PES II (desenvolvido no 1º CEB). Foram dois trilhos percorridos que me levaram a refletir, de uma forma sistemática, a vencer desafios e a ultrapassar medos mas que, no final, me encheram de conhecimento científico e pessoal, e me levaram a acreditar e a não desistir de um “sonho que comanda a vida”, a minha vida!

Toda esta sede do querer ensinar veio da necessidade do querer saber, do querer aprender. E como tal, o percurso académico foi essencial. No decorrer do mesmo fui adquirindo conhecimentos nas diferentes áreas e foi onde se gerou este processo de instrução. Muitos foram os intervenientes que fizeram parte dele, partilhando conhecimentos científicos, experiências e vivências pessoais que ao longo dos anos nas suas práticas e descobertas foram adquirindo.

Na minha perspetiva, quer na PES I (Pré-escolar) como a PES II (1º CEB) revelaram-se dois momentos cruciais que permitiram colocar à prova os conhecimentos adquiridos durante esta formação.

Já distanciada desta experiência, vivida tão intensamente, reconheço que esta etapa (estágio) foi a que mais desafios colocou, quer pela constante busca no sentido de acompanhar e tentar responder às curiosidades e necessidades manifestadas pelas

crianças/alunos, quer em manter o foco - intencionalidade - que se pretendida com cada momento de modo a fomentar a motivação e a atenção dos mesmos.

Foi através desta necessidade de busca que consegui atribuir, na prática, significado aos conhecimentos adquiridos, bem como encontrar alguns desafios/dificuldades, os quais potenciaram o meu desenvolvimento profissional e pessoal. Muitos deles vencidos individualmente, ou com a partilha de saberes dos professores cooperantes e dos professores supervisores. Valeram todos os momentos de planificação e de reflexão, quer fossem de dia para dia ou de semana para semana, revelaram-se fundamentais para a prática, que tal como refere Freire (1996) citado por Costa, (2010) menciona que “...na formação permanente de professores, o momento fundamental é o da reflexão sobre a prática.” (p. 21), pois foi através do trabalho desenvolvido com estes agentes educativos que, na partilha das dificuldades e das experiências vividas, permitiram que as incertezas fossem desvanecendo, a confiança fosse surgindo e a prática melhorando.

Uma vez criado o hábito de planificar e de refletir, sobre as práticas e sobre as aprendizagens adquiridas pelos alunos, era possível adequar a nossa ação enquanto educador/professor tendo em vista o sucesso do desempenho das práticas educativas e simultaneamente a facilitação do desenvolvimento e das aprendizagens das crianças/alunos. Para tal, foi essencial ser uma agente de reflexão ativa sobre cada momento concretizado na prática. Só assim era possível analisar os pontos de melhoria e as suas resoluções.

Quer no contexto do Pré-Escolar como no do 1º ciclo todos os dias eram dias diferentes, eram dias de partilha, de troca de saberes e opiniões, de aprendizagem e de desafios.

Ainda recordo o primeiro dia da PES I, quando o nervosismo tomara conta de mim e todas as dúvidas e incertezas acompanharam-me durante o percurso de carro até ao jardim. Lembro-me de sentir uma enorme vontade de conhecer e de crescer, no momento em que entrei. Após chegar à sala dei-me conta que o foco daquelas crianças era eu. Senti que aqueles olhares tão atentos avaliavam cada gesto que fazia mas

depressa esses pensamentos se desvaneceram e simplesmente coloquei-me ao nível deles. Era agora tão criança como eles.

Deparei-me com um grupo bastante heterogêneo, quer nas idades como nos interesses e necessidades que manifestavam, o que se revelou um desafio bastante enriquecedor, já que tinha de adequar as atividades a crianças de diferentes faixas etárias.

Interagir desde logo com o grupo e conhecer cada uma delas foi umas das minhas primeiras preocupações e, e foi um método que se revelou eficaz. Denotei que este era uma das principais ferramentas de trabalho utilizadas pela educadora, já que sistematicamente baixava ao nível das crianças para interagir com elas. Percebi que tinha de absorver o máximo daquela experiência. Bebi o quanto pude da sua sabedoria, e dei-me muitas vezes conta que também eu utilizava o olhar de quem absorve o mais que pode. Aprendi com esta, a privilegiar o desenvolvimento das aprendizagens através das experiências, das sensações, dos sentimentos e da arte traduzidas para as crianças de diferentes formas inimagináveis. Neste estágio tudo era possível de realizar e com grande intencionalidade educativa em todos os momentos. Tive a grande sorte de poder estagiar com aquele grupo, com aquela educadora, e com a minha nova colega de estágio. Todos os dias eram dias de novos desafios e novas aprendizagens, muito destes propostos pelas crianças, mas também pela educadora e até pela minha parceira de estágio. Hoje, enfrentá-los-ia novamente. E de certeza que acabaria da mesma forma: feliz e realizada.

Confirmei que quando se quer muito se pode realizar tudo, sejam em que idade for, e quando essa vontade parte dos mais pequenos apenas temos de fomentar ainda mais a sua sede da curiosidade.

Neste sentido, para além das inúmeras atividades experienciadas pelas crianças nas diferentes áreas de desenvolvimento do Pré-Escolar, aquando as minhas implementações, foi igualmente desenvolvido um projeto de empreendedorismo que se revelou bastante potenciador para as vivências e aprendizagens das crianças. Esta metodologia de trabalho facilitou o envolvimento e o desenvolvimento das crianças, possibilitando aquisições, tais como: o trabalho em equipa, aquisição de valores como o respeito, a partilha; o espírito empreendedor, de partilha e de colaboração, de

entreaduza, de persistência na busca da realização dos seus sonhos. Este foi um dos momentos chave para as vivências das crianças mas também na aquisição de mais uma ferramenta de trabalho. Com eles foi possível desenvolver a metodologia de projeto de modo incutir nelas o espírito do empreendedorismo.

No decorrer do estágio consegui perceber que não bastam os conhecimentos adquiridos que fomos guardando ao longo na nossa formação, é essencial haver uma grande sensibilidade e envolvimento no contacto com as crianças/alunos, com a comunidade escolar.

Durante o período em que decorreu a PES I, as dificuldades sentidas revelaram-se ao nível do controlo da voz, no sentido em que este instrumento de trabalho, muitas vezes utilizado, através da teatralidade, das lengalengas, da constante vertente musical ou dramática exigiam muito da voz. Aos poucos esta dificuldade foi sendo amenizada.

Outra das dificuldades sentidas, ainda que não evidenciadas em contexto decorria na planificação das atividades, já que sentia dificuldade em determinar os objetivos para as atividades que pretendia desenvolver. Esta era também uma das minhas preocupações pois o processo de ensino-aprendizagem desenrola-se através desta estipulação dos objetivos, uma vez que estes são o ponto de partida para atingir o que se pretende. Esta dificuldade foi sendo colmatada através da realização das planificações com a educadora cooperante e professores supervisores.

Relativamente à PES II, no 1º Ciclo do Ensino Básico, a experiência vivida foi muito semelhante à da anteriormente relatada. Novamente os desafios surgiram, bem antes de iniciar a prática, mas com grande vontade e determinação foram superados.

Vi-me “sozinha” a desenvolver o estágio numa escola só para mim. Sentia que tudo era desconhecido e que as incertezas e inseguranças voltavam para me visitar. Desta vez, mandei-as embora, na minha visão, estava pronta a explorar aquele mundo. Utilizei a mesma estratégia do pré-escolar e desde cedo iniciei a interação com o grupo, em particularmente com cada aluno, e com a comunidade escolar. Na minha opinião, o período inicial do estágio destinado às observações foi essencial pois possibilitou a recolha de informações essenciais da turma, do contexto escolar, da dinâmica da escola do 1º CEB.

Neste contexto encontrei uma turma que evidenciava espírito de colaboração, que se manifestava de forma ativa e participativa às tarefas que lhes eram propostas. No que diz respeito às componentes curriculares, era um grupo que apresentava grande interesse e resultados bastante satisfatórios no Estudo do Meio, algumas carências na matemática, bem como alguma falta de autonomia na realização das tarefas individuais. Ainda assim era um grupo que evidenciava o gosto pela aprendizagem e pela necessidade do saber.

Tentei sempre, ao longo das semanas, planificar de modo a poder colmatar essas mesmas dificuldades, proporcionar ambientes de aprendizagens significativas através das diferentes componentes curriculares. Era notória a satisfação e entusiasmo com que os alunos desenvolviam as tarefas. Estavam sempre à espera do dia seguinte. Tenho saudades de ouvir dizer: “ O que vamos fazer para a semana professora? “ Respondia-lhes que era segredo/surpresa ao que me respondiam: “ Vai ser fixe de certeza!”. Através do lúdico conquistei aqueles alunos e proporcionei-lhes a aquisição de novos saberes.

Todavia, constatei que neste ciclo de ensino a liberdade de desenvolver livremente os conteúdos programáticos é praticamente inexistente. Tal facto, deveu-se em parte ao agrupamento definir previamente os conteúdos a lecionar, bem como as tarefas a desenvolver de semana para semana. Este balizamento veio acrescer um maior desafio na articulação entre conteúdos e na promoção da interdisciplinaridade.

Valeram os ensinamentos do professor cooperante que tão significativos foram para o meu desenvolvimento profissional. Assim, tive o privilégio de, através da Educadora e do professor cooperante do 1º ciclo, me munir de outras valências relacionadas com o papel do professor, na medida em que pude participar em muitas das tarefas que lhe são intrínsecas. Desde o contacto direto com os pais, a participação nas conversas de professores, desde o livre acesso e a partilha de documentos da turma e de cada aluno, bem como da escola e do agrupamento. Pude participar ativamente nos processos de avaliação dos alunos, desenvolver um trabalho coadjuvado, participar nas conversas partilhadas pelos professores e com a comunidade escolar, entre muitas outras. Senti-me totalmente envolvida em ambos os contextos e de que era parte

integrante dos mesmos. Vivenciei diretamente o que é ser professor/educador e de ser tratada como uma profissional da área.

Por tudo o que foi vivenciado, em ambos os estágios, aprendi muito com cada momento e com cada ser que cruzou este trilho, assim aprendi a dar aso à imaginação das crianças e dos alunos; a ouvir mil e uma coisas/histórias ao mesmo tempo, que as crianças e os alunos todos os dias nos querem contar; aprendi a sossegar e a ser confiante destes tão pequenos e sábios seres; aprendi a aprender com eles e eles comigo; aprendi a apanhar sorrisos, abraços e beijinhos; aprendi a saborear momentos tão bons e doces cheios de ternura e sentimento; aprendi a receber presentes todos os dias; aprendi a dar o melhor de mim; aprendi a estar atenta a tudo e a todos; aprendi que rir é demasiado bom quando o fazemos com as “nossas” crianças e os “nossos” alunos; aprendi a ser feliz e a viver com eles a felicidade; aprendi a aceitar que existem momentos de pausa e a dar tempo ao tempo; aprendi a lidar com as diferenças do outro e daqueles que nos rodeiam; aprendi que com muita força de vontade e trabalho tudo se consegue e que nunca é tarde; aprendi a lidar com o imprevisto e com situações inesperadas; aprendi a motivar e a partilhar o gosto de aprender, independentemente da área ou disciplina do saber; aprendi que todos têm uma história e que nós iremos fazer parte delas; aprendi que a sabedoria /experiências educativas podem ser partilhadas de modo a permitir melhorar o nosso desempenho; aprendi a trabalhar com coadjuvação, e que se aprende ainda mais; aprendi que os alunos do 1º CEB em nada são diferentes das crianças do Pré-escolar; ... aprendi tanto que aprendi que vou ser Educadora e Professora e que vou poder reviver todos os dias estes momentos, todas estas aprendizagens.

Por tudo isso e muito mais, durante todo este processo de grande aprendizagem e desenvolvimento pessoal chego à conclusão que, depois de muito trabalho árduo, de muito esforço e empenho, o balanço é bastante positivo quando se trata de fazer o que mais gostamos e de perseguir o nosso sonho, nada nos faz desistir por muito que existam momentos menos bons ou desafios duplos. Essa foi uma das muitas aprendizagens pessoais que mais marcou este percurso, onde a vontade de fazer bem e melhor prevaleceram e onde constato que valeu sem dúvida todo o esforço, todas as dificuldades

encontradas. Neste momento sinto saudade de todos os momentos vividos durante esta tão pequena grande experiência.

Recordando esta viagem questiono-me se haverá algo melhor do que poder ensinar, poder partilhar conhecimento e vivências, poder fazer a diferença no outro e ver essa mesma diferença (desenvolvimento) acontecer à luz dos nossos olhos, sobretudo quando são crianças.

Ainda que haja, é este o caminho que eu sonhei, decidi e quero percorrer ao longo da minha vida.

Que desabrochem as pequenas flores que eu tentarei ser um dos muitos raios de sol a potenciar o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- Andrade, N. (2008). *A avaliação da disciplina de educação física no ensino secundário: estudo do pensamento de professores, alunos e pais*. (Monografia). Universidade da Madeira.
- Azevedo, A. (2009). *As instalações desportivas escolares no concelho de Viseu*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Desporto, Universidade do Porto.
- Balbé, G., Dias, R., & Souza, L,. (2009). Educação Física e suas contribuições para o desenvolvimento motor na educação infantil. *Revista Digital - Buenos Aires*, (129). Retirado de: <http://www.efdeportes.com/efd129/educacao-fisica-e-desenvolvimento-motor-na-educacao-infantil.htm>
- Barata, T. (2003). *Mexa-se... Pela Sua Saúde. Guia prático de actividade física e emagrecimento para todos*. Lisboa: Editora Dom Quixote.
- Batistella, P. A. (2001). *Estudo de parâmetros motores em escolares com idade de 6 a 10 anos da Cidade de Cruz Alta*. (Dissertação de Mestrado). Centro de Ciências da Saúde e do Esporte da Universidade do Estado de Santa Catarina.
- Begiatto, C., L., (2009). *A importância da educação física na percepção de uma comunidade escolar*. (Dissertação de Mestrado). Universidade São Judas Tadeu – USJT. São Paulo.
- Bell, J. (2004). *Como realizar um projecto de investigação*. (3ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Betti, M., & Zuliani, L. R. (2002). Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 1 (1), 73-81.
- Bogdan R. & Biklen S., (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bom, L., Carreiro da Costa, F., Jacinto, J., Cruz, S., Pedreira, M., Rocha, L., Mira, J. Carvalho, L. (2001). *Programas Nacionais de Educação Física - 2º e 3º ciclo ensino básico*. Retirado de: <http://www.dge.mec.pt/educacao-fisica>
- Botelho-Gomes, P. (2000). *Educação Física no 1º Ciclo*. Porto: FCDEF-UP & C. M. P., Pelouro de Fomento Desportivo.
- Brás, J. & Bom, L. (2002). Problemas de identidade académica e profissional da Educação Física na vertigem pós-moderna. *Revista Horizonte*, 17 (98), 22-29.
- Brazelton, T. B. & Sparrow. J. (2003). *The Touchpoints Model of Development*. Retirado de: http://www.brazeltontouchpoints.org/wpcontent/uploads/2011/09/Touchpoints_Mo

del_of_Development_Aug_2007.pdf

- Brito, A. (1971). Sondagens sobre a condição (performance) da população escolar feminina portuguesa de 11, 13 e 15 e anos. *Educação e Movimento*, 16, 21-25.
- Carreiro da Costa, F. (2005). Tendencias de la enseñanza de la educación física. In F. Carreiro da Costa (Ed.), *Análisis y Diseño Curricular*. Xalapa: Universidad Pedagógica Veracruzana (pp. 47-61).
- Carvalho, J. O. O., Júnior, V. P., & Mourão, L. (2005). A percepção da Educação Física pelos pais de alunos da 5ª a 8ª série do ensino fundamental em uma escola particular. *Revista Virtual Efartigos*, 3 (5). Retirado de: <http://efartigos.atspace.org/efescolar/artigo43.html>
- CE (2015). *“Recommendations to encourage physical education in schools, including motor skills in early childhood, and to create valuable interactios with the sport sector, local authorities and the private sector do Expert Group on Health – enhancing physical activity”*. Retirado de: <http://www.spef.pt/1395918625-Educao>
- CE/EACEA/Eurydice (2013). *A Educação Física e o Desporto nas Escolas na Europa*. Relatório Eurydice. Luxemburgo: Serviço de Publicações da União Europeia.
- Centro de Estudos em Educação Física e Desporto Escolar da ULHT. (2000) Caracterização da Educação Física no 1º Ciclo do Ensino Básico: Relatório Preliminar do Centro de Estudos em Educação Física e Desporto Escolar da ULHT sobre o Inquérito Nacional realizado pelo Gabinete Coordenador do Desporto Escolar em Julho de 2000. *Gymnasium – Revista de Educação Física, Desporto e Saúde*, 1, 44-55.
- Cervelló, E. M., & Murcia, J. A. (2003). Pensamiento del alumno hacia la educación física su relación con la práctica deportiva y el carácter del educador. *Enseñanza & Teaching: Revista interuniversitaria de didáctica*, 21, 345-362.
- CNAPEF & SPEF (2006). *Posições sobre a EF no 1ºCEB, Desporto escolar, Avaliação em EF e Formação de professores - Memorando 30.06.2006*. Retirado de <http://www.spef.pt/1395918625-Educao>
- CNAPEF (2002). *Dez anos após a reforma – perspetivas para a Educação Física e o Desporto Escolar*. CARTA ABERTA.
- CNE (2015). *Estado da Educação 2015*. Retirado de: <http://www.cnedu.pt/pt/publicacoes/estudos-e-relatorios/estado-da-educacao/1156-estado-da-educacao-2015>
- Coelho, P. (2016). *Percepção dos alunos face à importância da disciplina de Educação Física*. Retirado de: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/86137>

- CONFEEF (2005). *Estatuto do Conselho Federal de Educação Física*. Retirado de: <http://www.confef.org.br/extra/conteudo/default.asp?id=471>
- Costa, E. (2010). A Importância da reflexão na formação de professores. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Retirado de : <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/37718>
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.
- Coutinho, C. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina.
- Cratty, B. J. (1992). *Perceptual and motor development in infants and children*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice-Hall.
- Crum, B. (2002). *Funções e competências dos Professores de Educação Física: Consequências para a Formação Inicial*. Boletim SPEF, 23, 61-76.
- Cruz, S., Carvalho, L., Rodrigues, I., Mira, J. Fernandes, L. & Brás, J. (1998). *Manual de educação física: 1.º ciclo do ensino básico*. (3ª Ed.) Gabinete Coordenador do desporto Escolar no âmbito do PRODEFDE Lisboa: Ministério da Educação.
- Cunha, E. (2008). *A escola a tempo inteiro num contexto de mudança*. (Dissertação de Mestrado) Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique.
- Decreto-Lei nº 139/2012 de 5 Julho. Diário da República, 1ª Série, nº 129 (2012).
- Decreto-Lei nº 176/2014 de 12 de Dezembro. Diário da República, 1ª Série nº 240 (2014).
- Decreto-Lei nº 241/2001 de 30 de Agosto. Diário da República, 1ª Série -A nº 201 (2001).
- Decreto-Lei nº 46/86 de 14 de Outubro. Diário da República, 1ª Série nº 237 (1986).
- Decreto-Lei nº 6/2001 de 18 de Janeiro. Diário da República, 1ª Série - A nº 15 (2001).
- Decreto-Lei nº 91/2013 de 10 de Julho. Diário da República, 1ª Série nº 176 (2013).
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: Vivência para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2000). *Handbook of qualitative research*. California: Sage Publications.
- Despacho nº 14 460/2008 de 26 de Maio. Diário da República, 2ª Série - A nº 100 (2008) revogado pelo Despacho nº 9265-B/2013 de 15 de Julho. Diário da República, 1ª Série - A nº 134

(2013).

Despacho nº 8683/2011 de 28 de Junho de 2011. Diário da República, 2ª Série - A nº 112 (2011)

Dias, C., Pinto, E., Pinto, M., Ferreira., Silva, L. (2008). *Inquérito por questionário*. Retirado de: <http://inqporquestion.com.sapo.pt/pdf.pdf>.

Figueiredo, A. (1993) A educação Física no 1º Ciclo do Ensino Básico e a formação de professores, In *Actas do 2 Congresso Ensino Superior Politécnico, Instituto Politécnico de Castelo Branco* (pp.151-163)

Flick, U. (2002). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor

Freitas, H., Oliveira, M., Saccol, A. Z., & Moscarola, J. (2000). O método de pesquisa survey. *Revista de Administração*, 35(3). Retirado de: <http://www.rausp.usp.br/download.asp?file=3503105.pdf>.

Gallahue, D. L., & Ozmun, J. C (2002). Desenvolvimento Motor e Aquisição de Competência Motora na Educação de infância. In B. Spodek, *Manual de Investigação em educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gallahue, D. L., & Ozmun, J. C. (2005). *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos* (3ª ed.). São Paulo: Phorte.

Gedeão, A. (1956). *Pedra Filosofal*. In *Movimento Perpétuo*. Retirado de: http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/antonio_gedeao/pedra_filo.html

Ghiglione, R., & Matalon, B. (2001). *O Inquérito: Teoria e Prática*. (4ª Ed.).Oeiras: Celta Editora.

Giblin, S., Collins, D., & Button, C. (2014). Physical Literacy: Importance, Assessment and Future Directions. [journal article]. *Sports Medicine*, 44(9), 1177-1184. doi: 10.1007/s40279-014-0205-7

Haywood, K. M., & Getchell, N. (2004). *Desenvolvimento motor ao longo da vida* (3ª ed.). Porto Alegre: ArtMed.

Hernandez, S., R., Collado, C., & Lucio, P. (2006). *Metodologia de Pesquisa* (3ª ed.). São Paulo: McGraw-Hill.

INE (2011) Retirado de: <http://mapas.ine.pt/map.phtml>.

Jesus, J. S. (2013). *Importância da educação física no currículo do 1º ciclo do ensino básico*. (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa.

Ketele, J., & Roegiers, X. (1993). *Metodologia da Recolha de Dados*. Lisboa. Instituto Piaget.

Logan, S. W., Robinson, L. E., Wilson, A. E., & Lucas, W. A. (2012). Getting the fundamentals of

movement: a meta-analysis of the effectiveness of motor skill interventions in children. *Child Care Health and Development*, 38 (3), 305-315.

Lopes, M. (2014). *Crenças e práticas acerca da educação física e da actividade física e desportiva no 1º Ciclo do ensino básico*. (Tese doutoramento) Universidade de Lisboa – FMH. Lisboa

Lopes, V. P., Stodden, D. F., & Rodrigues, L. P. (2017). Effectiveness of physical education to promote motor competence in primary school children. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 1-14. doi: 10.1080/17408989.2017.1341474

Maria, A. & Nunes, M. (2007). *Actividade Física e Desportiva 1º Ciclo do Ensino Básico – Orientações programáticas*. Lisboa: Ministério da Educação - DGIDC.

Matos, Z. (2000). A Aula de Educação Física. In *A Educação Física no 1.º Ciclo*. Faculdade do Porto -Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física. (pp. 40-51).

Matos, Z. (2000). A importância da educação física no 1º ciclo do ensino básico. In *Educação Física no 1º Ciclo*. Faculdade do Porto - Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física. (pp. 16-23).

Ministério da Educação & Gabinete Coordenador do Desporto Escolar (1998). *Manual de Educação Física: 1º Ciclo do Ensino Básico* (4ª ed). Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras: Divisão de Educação e Gabinete de Relações Públicas.

Ministério da Educação (1992). *A Educação física no 1º Ciclo do Ensino básico*. Lisboa: Direção Geral do Ensino Básico e Secundário.

Ministério da Educação (1993). *A Educação física no 1º Ciclo do Ensino básico*. Lisboa: Direção Geral do Ensino Básico e Secundário.

Ministério da Educação (1998). *Organização Curricular e Programas* (2ª ed). Lisboa: Departamento da Educação Básica.

Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico — 1.º Ciclo*. (4ª Ed.) Lisboa: Direção Geral do Ensino Básico e Secundário.

Miranda, S., & Afonso, C. A. (2006). *A educação física na escola e o desenvolvimento motor*. Revista da Educação, Florianópolis, 49, 919-933. Retirado de: www.pucpr.br/eventos/educere/educere2006/anaisEvento/docs/CI-085-TC.pdf

Mota, J. (1992). Intensidade das aulas de educação física. *Revista Horizonte*, 37, 3-8.

Mota, J. (1999). *Educação e Saúde*. In Desporto e Saúde. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras - Divisão de Cultura, Desporto e Turismo. (56- 102).

Mota, J., & Sallis, J. F. (2002). *Actividade física e saúde - Factores de influência da actividade física*

nas crianças e adolescentes. Porto: Campo das letras.

- Nascimento, B. B., & Garces, S. B. (2013). Educação física ou rola bola? A percepção da comunidade escolar sobre as aulas de Educação Física. *Revista Digital*, (178).
- Neto, A., Mascarenhas, L., Nunes, G., Lepre, C. & Campos, W. (2004). Relação entre fatores ambientais e habilidades motoras básicas em crianças de 6 e 7 anos. *Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 3(3), 135-140.
- Neto, C. (1994). *Motricidade e jogo na infância*. Rio de Janeiro: Editora Sprint.
- Neves Júnior, J. A., Lima, A.C., Melo, I.G. & Pedrosa, O. P. (2015). *Educação Física: Uma profissão multidisciplinar*. (1ª ed.). São Paulo: Ed. Baraúna.
- Neves, R (2003). *Escolas, Professores e Educação Física – responsabilidades, gestão e profissionalidade no 1ºCEB*. Departamento da didática e tecnologia educativa: Universidade de Aveiro. Retirado de: <https://ria.ua.pt/bitstream/.../VI%20CNEF%20%20comunicação%20rui%20neves.pdf>
- Neves, R., Corecha, F. & Albergaria, M. (2011) *A educação física escolar na visão dos pais de escolares*. *FIEP BULLETIN*, 81 - Special Edition - Article 1(81). Retirado de: <http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/issue/view/6>.
- Oliveira, M. (2006). *Estudo da variabilidade dos comportamentos de instrução em dois contextos diferenciados: Escola e clube*. (Monografia de Licenciatura). Universidade da Madeira. Retirado de: http://www3.uma.pt/defd/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=150&Itemid=34.
- Oliveira, M. (2012). *As percepções dos alunos face à disciplina de educação física: estudo com alunos de 5º e 7º anos de escolaridade*. Braga: Universidade do Minho.
- Onofre, M. (1996). Educação Física sem avaliação: uma perversão consciente? *Boletim SPEF*, 13, (51-59). Retirado de: http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:WF_PcSLL2tcJ:www.spef.pt/image-gallery/24141765445915-Boletim-SPEF-13-Artigo-4.pdf+&cd=2&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt
- ONU (2015). *Recomendações para a promoção da Educação Física nas Escolas Europeias - EU Work Plan for Sport 2014-17, European Commission, HEPA - Health-enhancing Physical Activity*. Adaptação CNAPEF. Retirado de: <http://www.spef.pt/1395918625-Educao>
- Osgood, C. E. (1973). *Método e teoria na Psicologia experimental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ozmun, J. C. (2003). *Developmental Physical Education for All Children* (4ª ed.). United States: Human Kinetics.

- Pais, A. (2005). *Relatório Final de Estágio realizado na Escola Secundária Braamcamp Freire, com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário*. Universidade de Lisboa- FMH. Lisboa. Retirado de: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/9454>
- PCN (1997). *Parâmetros curriculares nacionais: Educação física*. Brasília:
- Piéron, M. (1996). *Formação de Professores: Aquisição de Técnicas de Ensino e Supervisão Pedagógica*. Ed FMH (Monografia de Licenciatura em Educação Física e Desporto). Faculdade da Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa.
- PNEF (2001). *Revisão. 10, 11º e 12º ano*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Santos, B. F. (2013). *A escola, a educação física e os comportamentos de ensino do professor: a percepção dos alunos*. (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Faculdade de Educação e Desporto.
- Santos, M. (2008). *Vantagens e desvantagens da utilização do Questionário como técnica de recolha de dados*. [Post de blogue web.]. Retirado de: <http://mariosantos700904.blogspot.pt/2008/04/vantagens-e-desvantagens-da-utilizacao-do.html>.
- Santos, S. (2004). Desenvolvimento Motor de Crianças, de Idosos e de Pessoas com Transtornos da Coordenação. *Rev. Paul. Educ. Fís.*, 18, 33-44.
- Serrano, J., Silva, A., Mendes, N., Campos, P., & Pires, S. (2005). A prática desportiva das crianças nos clubes: Influências, motivações e entraves à prática. In *Revista do Departamento de Educação Física e Artística*, 6, 37-44.
- Silveira, D. (2007). *Actividades de Enriqueciemnto Curricular – Actividade Física e desportiva. Procedimentos para a implementação. Estudo realizado nas escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico do concelho de Braga* (Monografia).Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Retirado de: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14362/2/38224.pdf>
- Sousa, C. B., Moura, D. L., & Antunes, M. M. (2016). A percepção de professores polivalentes regentes do ensino fundamental sobre a educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*.
- Taylor, J. (2012). *Students' and Teachers' Perceptions of Physical Education*. Retirado de: http://research.avondale.edu.au/theses_bachelor_honours/10/
- UNESCO (1978). Carta Internacional de la Educación Física, la Actividad Física e el Desporte. In *La Conferencia General de la UNESCO*. Adaptação CNAPEF Retirado de: <http://www.spef.pt/1395918625-Educao>

Ventura, T. (2014). *Percepção dos alunos face à disciplina de Educação Física: estudo exploratório com alunos do 10º e 12º ano do ensino regular*. Braga: Universidade do Minho.

WHO (2003). *Health and development through physical activity and sport*. Retirado de: <http://apps.who.int/iris/handle/10665/67796?locale=es&null>

WHO (2010). *Global recommendations on physical activity for health*. Retirado de http://www.who.int/dietphysicalactivity/factsheet_young_people/en/

Zuge, R. A., & Antunes, F. R. (2015). A visão dos pais sobre a Educação Física nos anos finais do ensino fundamental. *Revista Digital*, 207.

ANEXOS

Anexo 1 - Planificação ilustrativa das diferentes áreas de intervenção das PES II

Escola: [REDACTED]		Ano /Turma: [REDACTED]	Data: 12,13,14,15,16 de janeiro de 2015		
Mestrando: Vânia Cerqueira		Dia da semana: 2ª,3ª, 4ª , 5ª e 6ª feira	Período:1º		
Temas/ Conteúdos/ Blocos	Competências/ Objetivos específicos/ Objetivos gerais/ Descritores	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho (incluir aprendizagens prévias se relevante)	Materiais/rec ursos/espacos físicos	Tempo	Avaliação
Português: Leitura e escrita	15) Redigir corretamente. 15.1)Utilizar caligrafia legível	<u>Segunda-feira (12-01-2015)</u> <u>Manhã</u> Os alunos entram na sala de aula e sentam-se nos seus lugares preparando-se para iniciar o dia. <u>Sumário</u> A aula inicia-se com a escrita do sumário no quadro, pela professora estagiária. Este será copiado, pelos alunos nos seus cadernos diários.	Sala de aula; -Quadro branco; -Caderno diário; -Marcadores;	10 min. 10 min.	A avaliar se o(a) aluno(a): -Copia do quadro sem dar erros ortográficos e com uma caligrafia perceptível.
		<u>Português</u> A professora estagiária inicia a aula questionando os alunos: - O que sabem sobre as histórias? O que são as histórias? Como e quando será que são criadas? O que contam? Falam do passado, do presente ou do futuro? Depois do diálogo pede aos alunos para abrirem o manual na página 70 e solicita a alguns destes que, partindo da ilustração e do título, indiquem qual será o assunto do mesmo. Seguidamente a professora estagiária pede aos	- Manual; -Caderno;	70 min.	-Responde com clareza e coerência às questões que lhe são colocadas. -Utiliza vocabulário variado -Consegue com facilidade ler e interpretar um texto. -Identifica
Oralidade	2) Produzir um discurso oral com correção; 2.1) Usar a palavra com um tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado. 2.2)Mobilizar vocabulário cada vez mais variado e estruturas frásicas cada vez mais complexas.				

Leitura e escrita	<p>5)Ler em voz alta palavras e textos</p> <p>6)Ler textos diversos</p> <p>6.1)Ler pequenos textos narrativos, informativos, e descritivos, notícias, cartas, convites e banda desenhada.</p>	<p>alunos para lerem o poema em silêncio. Depois de realizada a leitura silenciosa a professora pede-lhes que identifiquem o autor, ano, editor e, o título da obra de que foi retirado o excerto. No final é realizada uma leitura oral do texto. De seguida pede aos alunos para identificarem e responderem às questões colocadas em grande grupo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual o assunto do excerto que acabaram de ler; - Qual o número de estrofes; - Qual o número de versos; - Qual o número de tercetos; - Qual o número de quadras; - Como vinha o rei? - O que queria quebrar o rei? - Quantos animais apareceram ao rei? - Quem disse: “Olá Majestade”? <p>No final a professora estagiária distribui pelos alunos uma tabela de palavras cruzadas sobre o tipo de texto presente no manual - poesia. No final da realização a professora estagiária solicita aos alunos que realizem os exercícios da página seguinte 71. A correção destes será realizada oralmente.</p>			<p>corretamente o número de estrofes, versos quadras e tercetos.</p>
Gramática	<p>28)Analisar e estruturar unidades sintáticas</p> <p>28.2)Distinguir frase afirmativa de frase negativa</p>	<p>Seguidamente, a professora estagiária distribui dois pedaços de folha por cada aluno e pede-lhes que escrevam duas frases, uma com valor negativo e outra com valor positivo e as coloquem dentro dos respetivos saquinhos. Se seguida as frases são baralhadas. Cada aluno terá a oportunidade de retirar uma frase de cada saquinho e de redigir no caderno o valor contrário que as frases apresentam.</p>	<p>- Tabela: Cruzadinhas poéticas;</p> <p>- Folhas;</p> <p>- Sacos;</p> <p>-Caderno diário</p>		<p>- Identifica facilmente a frase afirmativa e a frase negativa;</p> <p>- Transforma frases negativas em positivas e vice-versa.</p>

	<p>7.1)Saber de memória as tabuadas do 7, do 8 e do 9.</p>	<p>1000. Seguidamente a professora solicita aos alunos a realização dos exercícios presentes no manual nas páginas 70 e 71 (anexo 5). Depois de realizada a correção dos exercícios anteriores, a professora levanta uma questão:</p> <p>- Agora que já sabemos como multiplicar números inteiros por 10, 100 e 1000 que estratégias podemos utilizar para se multiplicarmos números por 20, 30, 40, ...90?</p> <p>Depois de se ouvirem e registarem as respostas a professora estagiária pede aos alunos que realizem os exercícios presentes na página 72 do manual. No final da realização dos mesmos a professora estagiária questiona os alunos sobre qual a conclusão a que chegaram. É pretendido que que eles indiquem: para multiplicarmos um número por 20,30,40,50,...90 podemos multiplicar esse número por 2,3,4,5,...9 e de seguida multiplicar por 10.</p> <p>No final é realizada a correção dos exercícios.</p> <p><u>Apoio ao Estudo - Matemática</u></p> <p>Com o intuito relembrar e de consolidar a tabuada, a professora estagiaria distribui pelos alunos uns cartões que contêm uma multiplicação e o produto de uma outra. Esta atividade inicia-se com o aluno A, a ler a multiplicação presente no seu cartão esperando que um colega (aluno B) mencione que tem o seu resultado. Se o resultado estiver correto o aluno B irá de seguida ler a sua multiplicação e assim sucessivamente até se encontrarem todos os produtos das multiplicações. O jogo é realizado 2 vezes sucessivas.</p>	-Dominó da tabuada;	30 min.	-Menciona corretamente o produto da multiplicação.
--	--	--	---------------------	---------	--

terça-feira (13-01-2015)					
Manhã					
Português: Leitura e escrita	15) Redigir corretamente.	Os alunos entram na sala de aula e sentam-se nos seus lugares preparando-se para iniciar o dia.	Sala de aula;	10 min.	-Cópia do quadro sem dar erros ortográficos e com uma caligrafia perceptível.
	15.1)Utilizar caligrafia legível	<u>Sumário</u> A aula inicia-se com a escrita do sumário no quadro, pela professora estagiária. Este será copiado, pelos alunos nos seus cadernos diários.	-Quadro branco; -Caderno diário; -Marcadores;	10 min.	
Matemática: Número e operações	7.Multiplicar números naturais	Retomando a temática do dia anterior a professora estagiária inicia a aula com o registo de uma tarefa no quadro no qual é pedido aos alunos que a realizem.	-Manual;	70 min.	-Sabe calcular mentalmente o produto de um número por 10/100/100
	7.3)Reconhecer que o produto de um número por 10,100,1000,etc. se obtém acrescentando à representação decimal desse numero o numero correspondente número de zeros.	Após a realização do mesmo os alunos partilharão as diferentes estratégias por eles utilizadas, sendo que algumas delas serão explicitadas pelo aluno que a concretizou. No final da partilha de estratégias os alunos realizarão os exercícios presentes na página 73 do manual. Adotando a mesma estratégia a professora regista no quadro um novo problema para os alunos solucionarem. No final, haverá a partilha de estratégias e seguidamente a realização dos exercícios presentes na página 74 e 75 do manual.			
Intervalo da manhã					

<p>Estudo do Meio</p> <p>Bloco 2 - À descoberta dos outros e das instituições</p>	<p>O passado do meio local</p> <ul style="list-style-type: none"> -Identificar figuras históricas locais presentes na toponímia, estatutária, tradição oral; -Conhecer factos e datas importantes para a história local; -Conhecer vestígios do passado; Reconhecer a importância do património histórico local; 	<p><u>Português</u></p> <p>De seguida, a professora estagiária propõe a realização da ficha 19 do caderno de fichas.</p>	- Caderno de fichas	30min.	
		<p><u>Estudo do Meio</u></p> <p>A professora estagiária inicia a disciplina lembrando o tema que tem vindo a ser trabalhado (passado) e posteriormente, projeta no quadro uma apresentação sobre o passado do meio local retirado do site da escola virtual.</p> <p>Seguidamente apresenta um PowerPoint referente ao passado do meio local da freguesia (monumentos, tradições e costumes, entre outros) (anexo 11).</p> <p>No final da apresentação a professora estagiária informa os alunos que irão realizar um dossiê sobre o património histórico local - vestígio do passado, figuras da história local, factos e datas importantes da história local, assim como, costumes e tradições. Este dossiê será construído pela turma, que desenvolverá o trabalho em pequenos grupos, sempre orientado pela professora estagiária e pela colaboração do professor cooperante. Para a realização deste trabalho a professora estagiária fornecerá os dados que os alunos terão de tratar de modo a tornar o dossiê simples e claro, assim como, o mesmo contará com a informação recolhida pela turma, como com a informação mencionada pelas pessoas que foram convidadas a colaborar/partilhar as suas vivências em prol das aprendizagens dos alunos.</p> <p>(Caso haja tempo) No final da atividade a professora estagiária propõe aos alunos que realizem a ficha 9 do caderno de fichas. De seguida é realizada a</p>	<ul style="list-style-type: none"> -Quadro; -Projeto; -Vídeos/apresentações - Informações sobre santa marta; - Dossiê; 	70 min.	<ul style="list-style-type: none"> - Revela conhecimento sobre o passado do meio local da sua freguesia bem como do distrito. - Revela conhecer outras características sobre Portugal: tradições, gastronomia, monumentos, entre outros.

Português: Leitura e escrita	Oralidade	correção da mesma.	Sala de aula;	10 min.	
		<p>quarta-feira (14-01-2015)</p> <p>Manhã</p> <p>Os alunos entram na sala de aula e sentam-se nos seus lugares preparando-se para iniciar o dia.</p> <p>Sumário</p> <p>A aula inicia-se com a escrita do sumário no quadro, pela professora estagiária. Este será copiado, pelos alunos nos seus cadernos diários</p> <p>Português</p> <p>A professora começa por questionar os alunos:</p> <p>-O que estou a fazer? (Prevê-se que digam: a falar)</p> <p>-Mas só eu é que falo?</p> <p>- Então se ambos falamos, estamos a criar alguma coisa não é? Como se chama esta coisa? (Prevê-se que digam que é uma conversa/diálogo)</p> <p>- E se escrever-mos tudo o que eu digo/pergunto e tudo que vocês falam pela ordem com que realizarmos esta conversa desde que começou? Seria possível?</p> <p>– Então dos tipos de texto que conhecem onde se enquadra este? Ou Que tipo de texto será este? (Prevê-se que digam que é o diálogo)</p> <p>- O que sabem sobre o diálogo?</p>			
		<p>15) Redigir corretamente.</p> <p>15.1) Utilizar caligrafia legível</p> <p>2) Produzir um discurso oral com correção;</p> <p>2.1) Usar a palavra com um tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado.</p>			
Leitura e escrita		<p>18) Escrever textos dialogais</p> <p>18.1) Escrever diálogos,</p> <p>Depois da conversa com os alunos acerca do diálogo, a professora estagiária apresenta uma pequena animação sobre: “ Aprender a dialogar” da porto</p>	-Quadro branco; -Caderno diário; -Marcadores;	10 min.	-Copia do quadro sem dar erros ortográficos e com uma caligrafia perceptível.
				70 min	<p>-Responde num tom de voz audível e, assertivamente às questões colocadas;</p> <p>-Emprega o uso de frases coesas e complexas às questões que lhes são colocadas;</p> <p>-Responde com clareza e coerência às questões que lhe são colocadas.</p> <p>-Consegue com facilidade ler e construir um diálogo.</p>
			- Cd porto editora;		

<p>Matemática: Número e operações</p>	<p>contendo a fase de abertura, a fase de interpretação e a fase de fecho.</p> <p>20)Rever textos escritos</p> <p>20.1)Verificar se o texto contém as ideias previamente definidas.</p> <p>20.2)Verificar a adequação do vocabulário usado.</p> <p>20.3)Identificar e corrigir os erros de ortografia que o texto contenha.</p> <p>3)Conhecer a numeração romana</p> <p>3.1)Conhecer e utilizar corretamente os numerais romanos.</p> <p>7)Multiplicar números naturais</p> <p>7.1)Saber de memória as tabuadas do 7, do 8 e do 9.</p> <p>7.3)Reconhecer que o produto de um número por</p>	<p>editora. Depois de os alunos estarem informados das regras apresentadas na animação, a professora estagiária propõe a realização da ficha de trabalho presente na página 75 do manual (anexo 13), assim como da página 83 da gramática (anexo 14).</p> <p>No final, os alunos poderão trocar o diálogo criado com o colega do lado (tarefa realizada com o apoio da informação das paginas anteriormente mencionadas) a fim de poderem realizar pequenas correções e/ou dar algumas sugestões de melhoria. Depois de realizada esta tarefa haverá a possibilidade de os alunos reformularem o diálogo para posteriormente ser lido à turma.</p> <p>No final a professora indica aos alunos que se irá realizar um ditado com zero erros.</p> <p style="text-align: center;"><u>Intervalo da manhã</u></p> <p>Matemática</p> <p>Durante a aula de matemática os alunos realizarão diversos exercícios tendo como intuito consolidar os assuntos abordados até então, bem como, a resolução de problemas -pagina 76 e 77 do manual (anexo 15). No final é realizada a correção. Esta revisão incidirá na:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Multiplicação de números naturais por 10, 100 e 1000; - Numeração romana; - Tabuada; <p>Como é já bem sendo atual a correção será realizada em grande grupo.</p>		90 min.	<p>-Sabe calcular mentalmente o produto de um número por 10/100/100</p> <p>-Resolve com facilidade os problemas propostos.</p> <p>-Sabe a numeração romana;</p>
---	---	--	--	---------	---

	<p>10,100,1000,etc. se obtém acrescentando à representação decimal desse numero o numero correspondente número de zeros.</p>	<p style="text-align: center;"><u>Almoço e recreio</u></p> <p style="text-align: center;"><u>Tarde</u></p> <p><u>Apoio ao estudo</u></p> <p>Durante o apoio ao estudo será realizada a preparação de algumas questões que ajudem a adquirir informação necessária para o desenvolvimento do dossiê de estudo do meio - nomeadamente no que diz respeito às tradições. Isto porque a turma terá a oportunidade e inquirir um dos responsáveis pela organização das festas e romarias na freguesia.</p> <p><u>Oferta Complementar</u></p> <p>No âmbito da cidadania e do projeto: “Vamos conversar com...”, foi convidado o Dr. Carlos Antunes para vir transmitir o seu conhecimento e vivências enquanto ex-deputado da assembleia da república assim como sobre o seu envolvimento nas festividades e romarias da freguesia (tema que está a ser desenvolvido no decorrer da semana- o passado). Para este momento foram igualmente convidados os 3º e 4º anos.</p> <p style="text-align: center;"><u>quinta-feira (15-01-2015)</u></p> <p style="text-align: center;"><u>Manhã</u></p> <p>Os alunos entram na sala de aula e sentam-se nos seus lugares preparando-se para iniciar o dia.</p>	<p>- Polivalente;</p> <p>Sala de aula;</p>	<p>30 min.</p> <p>90 min.</p> <p>10 min.</p>	
--	--	--	--	--	--

Português: Leitura e escrita	15) Redigir corretamente. 15.1) Utilizar caligrafia legível	<p><u>Sumário</u></p> <p>A aula inicia-se com a escrita do sumário no quadro, pela professora estagiária. Este será copiado, pelos alunos nos seus cadernos diários</p>	-Quadro branco; -Caderno diário; -Marcadores;	10 min.	-Copia do quadro sem dar erros ortográficos e com uma caligrafia perceptível.
	2) Produzir um discurso oral com correção; 2.1) Usar a palavra com um tom de voz audível, boa articulação e ritmo adequado. Substitui pronomes pessoais em detrimento dos nomes.	<p><u>Português</u></p> <p>A professora estagiária começa por relembrar os pronomes pessoais através da apresentação de um vídeo da escola virtual e de seguida pede aos alunos para realizarem alguns exercícios.</p> <p>Seguidamente a professora estagiária procede à leitura de um poema. Este será escutado pelos alunos e no final será recontado. Seguidamente a professora solícita aos alunos a concretização da ficha de trabalho sobre o poema. Apresentação e elaboração da caixa dos textos - caixa com divisões onde conterà personagens, espaços,... de modo que possibilitem a geração de ideias na construção de textos. Para a composição desta caixa os alunos serão desafiados a encontrar personagens, locais, entre outros para colocarem em casa gaveta. Assim sendo, haverá a possibilidade de os alunos em qualquer altura colocarem novos elementos. No final desta atividade os alunos são convidados a construir um texto que será avaliado e exposto no pódio da semana.</p>	- Vídeo: pronomes pessoais; -Ficha de trabalho 16 -Caixa -Cartões	70 min.	-Identificar pronomes pessoais e aplica-los corretamente -Responde com clareza e coerência às questões que lhe são colocadas
		<p style="text-align: center;"><u>Intervalo da manhã</u></p> <p><u>Matemática</u></p> <p>A professora estagiária, inicia a temática questionando os alunos se não falta</p>	- cuisenaire;	90 min.	-Concretiza operações

<p>Matemática: Número e operações</p> <p>Estudo do Meio Bloco 2 - À descoberta dos outros e das instituições</p>	<p>-Multiplicar números naturais - Conhecer centena de milhar</p> <p>O passado do meio local -Conhecer vestígios do passado (costumes e tradições locais) nomeadamente os bordados;</p>	<p>ainda aprenderem mais uma ordem no comboio das classes - milhares. Seguidamente coloca uma nova questão?</p> <p>- Então o que é a centena de milhar? Como a podemos obter?</p> <p>Depois de os alunos mencionarem diferentes estratégias a professora solicita a realização das atividades presentes nas páginas 78 e 79 do manual.</p> <p>Depois de realizada a correção a professora estagiária pede aos alunos para mencionarem números até à centena de milhar. De seguida, esta distribui por cada dois alunos material cuisenaire de modo que estes representem através do material os números anteriormente por eles mencionados.</p> <p><u>Almoço e recreio</u></p> <p><u>Tarde</u></p> <p><u>Estudo do Meio</u></p> <p>No âmbito do projeto: Vamos conversar com..." e tendo em consideração a temática desenvolvida durante a semana, decidiu-se aglutinar as duas turmas de terceiro anos e convidar a D. Juberta, especialista em bordados - elemento característico do passado e do presente do meio local, a partilhar com as turmas os segredos de tão nobre arte. Durante a sessão os alunos terão a possibilidade de colocar questões, de aprender e experimentar bordar realizando algumas das técnicas mais simples dos bordados.</p> <p><u>sexta-feira (16-01-2015)</u></p> <p><u>Manhã</u></p> <p>Os alunos entram na sala de aula e sentam-se nos seus lugares preparando-se para iniciar o dia.</p>	<p>- polivalente;</p> <p>Sala de aula;</p>	<p>90 min.</p> <p>10 min.</p>	<p>até à centena de milhar inclusive.</p> <p>-Perceciona o processo de confeção dos bordados.</p>
--	--	---	--	-------------------------------	---

<p>Português: Leitura e escrita</p> <p>Matemática: Número e operações</p> <p>Português: Literacia</p>	<p>15) Redigir corretamente. 15.1) Utilizar caligrafia legível</p>	<p><u>Sumário</u></p> <p>A aula inicia-se com a escrita do sumário no quadro, pela professora estagiária. Este será copiado, pelos alunos nos seus cadernos diários</p> <p><u>Matemática</u></p> <p>Em continuidade dos conteúdos introduzidos no dia anterior, os alunos realizarão diversos exercícios de aplicação presentes nas páginas 80 e 81 do manual. No final é realizada a correção.</p> <p>Seguidamente os alunos realizarão uma ficha de avaliação de conhecimentos.</p> <p><u>Intervalo da manhã</u></p> <p><u>Português</u></p> <p>A professora estagiária inicia a aula com a apresentação da obra, do Plano Nacional de Leitura: “A caixa de saudades” de Maria Alberta Meneres. Seguidamente é realizada a leitura e exploração da obra, sendo que no final, é concretizada a ficha de leitura sobre a mesma, bem como a sua correção.</p> <p><u>Almoço e recreio</u></p> <p><u>Tarde</u></p> <p>No âmbito do projeto de Folclore da escola, a turma de quinze em quinze dias integra uma sessão de folclore dirigido pelo Sr. Agostinho representante da escola de folclore de Santa Marta de Portuzelo.</p>	<p>-Quadro branco; -Caderno diário; -Marcadores;</p> <p>-Ficha de avaliação;</p> <p>-Livro;</p>	<p>10 min.</p> <p>70 min.</p> <p>90 min.</p> <p>60 min.</p>	<p>-Cópia do quadro sem dar erros ortográficos e com uma caligrafia perceptível.</p> <p>-Concretiza operações com até uma centena de milhar.</p> <p>-Sabe usar a palavra num tom de voz audível;</p>

<p>Expressões Artísticas e Físico Motoras: Jogos</p>	<p>2- Nos jogos coletivos com bola, tais como: Jogo de passes e da bola ao fundo, agir em conformidade com a situação:</p> <p>2.1-Se tem a bola, passar a um companheiro que esteja liberto, respeitando o limite dos apoios estabelecidos;</p> <p>2.2-Receber ativamente a bola com as duas mãos, quando esta lhe é dirigida ou quando a intercetar</p> <p>5-Cooperar com os companheiros procurando realizar as ações favoráveis ao cumprimento das regras e do objetivo. Tratar os colegas de equipa e os adversários com igual cordialidade e respeito, evitando ações que ponham em risco a sua integridade.</p>	<p><u>Expressões (motora)</u></p> <p>Imaginário: Passado</p> <p>Os alunos deslocam-se da sala de aula até ao campo de jogos</p> <p>A professora estagiária inicia a aula indicado qual o tema da mesma, o que vão trabalhar.</p> <p><i>“Eu vou ensinar e tu vais memorizar”</i> (relembrar as regras)</p> <p>A professora estagiária introduz as regras da sessão de expressão motora.</p> <p>As regras serão demonstradas da seguinte forma:</p> <p><i>Um apito</i> – parar no sítio onde se encontram e fazer silêncio;</p> <p><i>Dois apitos</i> – aproximar-se da professora;</p> <p>Dois apitos e apontar para o banco – sentar-se no banco;</p> <p>Depois de relembradas as regras a professora estagiária passa à explicação da atividade seguinte: “Vou dar-te o meu tesouro para dar a El-rei”</p> <p>Nesta atividade os alunos encontram-se dispostos de três a três. Como tal existirão 8 grupos. Pretende-se que com esta atividade os alunos explorem a bola e simultaneamente realizem algumas fintas. Assim sendo é indicado aos alunos dois são dos protetores do tesouro do reino e o outro será o ladrão. Desta forma os protetores do tesouro deverão passar a bola entre si e o ladrão tentará intercetar a bola. Sempre que o ladrão interceta a bola que é lançada por um protetor, trocam de papéis e assim sucessivamente de modo que todos tenham a possibilidade de explorar.</p> <p>No final da exploração a professora estagiária reúne os alunos no banco e</p>	<p>- Campo de jogos;</p> <p>-Apito:</p> <p>- Bolas;</p> <p>-Giz.</p>	<p>60 min.</p>	<p>-Demonstra atenção e empenho na realização das atividades;</p> <p>- Cumpre e respeita as regras da aula;</p> <p>-Está atendo ao jogo;</p> <p>-Passa a bola ao colega com êxito;</p> <p>-Respeita o limite de apoios;</p> <p>-consegue receber adequadamente a bola;</p> <p>- Interceta com eficácia;</p> <p>- Cooperar com os colegas de equipa;</p> <p>-Cria linhas de passe para receber a bola;</p> <p>- Sabe fintar;</p> <p>- Sente-se relaxado.</p>
--	---	--	--	----------------	---

	<p>6.2-Criar linhas de passe para receber a bola deslocando-se e utilizando fintas, se necessário.</p> <p>6.3-Optar por intercetar o passe, quando a sua equipa não tem bola.</p>	<p>procede à definição das equipas bem como à explicação do jogo que se seguirá: “ Vou preparar-me para a batalha”</p> <p>Neste jogo existem duas equipas com uma bola. Os jogadores de uma equipa tentam fazer o maior número de passes entre si, sem que a bola seja intercetada pelos jogadores da outra equipa, ou perdida por mau passe ou má receção.</p> <p>Regras:</p> <p>1-A equipa que tenta intercetar os passes tem menor número de jogadores;</p> <p>2- As equipas podem deslocar-se por todo o espaço de jogo;</p> <p>3-A bola é jogada com as mãos;</p> <p>4- Não é permitido:</p> <p>4.1 O contacto físico entre jogadores;</p> <p>4.2 Qualquer jogador tire a bola das mãos do colega</p> <p>5-Quando um jogador consegue intercetar a bola deixa-se de contabilizar o numero de passes da equipa contrária e passa-se a contabilizar os passes da equipa que conseguiu intercetar a bola à equipa contrária.</p> <p>6-Ganha quem conseguir obter o maior número de passes.</p> <p>Este jogo tem a variante inicial de só se realizarem 5 passes, já que à medida que os jogadores ganham contacto e técnica de jogo o número de passes é aumentado para 10. Só depois de interiorizado é que realizaram o numero de passes que entenderem e apenas jogarão em duas equipas. Já que até então o espaço encontra-se dividido em duas áreas de jogo, e como tal com quatro equipas a jogar.</p>			
--	---	---	--	--	--

		<p>No final, a professora estagiária dá 2 apitos e aponta para o banco onde explica o jogo que se segue: “ A batalha”</p> <p>Para a realização deste jogo existem apenas duas equipas com uma bola, num espaço limitado onde existem duas zonas também elas limitadas nas extremidades do campo. A equipa com posse de bola será a equipa que venceu no jogo anterior. Como tal, esta equipa deverá tentar colocar a bola na extremidade da equipa contrária. Progredindo no espaço de jogo (campo de batalha) através de passes de bola entre os colegas de equipa, enquanto a outra equipa tenta intercetar a bola.</p> <p>Regras:</p> <p>1-O jogo tem início com a bola no centro do campo com a posse da equipa que venceu o jogo anterior;</p> <p>2- Ambas as equipas podem deslocar-se por todo o espaço de jogo exceto pelas extremidades delimitadas;</p> <p>3-A bola é jogada através de passes e receções com as mãos;</p> <p>4-A bola tem de obrigatoriamente ser colocada na extremidade, pois não pode ser lançada ou atirada;</p> <p>5-O jogador com a posse de bola apenas poderá fazer dois apoios;</p> <p>6- Não é permitido:</p> <p>6.1 O contacto físico entre jogadores;</p> <p>6.2 Qualquer jogador tire a bola das mãos do adversário;</p> <p>6.3 Os jogadores entrem nas extremidades da equipa contrária sem ter posse de bola;</p>			
--	--	--	--	--	--

		<p>7- A infração de qualquer regra dá direito a punição. Isto é, O jogo recomeça com a posse de bola da equipa contrária no local de infração.</p> <p>6-Ganha quem conseguir colocar mais vezes a sua bola dentro da extremidade da equipa contrária.</p>			
--	--	---	--	--	--

Anexo 2 – Matriz curricular do 1.º CEB

Decreto-Lei n.º 176/2014, de 12 de dezembro

Ensino básico

1.º ciclo

1.º e 2.º anos

Componentes do currículo	Carga horária semanal
Português	Mínimo de 7 horas.
Matemática.	Mínimo de 7 horas.
Estudo do Meio	Mínimo de 3 horas.
Expressões Artísticas e Físico-Motoras . . .	Mínimo de 3 horas.
Apoio ao Estudo (a)	Mínimo de 1,5 horas.
Oferta Complementar (b)	1 hora.
Tempo a cumprir	Entre 22,5 e 25 horas.
Atividades de Enriquecimento Curricular (c)	Entre 5 e 7,5 horas.
Educação Moral e Religiosa (d)	1 hora.

3.º e 4.º anos

Componentes do currículo	Carga horária semanal
Português	Mínimo de 7 horas.
Matemática.	Mínimo de 7 horas.
Inglês	Mínimo de 2 horas.
Estudo do Meio	Mínimo de 3 horas.
Expressões Artísticas e Físico-Motoras . . .	Mínimo de 3 horas.
Apoio ao Estudo (a)	Mínimo de 1,5 horas.
Oferta Complementar (b)	1 hora.
Tempo a cumprir	Entre 24,5 e 27 horas.
Atividades de Enriquecimento Curricular (c)	Entre 3 e 5,5 horas.
Educação Moral e Religiosa (d)	1 hora.

(a) Apoio aos alunos na criação de métodos de estudo e de trabalho, visando prioritariamente o reforço do apoio nas disciplinas de Português e de Matemática, de acordo com o n.º 1 do artigo 13.º

(b) Atividades a desenvolver em articulação, integrando ações que promovam, de forma transversal, a educação para a cidadania e componentes de trabalho com as tecnologias de informação e de comunicação, de acordo com o n.º 2 do artigo 12.º

(c) Atividade de carácter facultativo, nos termos do artigo 14.º No caso de estas atividades serem oferecidas por entidade exterior à escola, o que carece sempre de contratualização, é necessária confirmação explícita do Ministério da Educação e Ciência para que a sua duração exceda 3 horas nos 3.º e 4.º anos e 5 horas nos 1.º e 2.º anos de escolaridade.

(d) Disciplina de frequência facultativa, nos termos do artigo 19.º»

Anexo 3 – Solicitação da autorização aos agrupamentos

Instituto Politécnico de Viana do castelo
Escola Superior de Educação
Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Exmo. Senhor(a)
Diretor(a) do Agrupamento

Assunto: Solicitação de autorização para recolha de dados

No âmbito de uma investigação a levar a efeito no Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, orientada pela Profª. Drª. Linda Saraiva, surge a necessidade de realizar uma recolha de informação através da aplicação de um inquérito por questionário aos encarregados de educação, aos alunos e aos professores titulares dos 3º e 4º anos. Este estudo visa identificar as perceções dos professores, alunos e encarregados de educação relativamente à EEFM no 1º CEB, bem como conhecer a forma como esta disciplina é operacionalizada em contexto escolar.

Posto isto, venho por este meio, solicitar V. Exa. a permissão para autorizar a recolha de dados nas escolas _____ pertencentes ao agrupamento.

Mais se informa que os dados recolhidos serão apenas usados para fins académicos , de modo que será mantido o anonimato e a confidencialidade dos mesmos.

Certos pela vossa colaboração e atenção disponibilizada, apresento previamente os meus agradecimentos.

A mestranda
Vânia Cristina Alves Cerqueira

A orientadora
Dr. Linda Saraiva

Autorizo
O(A) Diretor(a) do Agrupamento....

Anexo 4 – Autorização dos alunos dirigida aos encarregados de educação

Autorização

Estimado(a) Encarregado(a) de Educação,

Sou aluna do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, e pretendo realizar um estudo sobre as “Perceções dos alunos, dos professores e dos encarregados de educação relativamente à Educação Físico-Motora”.

Para a concretização deste estudo apenas será necessário responder a um questionário. Este será **confidencial e utilizado exclusivamente para fins académicos**. Todos os **dados serão devidamente codificados garantindo**, assim, o **anonimato** das fontes quando publicado.

Para o efeito, venho solicitar a **autorização do seu educando** para responder a um questionário. Em caso afirmativo, peço o favor de preencher o destacável deste documento. Agradecia também a sua **colaboração no preenchimento do questionário anexo** e a **devolução de ambos os documentos à professora titular**.

Caso seja necessário algum esclarecimento adicional estarei disponível para esse fim através do e-mail: vania_cerqueira_16@hotmail.com.

Agradeço desde já a sua disponibilidade.

A mestrandia

(Vânia Cristina Alves Cerqueira)

Eu, _____ Encarregado(a) de
Educação do(a) _____,
declaro que **autorizo** a participação do meu educando no estudo.

Assinatura: _____

Obs.:

Anexo 5 – Questionário dirigido aos professores

O presente questionário insere-se no âmbito de uma investigação a levar a efeito no mestrado de Educação Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo. Este questionário visa identificar "As percepções dos encarregados de educação, dos alunos e dos professores face à disciplina de Expressão e Educação Físico-Motora no 1º ciclo do Ensino Básico".

As respostas efetuadas no questionário serão usadas apenas para fins académicos, de modo que será mantido a confidencialidade e o anonimato. Este estudo só será possível de ser concretizado com a sua colaboração, sinceridade e exatidão no preenchimento deste questionário, de modo que as suas respostas serão fundamentais.

Caso surja alguma dúvida no preenchimento do mesmo estarei disponível através do email: vania_cerqueira_16@hotmail.com

Desde já agradeço a sua colaboração.

Questionário aos professores

Dados relativos ao professor:

Género: ☐ Masculino ☐ Feminino Idade: _____

Habilitações académicas:
☐ Bacharelato ☐ Mestrado
☐ Licenciatura ☐ Outra. Indique qual? _____

Nome do curso: _____

Tempo de Serviço: _____

Ano(s) de escolaridade que leciona: 1º ano ☐ 2º ano ☐ 3º ano ☐ 4º ano ☐

Por favor responda às seguintes questões:

1. É professor titular de turma?

Sim ☐

Não ☐ Qual?

☐ Professor(a) de Educação Física (especializado)

☐ Professor(a) de Expressões

☐ Professor(a) das AEC's: _____

☐ Outro(a): _____

2. Na sua opinião quem deverá ter a responsabilidade pela leção de Expressão e Educação Físico-Motora (EEFM)?

☐ Professor titular ☐ Professor Especializado ☐ Outro: _____

2.1. Justifique.

3. Na sua opinião esta disciplina deve ser:

☐ Obrigatória ☐ Facultativa ☐ Outro: _____

4. Acha que as horas semanais orientadas para a EEFM são suficientes e adequadas? Justifique.

5. Na sua opinião, acha que na EEFM os alunos parecem/estão mais empenhados e receptivos a participar nas atividades?

Sim ☐ Não ☐

5.1. Mencione porquê.

6. No decorrer da sua prática e ao longo da sua experiência profissional, acha que a EEFM tem sido bem desenvolvida na escola?

Sim ☐ Não ☐

6.1. Se respondeu não, justifique.

7. Conhece o programa oficial para a EEFM?

Sim ☐ Não ☐

7.1. Em caso afirmativo, refira o seu grau de conhecimento:

☐ Fraco ☐ Insuficiente ☐ Suficiente ☐ Bom ☐ Muito Bom

8. De que forma se sente seguro(a) na leção da EEFM?

☐ Muito inseguro ☐ Inseguro ☐ Pouco seguro ☐ Seguro ☐ Muito Seguro

8.1. Em que blocos e/ou matérias curriculares de EEFM se sente **menos** preparado?

Anexo

9. Acha que a sua **formação inicial** foi adequada para poder lecionar a EEFM no 1º Ciclo do Ensino Básico?

Sim ☐ Não ☐

10. Enquanto professor sentiu necessidade em concretizar ou já concretizou alguma formação específica para EEFM?

Sim ☐ Não ☐

8.1. Se respondeu sim, indique que formação(ões) concretizou e porquê.

11. Considera que a EEFM é importante no 1º CEB?

Sim ☐ Não ☐

12. Qual a importância que atribui à EEFM comparando com as restantes disciplinas?

☐ Menos importante ☐ A mesma importância ☐ Mais importante

12.1. Na sua opinião qual deveria ser a carga horária semanal atribuída às diferentes disciplinas?

(Tempo considerado em horas)

☐ Português

☐ Matemática

☐ Estudo do Meio

Expressões:

☐ Expressão e Educação Físico-motora

☐ Expressão e Educação Musical

☐ Expressão e Educação Dramática

☐ Expressão e Educação Plástica

13. Costuma lecionar EEFM?

Sim ☐ Não ☐

13.1. Se respondeu não indique porquê.

(Se respondeu não, passe para a questão 14)

13.2. Se respondeu sim, responda às seguintes questões:

- 13.2.1. Quantas vezes por semana? _____
- 13.2.2. Qual a duração média da aula? _____
- 13.2.3. Em que dia(s) da semana decorre? _____
- 13.2.4. Costuma seguir o programa oficial de EEFM? Sim ☐ Não ☐
- 13.2.5. Indique que blocos programáticos costuma trabalhar? _____
- _____
- _____
- _____

14. Na sua escola existem atividades de enriquecimento curricular(AEC)?

- Sim ☐ Não ☐ (Se respondeu não, acaba de terminar o questionário.
Obrigado(a) por colaborar!)

14.1. Caso tenha respondido sim, alguma delas está relacionada com as atividades físicas e desportivas?

- Sim ☐ Não ☐ (Se respondeu não, acaba de terminar o questionário.
Obrigado(a) por colaborar!)

14.2. Sabe quais as atividades que costumam ser implementadas nas aulas das AEC?

14.3. Quem leciona?

- ☐ Eu (o professor inquirido)
- ☐ Professor(a) titular da turma
- ☐ Professor (a) das AEC's.
- ☐ Professor(a) de Educação Física.
- ☐ Professor(a) de Expressões.
- ☐ Outro(a) - Quem? _____
- ☐ Não sei

14.4. Quantas vezes por semana? _____

14.5. Qual a duração média da aula? _____

14.6. Em que dia(s) da semana decorre? _____

Terminou o seu questionário.
Obrigado(a) pela colaboração!

Questionário dirigido aos alunos

Olá caro(a) aluno(a),
Estou a realizar um estudo para saber o que pensam os alunos sobre a "Educação Física" (Educação e Expressão Físico-Motora), daí precisar da tua ajuda.
Preciso que sejas sincero(a) e digas o que pensas, pois não há respostas certas ou erradas.
Lê com calma e atenção as questões e em caso de dúvida pergunta ao professor (ele não te dará a resposta mas ajudar-te-á a perceber o que é pedido). Para responder, basta assinalares com uma [X] e em algumas questões escreveres o que pensas. Nunca escrevas o teu nome.
Não te preocupes apenas ou irás ler o que escreveste e também não saberei quem és, porque será segredo.
Obrigada.

Questionário aos alunos

Dados relativos ao aluno:

Género: ☐ Masculino ☐ Feminino Idade: _____

Ano de escolaridade: 1º ano ☐ 2º ano ☐ 3º ano ☐ 4º ano ☐

Por favor responde às seguintes questões:

1. Tens aulas de "Educação Física" (Expressão e Educação Físico-Motora) na tua escola?

Sim ☐ Não ☐ (se responderes não, passa para a questão 8)

- 1.1. Se respondeste sim, responde às seguintes questões:

1.1.1. Quantas vezes por semana? _____

1.1.2. Qual a duração da aula? _____

1.1.3. Em que dia(s) da semana? _____

2. Quem leciona (dá) a aula de "Educação Física"?

☐ Professor(a) titular de turma
☐ Professor (a) das AEC.
☐ Professor(a) de Educação Física.
☐ Professor(a) das Expressões.
☐ Outro(a). Quem? _____
☐ Não sei

3. Gostas das aulas de "Educação Física"?

☐ Não gosto
☐ Gosto pouco
☐ Gosto
☐ Gosto muito

4. Gostavas de ter mais vezes a aula de "Educação Física"?

Não ☐ Quantas vezes por semana? _____
Sim ☐

5. O que **mais** gostas de fazer nas aulas de "Educação Física"? (Podes assinalar mais do que uma opção)

☐ Lançar bola, saltar à corda, passar por dentro do arco, driblar... (Perícia e manipulação)
☐ Rastejar, rolar, cambalhota à frente, saltar obstáculos, subir espaldar... (Deslocamentos e equilíbrios)
☐ Cambalhota à retaguarda, saltar ao eixo, lançar e receber o arco, roda, saltar à corda... (Ginástica)
☐ Jogo de passes, bola ao capitão, jogo do mata, jogo do stop, futebol, vôlei... (Jogos)
☐ Com os patins: arrancar, deslizar, travar, curar, meia volta... (Patinagem)
☐ Danças e movimentos, criar pequenas "coreografias"... (Atividades Rítmicas e expressivas)
☐ Percurso no bosque/montanha, orientação através de mapa... (Percursos na natureza)
☐ Na piscina: flutuar, mergulhar, saltar de cabeça, nadar em diferentes estilos, "crol"... (Natação)

6. O que **menos** gostas de fazer nas aulas de "Educação Física"? (Podes assinalar mais do que uma opção)

☐ Lançar bola, saltar à corda, passar por dentro do arco, driblar... (Perícia e manipulação)
☐ Rastejar, rolar, cambalhota à frente, saltar obstáculos, subir espaldar... (Deslocamentos e equilíbrios)
☐ Cambalhota à retaguarda, saltar ao eixo, lançar e receber o arco, roda, saltar à corda... (Ginástica)
☐ Jogo de passes, bola ao capitão, jogo do mata, jogo do stop, futebol, vôlei... (Jogos)
☐ Com os patins: arrancar, deslizar, travar, curar, meia volta... (Patinagem)
☐ Danças e movimentos, criar pequenas "coreografias"... (Atividades Rítmicas e expressivas)
☐ Percurso no bosque/montanha, orientação através de mapa... (Percursos na natureza)
☐ Na piscina: flutuar, mergulhar, saltar de cabeça, nadar em diferentes estilos, "crol"... (Natação)

7. Assinala com X **a que costumavas fazer nas aulas** "Educação Física"? (Podes assinalar mais do que uma opção)

☐ Lançar bola, saltar à corda, passar por dentro do arco, driblar... (Perícia e manipulação)
☐ Rastejar, rolar, cambalhota à frente, saltar obstáculos, subir espaldar... (Deslocamentos e equilíbrios)
☐ Cambalhota à retaguarda, saltar ao eixo, lançar e receber o arco, roda, saltar à corda... (Ginástica)
☐ Jogo de passes, bola ao capitão, jogo do mata, jogo do stop, futebol, vôlei... (Jogos)
☐ Com os patins: arrancar, deslizar, travar, curar, meia volta... (Patinagem)
☐ Danças e movimentos, criar pequenas "coreografias"... (Atividades Rítmicas e expressivas)
☐ Percurso no bosque/montanha, orientação através de mapa... (Percursos na natureza)
☐ Na piscina: flutuar, mergulhar, saltar de cabeça, nadar em diferentes estilos, "crol"... (Natação)

8. Qual a disciplina que **mais** gostas? (Enumera de 1 a 7, sendo que **1 é a que mais gostas** e **7 a que menos gostas**)

☐ Português
☐ Matemática
☐ Estudo do Meio
☐ Expressão e Educação Físico-motora (Educação Física)
☐ Expressão e Educação Musical (Música)
☐ Expressão e Educação Dramática (Teatro)
☐ Expressão e Educação Plástica (trabalhos manuais: desenho, pintura...)

9. Na tua opinião porque é importante a "Educação Física"? (Podes assinalar mais do que uma opção)

- ☐ Melhorar a minha condição física.
- ☐ Socialização (fazer amigos)
- ☐ Aprender a fazer desporto: coletivo e individual
- ☐ Lazer (divertir-me)
- ☐ Saúde
- ☐ Libertar energias
- ☐ Desenvolver o espírito de ética e o espírito desportivo (aprender a respeitar as regras, saber perder,...)
- ☐ Adquirir valores / competências individuais (respeito, autonomia, responsabilidade,...)
- ☐ Outras hipóteses. Quais? _____

10. Em relação às outras disciplinas (Português, Matemática, Estudo do Meio, etc.) qual a importância que atribuis à "Educação Física"?

- ☐ Sem importância
- ☐ Pouco importante
- ☐ A mesma importância
- ☐ Muito importante

11. Na tua escola existem atividades de enriquecimento curricular (AEC)?

Sim ☐ Não ☐ (se respondeste não, guarda segredo pois acabaste de terminar o questionário. Obrigado(a) por colaborar(es)!

11.1. Se respondeste sim, frequentas alguma AEC onde pratiques atividades físicas e desportivas?

Sim ☐ Não ☐ (se respondeste não, guarda segredo pois acabaste de terminar o questionário. Obrigado(a) por colaborar(es)!

11.1.1. Se respondeste sim, que atividades costumás realizar?

Agora que terminaste, o segredo fica guardado.

Obrigado(a) por colaborar(es)!

Anexo 7 – Questionário dirigido aos encarregados de educação

O presente questionário insere-se no âmbito de uma investigação a levar a efeito no mestrado de Educação Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo. Este questionário visa identificar "As percepções dos encarregados de educação, dos alunos e dos professores face à disciplina de Expressão e Educação Físico-Motora no 1º ciclo de Ensino Básico".

Não existem respostas certas ou erradas. Apenas a sua opinião é importante. As respostas efetuadas no questionário serão usadas apenas para fins académicos, de modo que será mantida a confidencialidade e o anonimato. Este estudo só será possível de ser concretizado com a sua colaboração, sinceridade e exatidão no preenchimento deste questionário, de modo que as suas respostas serão fundamentais.

Caso surja alguma dúvida no preenchimento do mesmo estarei disponível através do email: vania_cerqueira_16@hotmail.com

Desde já agradeço a sua colaboração.

Questionário aos Encarregados de Educação

Dados relativos ao encarregado de educação:

Género: ☐ Masculino ☐ Feminino Idade: _____

Habilitações académicas: _____

Ano de escolaridade do seu educando: 1º ano ☐ 2º ano ☐ 3º ano ☐ 4º ano ☐

Por favor responda às seguintes questões:

1. O seu educando tem aulas de Expressão e Educação Físico-Motora na escola?

Sim ☐ Não ☐ (Caso tenha respondido não, passe para a questão 4)

Se respondeu sim, responda às seguintes questões:

1.1. Quantas vezes por semana? _____

1.2. Qual a duração da aula? _____

1.3. Em que dia(s) da semana? _____

2. Quem leciona a aula de Expressão e Educação Físico-Motora?

☐ Professor(a) titular de turma
☐ Professor (a) das AEC.
☐ Professor(a) de Educação Física.
☐ Professor(a) das Expressões.
☐ Outro(a). Quem? _____
☐ Não sei

3. Conhece que tipo de matérias/ atividades são abordadas nessas aulas de Expressão e Educação Físico-Motora?

Sim ☐ Não ☐

Caso tenha respondido sim, diga que tipo de matérias / atividades o seu educando realiza nessas aulas.

4. Na sua opinião, acha que a escola do seu educando reúne boas condições para a prática de Expressão e Educação Físico-Motora?

Sim ☐ Não ☐

- 4.1. Se respondeu não, aponte que condições gostaria que a escola do seu educando tivesse possuído para a prática de Expressão e Educação Físico-Motora?

5. Na sua opinião, considera a Expressão e Educação Físico-Motora é uma disciplina importante para o desenvolvimento integral do seu educando?

5.1. Mencione porquê.

6. Qual a importância que atribui à Expressão Educação Físico-Motora comparativamente às restantes disciplinas?

☐ Menos importante ☐ Mesma importância ☐ Mais importante

7. O seu educando pratica alguma atividade/ modalidade desportiva fora do contexto escolar?

Sim ☐ Não ☐

7.1. Se respondeu sim, indique qual(ais)? _____

7.2. Quantas vezes por semana? _____

7.3. Qual(ais) a(s) razão(ões) do seu educando praticar essas atividades fora do contexto escolar?

Terminou o seu questionário.

Obrigado(a) pela colaboração!